



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

BIANCA CRUZ DOS ANJOS

A CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES: sociabilidades e difusão do higienismo em
Recife (1880- 1924)

Recife

2019

BIANCA CRUZ DOS ANJOS

A CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES: sociabilidades e difusão do higienismo em Recife (1880- 1924)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de pesquisa: Relações de poder, sociedade e ambiente

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda

Recife

2019

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

A599c Anjos, Bianca Cruz dos.
A Casa de Banhos dos Arrecifes : sociabilidades e difusão do higienismo em Recife (1880-1924) / Bianca Cruz dos Anjos. – 2019.
168 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2019.
Inclui referências, apêndice e anexos.

1. Recife - História. 2. Banhos de mar. 3. Casas de banho. 4. Casa de Banhos dos Arrecifes. I. Miranda, Carlos Alberto Cunha (Orientador). II. Título.

981.34 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2019-156)

BIANCA CRUZ DOS ANJOS

A CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES: sociabilidades e difusão do higienismo em Recife (1880- 1924)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: 22/02/2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr. Christine Paulette Yves Rufino Dabat (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Wellington Barbosa da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Virgem Maria e São Bento pelas graças alcançadas. À minha família, em especial às minhas tias Cleonice, Cristina e Izabel e à minha prima Yasmim, que sempre me apoiaram e confortaram nos momentos difíceis ao longo da vida; à minha querida mãe, Célia Maria, pela paciência e pelos conselhos que me tornaram uma pessoa mais forte para lidar com os obstáculos encontrados na minha jornada; ao meu pai, Conrado Faustino, pelos momentos de conversas para aliviar minha ansiedade.

Ao professor Carlos Miranda, amigo que conquistei durante os meus estudos na UFPE, grata por todos os anos de parceria acadêmica e emocional, especialmente pelas suas orientações acerca dos novos estudos sobre a História da Medicina em Pernambuco;

A professora Christine Dabat, que ao longo da minha graduação e mestrado, sempre contribui com seu vasto conhecimento para ampliação dos meus horizontes históricos.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, especialmente a Sandra Regina, Patrícia Campelo e Maria Carolina que nos momentos de dúvidas e dificuldades burocráticas, sempre se mostraram solícitas e compreensivas no exercício do seu trabalho.

A Levi Rodrigues, que sempre esteve ao meu lado, me ajudando a dirimir as dúvidas durante o início da pesquisa. Esse agradecimento, eu estendo a Rogéria, que, com seu jeito leve de viver, me proporcionou muitas vezes, a calma necessária para lidar com os problemas;

Aos colegas de turma da graduação, com quem partilhei muitas incertezas. Entre eles, encontrei pessoas bastante queridas: Viviane Holanda, Bianca Ramos, Jennifer Regiane, Yuri Euzébio, cada um a seu jeito e com suas qualidades e amor tornou minhas angústias mais leves. Viviane Holanda, seu conhecimento, determinação e ombro amigo me deu forças para consolidar essa dissertação. Bianca Ramos, sua perspicácia em lidar com as mais adversas situações acadêmicas mostrou que devo acreditar mais em mim. Jennifer Regiane, grande companheira de sorrisos, sempre esteve ao meu lado quando precisei desabafar. Yuri Euzébio, um irmão para a vida toda, suas brincadeiras e carinho sempre foram reluzentes diante das dificuldades ao longo da minha jornada acadêmica.

Agradeço profundamente o esforço de “seu Pimentel”, “seu Miguel”, Marta, Renata, Bruno (chefe de seção dos processos da SPU/PE) e Felipe (superintendente da SPU/PE) em digitalizar e liberar todo o processo da Casa de Banhos dos Arrecifes, contendo plantas,

documentos da Delegacia Fiscal de Pernambuco e Fiscalização do Porto, pertencente ao Ministério da Marinha e arquivado na SPU/PE (Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco)

Esta produção e o processo de pesquisa não seriam possíveis sem o investimento da CAPES/DS. Notadamente, o investimento público é imprescindível para os avanços da ciência no país, além de promover pesquisas que descortinem novos estudos.

RESUMO

A articulação entre médicos e Estado, vigente no século XIX, propiciou os cuidados com a saúde e higiene pública, bem como a preocupação de “embelezar” e “civilizar” as cidades. Alinhados a esse quadro social, os avanços da medicina permitiram a descoberta sobre o uso dos banhos de mar no combate a diversos males. Esse recurso terapêutico é amplamente difundido na Europa, chegando até o Brasil e as principais metrópoles do país, como Recife. Assim, pela iniciativa da Secretária da Presidência, a mando do vice-presidente da Província do Recife, em 1879, segundo a lei de n. 880, Carlos José de Medeiros aceita a concessão e, em 1880, funda a Casa de Banhos dos Arrecifes. Seguindo as prescrições médicas, a empresa passa a oferecer os serviços terapêuticos de banhos de mar, as suas acomodações higiênicas e sua estrutura sob os arrecifes, com vista para o mar, também proporcionava a sensação de bem-estar aos seus clientes. No início do século XX, o Recife passou por profundas transformações na sua infraestrutura, mas o processo de modernização não atingiu apenas a aparência física da cidade, novas formas lazer e convivência construíram o estilo de vida moderno. Imersa nesse contexto social, a Casa de Banhos assumiu uma nova roupagem e passou a ser vista como um notável espaço de sociabilidade, a sua ornamentalidade, cardápio refinado e eventos solenes atendiam aos anseios de uma classe dominante que buscava fomentar os ideais e os símbolos da modernidade no Recife. O estabelecimento balneário é lembrada pelo seu esplendor, mas sua história também carrega a tragédia de um incêndio, ocorrido em 1924, tornando-se o principal fator de sua decadência, mas o seu legado é capaz de evocar a curiosidade e saudosismo de um Recife que ainda precisa ser descoberto. A dissertação pretende perscrutar o papel da Casa de Banhos dos Arrecifes na construção de um Recife moderno, apoiada no estudo comparativo dos discursos emitidos pelos jornais, revistas da cidade e documentos oficiais, também não relegamos as relações de poder entre as classes sociais e os relatos dos trabalhadores populares, além disso, utilizamos fotografias e cartões postais como recursos visuais importantes para entender as alterações físicas da cidade e do balneário.

Palavras-Chave: Banhos de mar. Casa de Banhos dos Arrecifes. Recife

ABSTRACT

The articulation between doctors and the State, in force in the nineteenth century, provided health care and public hygiene, as well as a problem of "beautifying" and "civilizing" cities. Aligned to a social social, the advances of medicine allowed a discovery on the use of the sea baths in the game of fight between men. This therapeutic resource is widely diffused in Europe, reaching as far as Brazil and as the country's main metropolises, such as Recife. Thus, by the initiative of the Secretary of the Presidency, in 1879, according to the law of n. 880, Carlos José de Medeiros accepts a concession and, in 1880, founds the House of Baths of the Reefs. Following the medical presets, the company now offers the therapeutic services of sea baths, such as its hygienic accommodation and its structure under the risks, overlooking the sea, also providing a sense of well-being to its clients. At the beginning of the 20th century, Recife underwent profound transformations in its infrastructure, but the modernization is not only shared by the physical appearance of the city, the new forms of leisure and coexistence have built the modern lifestyle. Immersed in this social context, the House of Baths took on a new management and came to be seen as a space of sociability, its ornamentality, the exquisite menu and the events attended to the yearnings of a class of currents that seek to foment the ideals and the symbols of modernity in Recife. The resort is remembered for its splendor, but its history also carries a tragedy of a fire, which occurred in 1924, becoming the main factor of its decadence, but its legacy is able to evoke a curiosity and longing for a Recife which still needs to be discovered. The dissertation aims to examine the role of the House of the Baths of the Reefs in the Construction of a Modern, supported in the comparative study of the speeches issued by the newspapers, city magazines and official documents, are also not relegated as relations of power between social classes and reports of popular rights, in addition, use photographs and sources of resources as visual resources to understand the physical changes of the city and the resort.

Keywords: Sea baths. Reef Bath House. Recife.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Casa de Banhos do Carmo.....	57
Figura 2 - Bandeira do Brasil hasteada na Casa de Banhos dos Arrecifes, ao fundo o Porto do Recife.	65
Figura 3 - Cartão Postal da Casa de Banhos dos Arrecifes.....	66
Figura 4 - Coisas de Coioices (Troca de roupas nos banheiros de praia).....	90
Figura 5 - Obras de Melhoramento do Porto do Recife.....	95
Figura 6 - Cartão-postal da Casa de Banhos nos Arrecifes.....	99
Figura 7 - Cartão-postal Casa dos Banhos.....	100
Figura 8 - Cartão-postal Casa de Banhos.....	101
Figura 9- Foto da Casa de Banhos.....	108
Figura 10 - “Um salto na Casa de Banhos, sobre o leito do Capibaribe”	124
Figura 11 - Banhos de mar nas piscinas naturais da Casa de Banhos.....	128
Figura 12 - Ruínas da Casa de Banhos depois do incêndio.....	132
Figura 13 - Banhistas na Praia do Pina.....	135
Figura 14 - Praia de Pernambuco (Boa Viagem) – 1927.....	135
Figura 15 - A vida nas praias.....	136
Figura 16 - Momentos a beira-mar.....	138
Figura 17 - Exposição dos corpos ao sol na praia.....	138
Figura 18 - O banho de sol na praia.....	140
Figura 19 - Momentos antes do banho de mar.....	140
Figura 20 - Piscinas naturais com banhos de mar por choque mecânico.....	143
Figura 21 - Aspectos da estrutura da Casa de Banhos.....	145

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	AS PERCEPÇÕES SOBRE O MAR.....	20
2.1	O DISCURSO MÉDICO SOBRE OS BANHOS DE MAR.....	24
2.1.1	Os estudos climatológicos a serviço da Medicina.....	26
2.1.2	Os efeitos dos banhos de mar no tratamento da tuberculose.....	31
2.1.3	As recomendações da hidroterapia marinha.....	33
2.2	O COSTUME DOS BANHOS DE MAR CHEGA AO BRASIL.....	39
2.3	OS BANHOS DE MAR EM RECIFE.....	49
2.3.1	A Barca de Banhos do Recife.....	54
2.3.2	A Casa de Banhos no Pátio do Carmo.....	57
3	A TRAJETÓRIA DA CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES: DA TERAPIA AO LAZER.....	63
3.1	O USO DOS BANHOS DE MAR PARA FINS TERAPÊUTICO.....	75
3.2	SOCIABILIDADE E LAZER.....	86
3.3	A CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES APÓS O FALECIMENTO DE CARLOS JOSÉ DE MEDEIROS.....	93
3.4	NOVA FASE DA CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES SOB A DIREÇÃO DE SIDNEY RHODES.....	106
3.4.1	A prática de esportes na Casa de Banhos.....	114
4	A SAUDOSA CASA DE BANHOS: DO ESPLENDOR A DECADÊNCIA.....	118
4.1	O INCÊNDIO DA CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES.....	118
4.2	AS CONSEQUÊNCIAS DO INCÊNDIO.....	127
4.3	DAS RECOMENDAÇÕES MÉDICAS AO LAZER: OS NOVOS USOS DOS BANHOS DE MAR.....	133

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
	REFERÊNCIAS.....	151
	APÊNDICE A – FONTES UTILIZADAS.....	157
	ANEXO A- FOTOGRAFIAS DA CASA DE BANHOS DO SÉC. XIX E XX, CONTENDO 120 DOCS. COM FOTOGRAFIAS E NEGATIVOS.....	158
	ANEXO B- FOTOGRAFIAS DA CASA DE BANHOS DO SÉC. XIX E XX, CONTENDO 120 DOCS. COM FOTOGRAFIAS E NEGATIVOS.....	159
	ANEXO C- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.....	160
	ANEXO D- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.....	161
	ANEXO E- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.....	162
	ANEXO F- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.....	163
	ANEXO G- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.....	164
	ANEXO H- PLANTA DA CIDADE DO RECIFE (1906).....	165
	ANEXO I- PLANTA DE UM TRECHO DOS ARRECIFES ONDE ESTÁ CONSTRUÍDA A CASA DE BANHOS.....	166
	ANEXO J- PLANTA DE UM TRECHO DOS ARRECIFES ONDE ESTÁ SITUADA A CASA DE BANHOS E O PROJETO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM TRAPICHE.....	167
	ANEXO L- PLANTA DE UM TRECHO DOS ARRECIFES ONDE ESTÁ A CASA DE BANHOS E UM PROJEETO DE UMA CASA PARA BANHISTAS.....	168

1 INTRODUÇÃO

A graduação em História exige uma leitura profunda sobre obras e autores clássicos, conhecimento sobre as correntes historiográficas, análise crítica das fontes e paixão pela profissão que exerce. Ao longo do curso, descobri que as doenças e surtos epidêmicos são capazes de ditar comportamentos, provocar o medo coletivo, acarretar crises econômicas e orientar diretrizes políticas e ideológicas na sociedade. Mediante essas descobertas, aprofundaram-se as leituras sobre a história das doenças e sobre o desenvolvimento da ciência médica no Brasil e em Pernambuco, resultando na produção do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: *Tratado Único da Constituição Pestilencial de Pernambuco: primeira descrição dos males ocorridos na capitania de Pernambuco no século XVII*.

As leituras para o trabalho de conclusão de curso apontaram o uso dos banhos de rio como um recurso terapêutico indicado pelos médicos e pelo conhecimento popular durante o século XVIII, além disso, algumas prescrições médicas tratavam com desdém o uso dos banhos salgados, acreditavam que a poluição das praias e as propriedades químicas das águas marinhas poderiam prejudicar o organismo debilitado. O contato com essa literatura médica do século XVIII gerou os seguintes questionamentos: Os banhos de mar também eram utilizados como recurso terapêutico? Havia estudos médicos que se dedicavam às prescrições dos banhos de mar? Como os banhos de mar eram vistos pela população, políticos e intelectuais recifenses? Como os banhos de mar foram difundidos no Recife? Como os banhos de mar se tornaram uma atividade de lazer no Recife? A busca por essas respostas indicou um novo recorte temporal e espacial a ser estudado, a virada do século XIX para o século XX, durante esse período o Recife estava vivenciando o processo de modernização, que viabilizou o alargamento das ruas, instalação de uma rede de esgoto, reforma do Porto, preocupações com o saneamento e saúde pública, adoção de novos hábitos e descobertas médicas.

Seguindo essa linha de pensamento, inicialmente, a pesquisa foi norteadada por obras que abordam o processo de modernização e difusão do higienismo no Recife, a construção social das praias, a origem dos banhos de mar na Europa e sua divulgação no Brasil e a criação de novos espaços de sociabilidade.

O processo de modernização verificado no Recife também atingiu diversas capitais do Brasil. As transformações ocorridas nessa época envolviam uma noção de dualidade, isto é, o confronto entre o “velho” e “novo”, as visões sobre si e sobre os outros através do ritmo acelerado do tempo e das modificações nos espaços de convivência. Vale ressaltar que os conceitos modernidade e modernização mantêm um vínculo de reciprocidade, pois a

modernidade, enquanto um conjunto de valores, comportamentos e os aspectos ideológicos, necessita das mudanças provocadas pela modernização da economia e de avanços tecnológicos.¹

Manuel Castells, na sua obra, *A questão urbana*, também demonstra que o espaço urbano não representa um conjunto fixo de edificações e interesses econômicos. A cidade traduz o movimento de conteúdos ideológicos produzidos por práticas sociais articuladas a diversas esferas de poder.²

A construção de um novo Recife foi pauta de projetos políticos, em conjunto com os interesses de engenheiros, arquitetos, intelectuais, médicos, higienistas e a burguesia em ascensão, que desejavam dotar a cidade com aspectos civilizados. O conceito civilização, empregado nesse trabalho, está relacionado ao uso “moderno” da palavra, que teve início no século XVIII, visando designar polimento ou correção de costumes, segundo Jean Starobinski³, o vocábulo civilização significa refinamento dos hábitos, organização social e aumento de conhecimentos em diversas áreas do saber.

Na obra: *Recife do Corpo Santo*, o historiador Vanildo Bezerra Cavalcanti disserta sobre a reforma do Porto, as transformações no traçado urbano do Bairro do Recife, a construção do discurso higienista, as intervenções nas moradias insalubres e os problemas de abastecimento d’água. O autor ainda esclarece que esse contexto social proporcionou o surgimento das Barcas de Banho e da famosa Casa de Banhos do Pátio do Carmo. O autor também dedica sua atenção para o surgimento da Casa de Banhos dos Arrecifes, conhecida como Grande Estabelecimento Balneário de Pernambuco, e faz um breve apanhado de fontes jornalísticas e relatos de memorialistas que descrevem a trajetória histórica da empresa, desde a sua construção, passando pelo seu regulamento, como os banhos de mar eram tomados até os rumores sobre sua decadência.

A leitura da obra, *As praias e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda*, da historiadora Rita de Cássia Araújo, foi fundamental para construir um conhecimento prévio

¹ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a família à nossa imagem:** A Construção de Conceitos de Família no Recife Moderno (Décadas de 20 e 30). Tese de Doutorado em história, Recife: UFPE-CFCH, 2002 apud ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Entre o poder e a ciência:** história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930), Recife, 2016, p.25.

² CASTELLS, Manuel. **A questão urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra Sociologia, 1983 apud MÜLLER, Gláucia Regina Ramos. **A influência do urbanismo sanitário na transformação do espaço urbano de Florianópolis.** 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2002, p.49.

³ STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização:** ensaios; tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 apud NASCIMENTO, Bruno Nery do. **Entre a “Mendigópolis” e o “Recife Novo”:** reforma urbana, higiene e políticas de saúde para as mulheres no governo de Sérgio Loreto (Pernambuco, 1922 - 1926). 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016, p. 45.

sobre o funcionamento e os frequentadores da Casa de Banhos. Sobre a proposta de criação do estabelecimento, a historiadora descreve que em 1868, o governo provincial expediu um documento que dava concessão aos interessados em construir uma casa de banhos salgados nos arrecifes. Em 1869, o governo sancionou a lei de n. 880 que autorizava e concedia os direitos a empresas de capital privado para investir, mas não houve êxito. Passado dez anos da iniciativa, a Secretária da Presidência, a mando do vice-presidente da Província, em 1879, informou novamente a concessão aos interessados em construir um estabelecimento voltado para os banhos salgados,. Terminado o prazo de propostas a ser recebido, o único interessado foi o comerciante de tecidos, Sr. Carlos José de Medeiros, que fundou a Casa de Banhos dos Arrecifes, em 1880. O contratante tinha dezoito meses para franquear o estabelecimento ao público, o proprietário também conseguiu a posse do sítio através dos privilégios concedidos pela Marinha, além de prolongar este prazo para um longo período de noventa e nove anos, mediante autorização do governo.⁴

As matérias nos jornais demonstravam a articulação entre o discurso higienista e as indicações médicas dos banhos de mar, segundo Araújo, o mar, gradualmente, tornava-se importante aos olhos da sociedade do século XIX, especificamente, à vista de parte dessa população, representada pelas classes dominantes.⁵

Raimundo Pereira Alencar Arrais, em sua obra, *Recife, Culturas e Confrontos: as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*, também registra com detalhes como os diversos âmbitos sociais foram atingidos pelo higienismo, que circulava em fins de século XIX e início do século XX, visto que “em nenhuma outra época, no Recife, a preocupação com a insalubridade se expandiu tanto, integrando-se em campos tão diversos: medicina, na literatura, no jornalismo, no humor, no senso comum”.⁶ Seguindo essa linha de pensamento, Cátia Wanderley, na sua obra: *Bairro do Recife: entre o Corpo Santo e o Marco Zero*⁷ de Lubambo, também comenta que a intervenção do Estado foi fundamental para implantação das medidas higiênico-sanitárias no cotidiano do Recife.

A análise histórico-social da implantação do discurso higienista nos permite compreender as relações e percepções sobre a praia e os banhos de mar. Esse contato com o

⁴ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **As praias e os dias:** história social das praias do Recife e de Olinda. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

⁵No jornal, A Província, de 28 de abril de 1906, consta um artigo escrito por Carlos Medeiros ao redator desse jornal.

⁶ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, Culturas e Confrontos:** as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911. Natal: Editora URN, 1998, p.56.

⁷LUBAMBO, Cátia Wanderley. **Bairro do Recife:** entre o Corpo Santo e o Marco Zero. Recife-PE. CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991, p.79.

ambiente praieiro é relativamente curto na história da sociedade brasileira, sobretudo para a história do Recife. Os novos usos da praia se deram em um período de pouco mais de um século, os primeiros contatos com as virtudes terapêuticas dos banhos de mar tornam-se evidente em meados do século XIX, seguindo as prescrições médicas, os banhistas deveriam seguir horários regulados para exposição do corpo ao sol e as águas marinhas. Precisamos salientar que, anteriormente às práticas dos banhos de mar, as temporadas convidativas nos arrabaldes para o uso banhos de rio, como terapia e diversão, marcaram o cotidiano da população recifense salgados.

A praia, nesse estudo, é vista como um espaço histórico e culturalmente construído, embora tenhamos conhecimento de suas características geomorfológicas e conceitos geográficos. Além disso, a “domesticação” da praia e o conhecimento sobre as propriedades químicas dos sais minerais presentes na água do mar são comportamentos e conhecimentos vindos das sociedades europeias, sobretudo Londres e Paris⁸, assimilados pelas classes dominantes, conforme os avanços áreas científicas, tecnológicas, políticas e culturais vivenciados em Pernambuco.

A instalação dessa empresa de banhos salgados por Carlos Medeiros vai representar o reflexo social da época, isto é, o processo de modernização do Recife acentuou as disparidades sociais e econômicas. Segundo Rita de Cássia Araújo, “a Casa de Banhos dos arrecifes foi concebida e montada para atender uma clientela formada pelas gentes da elite e da classe média [...]”⁹. Vê-se que aqueles que tinham acesso aos banhos salgados na Casa de Banhos, acesso as prescrições médicas e medidas hidroterápicas pertenciam a um estrato social abastado, além de que, os interesses dessa classe se uniu aos anseios políticos e intelectuais da época para construir um novo Recife.

A Casa de Banhos dos Arrecifes viveu seus tempos áureos, chamava atenção de toda sociedade pernambucana, mas não se restringiu a um espaço terapêutico. As fontes demarcadas temporalmente na virada do século XIX para o XX mostram que o estabelecimento se tornou um espaço de sociabilidade bastante apreciado pelas classes dominantes do Recife e de outras cidades. Nas manchetes dos jornais¹⁰, averiguamos o diálogo permanente entre os acontecimentos da cidade e as festividades promovidas pelos seus proprietários e hóspedes.

⁸ SILVA, Sandro Vasconcelos da. Quando o Recife sonhava em ser Paris: a mudança de hábitos das classes dominantes durante o século XIX. *sÆculum - Revista de História* [25]; João Pessoa, jul./ dez. 2011, p.215.

⁹ ARAÚJO, 2007, p. 222.

¹⁰ “No Diario de Pernambuco, em 12 de agosto de 1880, encontra-se um noticiário intitulado “Aos Banhos Salgados”, que descreve a abertura da empresa de banhos salgados na cidade com as seguintes palavras: “o novo estabelecimento de banhos do mar, nas condições descriptas, é uma empresa muito econômica para os doentes,

A análise do estabelecimento balneário, como um local de encontros e lazer, pode ser constatada nas seguintes referências: *Cartas Recifenses*, escrito por Napoleão Barroso Braga, o artigo, *Entre festas, passeios e esportes: o Recife no circuito das diversões nos anos 1920*, e a tese de doutorado, *Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920*¹¹, de Sylvia Costa Couceiro.

Sylvia Couceiro, em seu artigo, informa que já no século XX, os banhos salgados passam a representar uma prática ligada ao lazer, a diversão e ao descanso da vida urbana. A autora ainda diz que a Casa de Banhos dos Arrecifes tornou-se um importante ponto de atração para que visitantes de outras cidades, hóspedes e banhistas tomassem conhecimento das belezas naturais do Recife.¹² Segundo Napoleão Barroso Braga, o proprietário investia cada vez mais em adornos e boas instalações, a louça era também de procedência estrangeira, fabricada na Inglaterra pela firma “J. & G. Meakins” com o monograma “CB” gravado”.¹³ A preocupação e interesse de Carlos José de Medeiros, em adornar fisicamente e simbolicamente o ambiente, mostrava que o apreço pela estética, importação de bens materiais e pensamentos estrangeiros eram elementos requisitados para construir uma sociedade moderna. O estabelecimento representou um símbolo de distinção social.

O artigo, *Civilizar, embelezar: a construção de uma cidade moderna. Recife de princípios do século XX*, de Flávio Weinstein, complementa nossas referências sobre a criação desse “estilo de vida moderno” no Recife. O autor registra que a ornamentalidade dos ambientes tornou-se um critério básico da vida moderna, assim como em outras cidades brasileiras, os grupos sociais abastados no Recife apresentavam uma preocupação em ostentar os signos de modernidade.¹⁴

A análise dessas obras nos permitiu questionar a ausência de uma história completa sobre a Casa de Banhos dos Arrecifes, pois as referências historiográficas comentadas apresentam informações fracionadas e destacam apenas os acontecimentos relevantes, por isso

evitando as despesas extraordinárias a que estavam sujeitos aqueles, que eram obrigados a ir para Olinda ou Boa Viagem”.

¹¹ COUCEIRO, Sylvia. **Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920**. Recife. 2003. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

¹² COUCEIRO, Sylvia. **Entre festas, passeios e esportes: o Recife no circuito das diversões nos anos 1920**. In: BARROS, Natália; REZENDE, Antônio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira (Org.). **Os anos 1920: histórias de um tempo**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p.91.

¹³ BRAGA, Napoleão Barroso. **Cartas Recifenses**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985, p.54.

¹⁴ TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **Civilizar, embelezar: a construção de uma cidade moderna. Recife de princípios do século XX**. In: BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira (Org.). **Os anos 1920: histórias de tempo**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012. Op. Cit., p. 143-180, p. 160.

verificamos a necessidade de uma investigação mais refinada dos jornais, revistas, fotografias, cartões-postais, obras de memorialistas, charges e crônicas.

As fotografias e os cartões-postais foram analisados criticamente como fontes passíveis de múltiplas interpretações, mas merecem a devida atenção por fornecerem, com riqueza de detalhes, a noção de tempo e espaço das transformações sociais vivenciadas pela articulação entre a Casa de Banhos e a cidade do Recife. As fotografias, assim como os cartões postais, enfatizam os elementos que compõem paisagem, agregam questionamentos e fornecem caminhos para reavivar as lembranças do lugar, sobre os seus frequentadores e quem teve a oportunidade de visita-lo, além de confrontar as mudanças arquitetônicas da cidade no decorrer dos anos.

Os aportes teóricos empregados nessa pesquisa são frutos da ampliação do conceito de fonte histórica. Desde a Primeira Geração dos Annales, tornou-se possível a utilização de fontes variadas no âmbito da pesquisa histórica. O papel questionador do historiador também se torna importante nas formas de apreciação da fonte, que devem ser compreendidas como leituras e discursos preenchidos por interesses articulados a poderes institucionais, fenômenos históricos e percepções que cada personagem social produz sobre a sua realidade.¹⁵ Assim, a riqueza de detalhes encontrada nas fontes primárias criou um estímulo em ampliar o horizonte historiográfico, através de uma perspectiva que articule a História da Saúde à História Social. Destarte, além das leituras bibliográficas citadas, encontramos no APEJE (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano), o segundo regulamento emitido por Carlos Medeiros, a presença do periódico, *A Lanterna Mágica* e o álbum de família com registros fotográficos do proprietário, sua esposa, parentes e banhistas no estabelecimento. Na FUNDAJ (Fundação Joaquim Nabuco), especificamente na Biblioteca Central Blanche Knopf, localizamos o *Almanaque de Pernambuco*, pertencente ao ano de 1901, o Boletim do Porto do Recife com uma publicação de Mario Sette sobre às vivências na Casa de Banhos. Encontramos, por via digital, as publicações da Revista da Cidade, que revelam as sensações dos banhistas nas praias e a modas dos trajes de banhos. Na Hemeroteca Digital contamos com os jornais digitalizados: *A Província*, *Jornal do Recife*, *Diario de Pernambuco*, *Jornal Pequeno*, *O Besouro*, *Sciencia Para o Povo e União Médica*, esses jornais locais trazem importantes informações sobre a Casa de Banhos, desde o noticiário de sua inauguração, mudanças na administração, reformas realizadas, anúncio sobre os bailes de carnavais, almoços para políticos importantes, inclusive

¹⁵ ARAÚJO, 2016, p.45.

para os próprios governadores da época, agradecimentos dos visitantes pela hospedagem, até grandes reportagens sobre o incêndio que levou a empresa à decadência.

Para embasar teoricamente nossa temática, através dessas duas grandes áreas de estudo supramencionadas, utilizamos as produções: *Façamos a família à nossa imagem: A construção de Conceitos de Família no Recife Moderno*¹⁶ e *A história entre a filosofia e a ciência*¹⁷, dos respectivos historiadores, Iranilson Buriti de Oliveira e José Carlos Reis. Oliveira discute as relações de poder na sociedade como um processo consequente da modernização nas cidades, além disso, mostra como os estratos sociais se representavam e se afirmavam através dos símbolos e discursos da modernidade. Tomando essa discussão para um âmbito regional, nota-se que a Casa de Banhos dos Arrecifes é um exemplo desses símbolos da modernidade no Recife: a cidade enquanto palco do civilizar, embelezar e higienizar se comunica com o interior das ideias, sensibilidades e valores sociais construídos nesse estabelecimento.

A estrutura desta dissertação assenta-se em três capítulos: o primeiro capítulo, *As percepções sobre o mar*, visa contextualizar as primeiras concepções sobre o mar, desde os escritos bíblicos, perpassando pelo imaginário sobre os oceanos durante as navegações marítimas, descobrimento da praia através dos sentidos, desenvolvimento dos estudos climatológicos, de pesquisas químicas e médicas sobre as virtudes terapêuticas das águas salgadas. Seguindo essa linha de pensamento, procurou-se explicar como o uso dos banhos de mar na Europa chegou até o Brasil, observando a conjuntura social para a sua difusão, como os estratos sociais adotaram o novo costume e surgimento dos primeiros estabelecimentos balneários.

É preciso dizer que esse primeiro capítulo está embasado, primordialmente, na obra, *O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental*¹⁸, do historiador francês Alain Corbin. O autor esclarece como a visão sobre o mar foi marcada pelo imaginário bíblico, além do pavor criado por meio dos relatos de viajantes nas descobertas marítimas. Essa repulsa perante o mar foi quebrada no século XVIII. Segundo o autor, a divulgação de estudos sobre os banhos frios na hidroterapia, especificamente a obra de John Floyer, *A História do Banho Frio*, entre 1701 e 1702, estimulou a elite inglesa e francesa a tomar banhos frios em barcas e estabelecimentos próprios. Anos mais tarde, a Inglaterra vivencia a transição dos banhos termais para os banhos de mar, permitindo o florescimento das vilegiaturas marítimas.

¹⁶ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Façamos a família à nossa imagem: A Construção de Conceitos de Família no Recife Moderno** (Décadas de 20 e 30). 2002. Tese de Doutorado em História, Recife: UFPE-CFCH, 2002.

¹⁷ REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

¹⁸ CORBIN, Alain. **Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Joana Gaspar de Freitas, no seu estudo, *O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado*¹⁹, mostra que a saída da área urbana em busca de ambientes abertos tornou-se uma prática recorrente durante o século XIX, assim as concepções médicas estimularam o primeiro contato com a praia e as descobertas sobre as virtudes terapêuticas dos banhos de mar ajudavam a curar o doente, restabelecendo o equilíbrio físico e mental, como a melhoria do apetite e do sono, devido o afastamento das preocupações diárias.

Helena Cristina Machado, no seu estudo, *A Construção Social da Praia*²⁰, complementa a discussão sobre a apropriação da praia e dos banhos de mar pelos comportamentos e sensibilidade das classes sociais mais elevadas. A autora ainda enfatiza que este processo não seria orientado apenas pelas elites, mas pelos médicos, que já tivemos oportunidade de citar seu papel frente a divulgação dos banhos de mar.²¹

No que toca a divulgação dos banhos de mar no Brasil, construiu-se um percurso sobre a sua recepção na cidade do Recife, por ser uma cidade portuária, a circulação de novos ideais permitiam a construção de novos valores e comportamentos. Observando essa conjuntura, construímos o segundo capítulo, *A trajetória da Casa de Banhos dos Arrecifes: da terapia ao lazer*, descreve o desenvolvimento da empresa ao longo do século XIX e XX, primeiramente foi realizada uma análise dos artigos mencionados no primeiro regulamento da empresa, para analisar a estrutura, o funcionamento, as normas de convivência e o uso dos banhos de mar.

As atividades realizadas no estabelecimento foram amplamente publicadas nos jornais da época, desde a renovação do seu regulamento, relatos de banhistas agradecendo a recuperação da saúde alcançada pelos banhos de mar, informes sobre a higiene e conforto encontrada nas instalações, até o pronunciamento de Carlos J. Medeiros sobre as estações balneárias. No segundo momento, buscamos mostrar o estabelecimento balneário na sua nova fase, concentrando festividades, como serviços de chá e chás dançantes, oferecimento de almoços solenes, além de receber e oferecer práticas esportivas.

O novo diretor, Sidney Albuquerque Galvão Rhodes, não poupava esforços para investir em reformas de melhoramento. Durante o século XX, a Casa de Banhos tornou-se um importante ponto de sociabilidade no Recife, não só pelo oferecimento dos banhos de mar, mas

¹⁹FREITAS, Joana Gaspar de. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. **Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management**, vol. 7, núm. 2, 2007, pp. 105-115, p. 109.

²⁰MACHADO, Helena Cristina Ferreira. A Construção Social da Praia. **Sociedade e Cultura 1**, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia Vol. 13 (1), 201-218, 2000.

²¹MARTINS, Pedro Alexandre Guerreiro. **Contributos para uma História do Ir à praia em Portugal**. 2011. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2011.

por ofertar um restaurante com cardápio refinado, hospedagem confortável e amplas acomodações para a realização de encontros e eventos.

Em 1924, a empresa sofreu um inesperado incêndio, a hospedaria e o restaurante foram atingidos, mas o movimento dos banhos de mar não foi suspenso, acreditava-se na revitalização do local. Mas, os recifenses presenciaram a gradual decadência do Grande Estabelecimento Balneário de Pernambuco. Essas informações serão analisadas no terceiro capítulo, *A saudosa Casa de Banhos: do esplendor a decadência*, que pretende discutir as causas do incêndio, os envolvidos e suas repercussões sociais, baseando-se em documentos oficiais da Polícia Marítima, o processo da Casa de Banhos dos Arrecifes, pertencente ao Ministério da Marinha, encontrado na SPU (Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco), reportagens encontradas nos jornais, registros de memorialistas e as fotografias registradas nas revistas da cidade. Vale salientar que, embora nosso recorte temporal se enquadre entre 1880-1924, para este capítulo foi necessário investigar e analisar recortes de jornais pertencentes a anos posteriores, pois nessas fontes foram encontrados reportagens saudosistas que davam detalhes sobre a ocorrência do incêndio e o processo de decadência, além disso não relegamos os relatos dos trabalhadores, vistos aqui como personagens sociais relevantes para a trajetória do estabelecimento.

Assim, procuramos unir e contrapor as fontes documentais e as referências historiográficas fragmentadas para dar corpo a um estudo que permita compreender a trajetória da Casa de Banhos dos Arrecifes, nos seus mais diversos aspectos, pois esta empresa carregou consigo vivências, sensibilidades e tensões sociais de um tempo marcado pelo “novo” na cidade do Recife

2 AS PERCEPÇÕES SOBRE O MAR

O mar é um espaço habitado pelo imaginário mitológico, bíblico, médico e popular. O mesmo mar que degradava as instalações dos barcos²², também era abrigo dos corpos e mentes em busca de paz, as ondas pertencem a ambivalência, entre o temido e o destemido, entre o habitado e o não habitado.

O imaginário Ocidental construiu o mar sob a perspectiva enigmática, símbolo de uma criação inacabada de Deus, configurando-se como uma espécie de limbo para as almas, o dilúvio foi o grande evento para evocar o mar como uma zona de caos e abismo. Essa visão sagrada foi perpetuada até o século XVIII, estudiosos e escritores sobre História Natural, bispos e padres reacendem o debate em torno dos aspectos diabólicos que o mar possui, as tempestades eram resultantes das espécies tenebrosas que viviam nas profundezas, não é por acaso que “os marinheiros portugueses e espanhóis do século XVI lançam, à vezes, relíquias às ondas.”²³ Os navegadores acreditavam que as relíquias apaziguavam as tempestades por meio da intervenção de São Nicolau e da Virgem. A literatura religiosa concedeu ao mar o papel de fronteira entre a vida e a morte, a condenação e a salvação, pois era visto muitas vezes como o purgatório.²⁴

Esse pensamento ainda é notado na Idade Moderna, mas vale ressaltar a parcela de uma visão em que o mar aparece como idílico e fonte de inspiração poética, precisamente no século XVII.²⁵ O gosto pela beira-mar foi influenciado pelos escritos dos poetas barrocos na França. A linguagem tocante e sensível desses poetas abriu o diálogo entre o mar e as mentes desconhecidas e temerosas, os raros testemunhos mostram que o mar se torna o receptor de mentes solitárias e melancólicas, mas essa retidão também seguia a visão cristã, que buscava a meditação e contemplação.²⁶ Essa correspondência entre o homem e o mar, especificamente entre o homem e natureza, deixa registrado a noção do mar como um elemento integrante de uma paisagem, de um ambiente natural formado não só por fantasias, mas pela intensa comunicação das sensações que o vento, a areia e o sol projetavam nos corpos, resultando em um momento de integração concedido pela criação divina.

A visão divina do mar influenciou, também, na forma como o homem se comportava diante da paisagem e dos elementos naturais ao seu redor, assim por volta de 1690 e 1730, a

²² CORBIN, Alain. **Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 26.

²³ Ibid., p. 17.

²⁴ CORBIN, Op.Cit., p.17.

²⁵ Ibid., p.30.

²⁶ CORBIN, Op.Cit., p.30.

Teologia Natural, sistema de pensamento nascido no Ocidente, especificamente na Inglaterra, articulou a apreciação da natureza aos ensinamentos de sábios de religiosos. Essa concepção física-teológica acreditava que cada elemento da natureza representava misteriosas correspondências com o divino, selando a união entre microcosmo e macrocosmo. Os sábios religiosos acreditavam que o mundo exterior, sobretudo a natureza, era uma amostra terrena perfeita da criação divina.²⁷

Essa visão desembocou nas primeiras apreciações turísticas da natureza, essa nova relação com os elementos naturais permitiu que a camada aristocrática desenvolvesse o gosto pelo retiro, mesmo que esse contato com a natureza fosse imbuído pela busca de um paraíso terreno.²⁸

O mar era provedor das águas marinhas, retiravam-se o sal para conservar os alimentos e própria subsistência, como os peixes. Fonte de admiração, as águas salubres, a faixa de areia e os ventos propícios revelavam a sutileza e a bondade divina nos detalhes da imensidão litorânea.

A Teologia Natural teve seus adeptos, como também teve seus críticos. À medida que o discurso sobre o mar era preenchido de negatividade, os sábios e poetas religiosos rebatiam com a representação do mar como um espaço dos designios de Deus.

As ideias da Teologia Natural entram em decadência, partir do século XVIII, o diálogo entre o corpo e o mar desapartaram-se de uma visão divina e passam a se orientados por um olhar médico. Esse olhar terapêutico foi precedido pelas primeiras impressões emocionais sobre esse corpo de água salgada é capaz de acolher a melancolia, as horas de solidão e abranger as belas sensações e percepções.²⁹

Espaço da contemplação, mesmo que ainda fosse um ambiente pouco conhecido, as águas marinhas que banhavam os corpos, os ventos e a areia mostravam-se como um refúgio terapêutico. Não apenas por puro prazer de uma caminhada longe da agitação da cidade, mas por indicação médica, os banhos de mar se tornaram frequentes entre aqueles que faziam parte da burguesia. Os médicos diagnosticavam os males sociais advindos do século XIX, tais quais a ansiedade, histeria, as desordens hormonais e os problemas de nervos, como condições culminantes para levarem os corpos atormentados e sem vigor para as virtudes salubres do mar.³⁰

²⁷ CORBIN, 1989, p.34.

²⁸ Ibid., p.35.

²⁹ CORBIN, Op.Cit., p.42.

³⁰CORBIN, 1989, p. 81.

Os efeitos após os banhos de mar passaram a ser estudados com mais afinco pelos médicos, não só as águas, mas a areia, os ventos e o entorno dessa faixa litorânea deveriam ser analisados na tentativa de promover os melhores resultados para os banhistas e curistas.³¹

Vale ressaltar que as prescrições dos banhos já eram indicadas por médicos da sociedade antiga, os banhos frios já eram apontados como um importante recurso terapêutico nos registros da coleção hipocrática:

Ora, esse elemento do arsenal terapêutico vê-se reorientado, no século XVIII, pela ascensão da prática do banho frio. Sob esse aspecto, a moda do mar não constitui senão a culminação de um processo; o banho em água salgada a doze ou catorze grau centígrados aparecerá muitas vezes como uma forma atenuada de contato com o frio, reservada aos pulsilânimes, às crianças, às mulheres e aos velhos.³²

O inglês John Floyer foi um dos médicos expoentes na indicação dos banhos de mar na Europa, em 1702, criou obras e catálogos que visavam esclarecer a escolha de praias apropriadas para os banhos. O médico inglês Richard Russel também acreditava no poder de cura da natureza, através dela várias doenças poderiam ser combatidas com o uso das águas salgadas.³³

A água do mar tonificava o organismo frágil não só pelos banhos, recomendava-se também, tomar água do mar pela manhã, essas indicações eram destinadas ao tratamento do sistema glandular e diurético. As prescrições médicas dos banhos de mar ao longo do século XVIII prolongaram-se para o século XIX foram acompanhadas por descobertas na área farmacológica e química, que detectava a presença de iodo e bromo nas águas marinhas, tais minerais proporcionaram novas formas do uso das águas salgadas.³⁴

Nota-se que os avanços do século XIX foram responsáveis pela consolidação de um discurso modernizador e higienista, fazendo com que as visitas às praias se tornassem um símbolo de status entre as classes abastadas que buscavam refúgio emocional e biológico. Nesta época, paralelo aos estudos médicos, surgiam as epidemias de febres e outras doenças contagiosas, devido ao crescimento populacional desordenado na cidade, resultado das instalações insalubres e precariedade sanitária. Esse contexto social serviu para reforçar a

³¹ Ibid., p.82.

³² CORBIN, Op.Cit., p.75.

³³ Disponível em: <http://www.france-thalasso.com/la-thalasso/thalasso-histoire/>. Acessado em 18 de julho de 2017.

³⁴ VIEIRA, Ismael. **Combater a tuberculose à beira mar – talassoterapia e sanatórios marítimos entre os séculos XIX e XX.** CITCEM/FLUP, 2001, p.2. Disponível em: <https://www.citcem.org/encontro/pdf/new.../TEXTO%20-%20Ismael%20Vieira.pdf>. Acessado em: 28 de Julho de 2017.

ambivalência da cidade versus natureza, os médicos indicavam, cada vez mais, a busca por espaços de repouso e ar puro, pois a paisagem natural e a contemplação das ondas e seus efeitos no corpo revigoravam a saúde³⁵ para o retorno a cidade.

Médicos e pesquisadores passaram a observar que a eficiência do tratamento não se restringia aos banhos de mar, era na praia que se concentravam os aspectos condicionantes para a melhora dos doentes. Segundo Corbin, criou-se a ideia de “praia salubre”, observando o solo, as qualidades do ar, “uma inesgotável literatura compara os méritos de cada fragmento de praia; propõe uma análise absolutamente rigorosa de microclima.”³⁶ Os curistas procuravam a praia para se distanciarem dos miasmas da cidade, assim como desfrutavam a paisagem, no entanto isso não remetia a uma liberdade para o uso dos banhos, os médicos indicavam com precisão a estação, a hora, a duração e até mesmo a praia.³⁷

Dos prazeres visuais até as sensações corpóreas, o mar foi fonte de inspiração para diversos pesquisadores na Europa, sobretudo escritores e viajantes que se interessavam por toda paisagem marinha. Fazer com que o mar se tornasse um elemento natural mais apreciado que a montanha, em 1780,³⁸ seria uma tarefa difícil, mas as mudanças históricas e sociais promoveram o conhecimento sobre a praia.

[...] uma prolixa literatura de casos médicos, relatos de viagens ou estadias terapêuticas, uma abundante correspondência, um incessante diz-que-diz, atestam então a intensidade do desejo da beira-mar. Ao longo de tais relatos, constroi-se uma estratégia emocional, revela-se e difunde-se uma maneira inédita de usufruir o mar e suas praias.³⁹

Esse vínculo emocional com a beira-mar tornou-se o consolo dos solitários, doentes e banhistas.⁴⁰ A composição do mar, com as ondas, os ventos e os animais marinhos revelavam um abrigo de descobertas científicas e emocionais, que ficaram registrados no caderno de anotações de turistas.

Segundo Corbin, o indivíduo moderno buscou experimentar os elementos constituintes da praia. No início do século XIX desenvolveu-se uma busca incessante para compreender as

³⁵ Por ser tonificante e antiinflamatória, a água do mar estimula a circulação, e elimina a sensação de fadiga. *In*: ALMEIDA, Aline Barreto de; OLIVEIRA, Ana Maria Braga de; ARAÚJO, Emanuelle Torquato de Bezerra; GUEDES, Tâmara Albuquerque Leite; CÁRDIA, Maria Cláudia Gatto. **Talassoterapia**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004, p.2. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Saude/Saude187.pdf>. Acesso em: 3 de Outubro de 2017.

³⁶ CORBIN, 1989, p.83.

³⁷ *Ibid.*, p.85.

³⁸ CORBIN, *Op.Cit.*, p.107.

³⁹ *Ibid.*, p.107.

⁴⁰ CORBIN, *Op.Cit.*, p. 108.

origens da terra por meio da leitura biológica e geológica, além dos estudos da climatologia. O discurso dos viajantes⁴¹ acerca dos mistérios das profundezas aquáticas, do movimento brusco das ondas nas rochas se alia aos desejos do corpo pela beira-mar, “sentir o choque das ondas em uma doce e regular praia de areia, correr o risco, na imaginação, de ser atacado por bandidos ou piratas, tudo isso possibilitava paixões da alma geradores do sublime.”⁴² A partir do momento que a natureza marítima deixou de ser considerada uma criação divina e indomável, inicia-se um processo de secularização, a praia passou a ser representada de maneira simbólica classes dominantes, através de um conjunto de normas e rituais de convivências. Essa conjuntura social estimula as prescrições médicas sobre o uso dos banhos de mar e a estadia à beira-mar no combate a doenças nervosas, doenças pulmonares e linfáticas, até mesmo no revigoramento mental daqueles que sofriam por ansiedade e melancolia. No decorrer do século XIX, os escritos científicos irão esquadriñar novas percepções sobre o mar e novos modelos de apreciação da praia foram criados no Ocidente.⁴³

2.1 O DISCURSO MÉDICO SOBRE OS BANHOS DE MAR

Em 1753, o doutor inglês Richard Russel publicou, *O uso da água do mar*, o primeiro tratado moderno⁴⁴ descrevendo os benefícios da água do mar para o tratamento de doenças glandulares.⁴⁵ Corbin afirma que os cientistas germânicos, por volta de 1793, também divulgavam escritos sobre as virtudes do mar. O médico alemão Georges-Christophe Lichtenberg foi um pioneiro quando o assunto se tratava de pesquisas sobre as qualidades terapêuticas e a vilegiatura marítima.⁴⁶

Por volta de 1867, na França, o doutor Dr. Joseph La Bonnardière divulgou a expressão "talassoterapia" das palavras gregas "thalassa", o mar e "therapea", o cuidado, embora essa terapia pelo mar já fosse conhecida pelos ingleses através do Dr. Russel. Cabe esclarecer que o uso da talassoterapia não se limitava ao uso das águas do mar, a terapia também empregava a areia, clima e animais marinhos.⁴⁷ O uso de algas era um recurso amplamente utilizado na

⁴¹ CORBIN, Op.Cit., p.153.

⁴² Ibid.,p.140.

⁴³ CORBIN, Op.Cit., p.142.

⁴⁴ Disponível em: <http://www.france-thalasso.com/la-thalasso/thalasso-histoire/>

⁴⁵ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, (Tradução de Livia de Oliveira) Londrina: Eduel, 2012.

⁴⁶ CORBIN, Op.Cit., p. 274.

⁴⁷ A Talassoterapia é definida no Pschyrembel, o dicionário da medicina, como “o uso terapêutico dos fatores estimulantes próprios do litoral: o clima (os raios solares, os aerossóis), os banhos (a água salina, as ondas)”. EDER, A. **Talassoterapia em casa**. 1. ed. São Paulo: Pensamento, 1998 apud ALMEIDA, Aline Barreto de; OLIVEIRA, Ana Maria Braga de; BEZERRA, Emanuelle Torquato de Araújo; GUEDES, Tâmara Albuquerque

terapia marinha, pois continham vitaminas, oligoelementos, iodo, sais minerais, fito-hormonas, enzimas e proteínas que eram concentrados por osmose em seu tecido.⁴⁸

Guido Zucconi, em seu livro, *A Cidade do Século XIX*, mostra que os avanços científicos preocupavam-se com os cuidados com questões higiênicas e estéticas do corpo, é nesse quadro social que são construídas estruturas terapêuticas e estabelecimentos balneários.⁴⁹

Associado com a difusão de modelos salutar, as termas são repropostas como sendo outro *topo* da Antiguidade. Nessa ótica, também são delineadas novas estruturas terapêuticas destinadas à talassoterapia e às curas marinhas, tendo, como fundo, novos cenários e novas tipologias urbanas (os centros balneários, termas, as *villes d'eau*).⁵⁰

Médicos, engenheiros e outros intelectuais contribuíram ativamente na criação de novos espaços e estudos direcionados ao tratamento das doenças que afligiam a cidade. Em 1866, o fisiologista francês René Quinton averiguou a semelhança entre o plasma e a água do mar. Em 1904, publicou a obra: *Água do mar, meio orgânico*, que contribuiu para a compreensão histórica e médica dos banhos de mar durante a Idade Moderna.⁵¹

Os avanços das pesquisas médicas, sobretudo os estudos da Química e da Climatologia, divulgavam cada vez mais o uso dos banhos de mar como um recurso terapêutico eficaz para a cura de diversos males, especificamente no tratamento de epidemias que arrolavam nas cidades, como a febre tifoide e beribéri. Era frequente, nas páginas dos jornais, as prescrições médicas, artigos, poesia e crônicas que mencionavam os efeitos surtidos após os banhos.⁵² O uso dos banhos de mar permitiu uma nova relação entre cidade e natureza. De acordo com Guido

Leite ; CÁRDIA, Maria Cláudia Gatto. 2004 p.2 Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Saude/Saude187.pdf>. Acesso em: 3 de Outubro de 2017.

⁴⁸GAMEIRO, Fernanda Isabel Jorge. **A oferta de Talassoterapia em Portugal**. Dissertação de Mestrado em Turismo de Saúde e Bem-Estar, Escola Superior de Hotelaria do Estoril, 2011 apud FERNANDES, João Viegas; FERNANDES, Filomena Viegas (2008) – **Spa, Centros Talasso e termas: turismo de saúde e bem-estar**. Lisboa: Gestão Plus Edições, p.125.

⁴⁹ZUCCONI, Guido. **A cidade do século XIX**. São Paulo: Perspectiva, 2009, p.180.

⁵⁰ Ibid., p. 180.

⁵¹Disponível em: https://www.saisquantico.com.br/index.php?spsr=blog/post&post_id=6. Acessado em: 23 de Junho de 2017.

⁵² A modernidade representou mudanças na economia internacional, geradas não só pela Revolução Industrial, o final do século XIX e início do século XX, significou o progresso em vários setores, além do tecnológico, houve mudanças comportamentais, na higiene, na medicina e nos aspectos urbanos. Sob a influência da modernidade europeia, as cidades brasileiras criavam novos padrões sociais e tomavam para si ideais da modernidade, como o a construção de uma sociedade civilizada baseada no progresso. O projeto de modernidade atrelava os interesses da elite com as políticas públicas promovidas pelo Estado. Dentre os fomentadores deste ideal de modernidade, estavam: os banqueiros, políticos, sanitaristas, imprensa e outros intelectuais. *In*: SILVA, Alberto César Rodrigues da. **O Recife nas páginas dos jornais: planejamento urbano e discursos sobre a cidade (1927-1933)**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2014, p.140. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11609>. Acessado em: 16 de dezembro de 2017.

Zucconi, o século XIX representou o florescimento de descobertas, invenções e novas concepções em diversas áreas da ciência, conseqüentemente surgiu a preocupação do Estado com as condições sanitárias das cidades.

O autor registra que inúmeras expressões que poderiam definir a cidade do século XIX, como: “a cidade na época da expansão”, “cidade do progresso técnico”; mas ele registra ser mais convincente o termo “cidade do ontem”, pois a passagem do século XIX para o XX demonstra notoriamente permanências, essa questão estava relacionada as novas normas de higiene pública que não eram respeitadas devido aos antigos costumes dos moradores.⁵³ Mas, em todo caso, a cidade do século XIX, foi espaço das mudanças paisagísticas e culturais, e a beira-mar passa a ser vista com novos olhos pelos banhistas e médicos. Segundo Zucconi, “o século XIX, de fato, configurou alguns tipos fundamentais da paisagem atual. Entre outros, nos deixou as estações ferroviárias e os estabelecimentos industriais, as galerias comerciais e as lojas de departamentos, os bairros de edificação pública e as orlas marítimas.”⁵⁴ Desse modo podemos observar que a cidade do século XIX criou novos espaços de sociabilidade e as novas relações de estruturas urbanas que poderiam ser ampliadas e modificadas, conseqüentemente foi criado um novo diálogo entre a cidade e a praia.⁵⁵

2.1.1 Os estudos climatológicos a serviço da Medicina

Desde as últimas décadas do século XVIII, a climatologia neo-hipocrática, através de suas experiências e observações, mostrava que os banhos e a beira-mar poderiam possuir grandes virtudes terapêuticas, entretanto poderiam provocar riscos à saúde. Os estudos climatológicos demonstravam que o clima marinho atuava diretamente nos cuidados com as doenças pulmonares causadas pelos miasmas das cidades, que também favorecia o surgimento de epidemias. As rochas, o ar, o calor, a areia, a salubridade e transparência da água, a morfologia da beira-mar eram importantes para o processo de cura das afecções, mas para isso os corpos expostos deveriam se precaver de temperatura elevada, de ar úmido e espesso, e da poluição da própria água do mar.⁵⁶

⁵³Os “tigres” eram vasos onde se colocavam os dejetos humanos, os escravos, que transportavam esses dejetos para despejar nas margens dos rios e nas praias, acabaram sendo conhecidos por tal denominação por exercer essa função. SETTE, Mário. **Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 1950 apud SOUZA Maria Ângela de Almeida. **Posturas do Recife Imperial**. 2002. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, 2002, p.150.

⁵⁴ ZUCCONI, 2009, p.28.

⁵⁵ Ibid., p.28.

⁵⁶CORBIN, 1989, p.164-165.

Estudos sobre os efeitos climatológicos da praia foram desenvolvidos ao longo do século XIX, seguindo essas investigações foi apresentada a dissertação inaugural, *Climas Sobre Ponto de Vista Hygienico e Therapeutico*, por Antônio Martins D’Elvas Leitão a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, que revelou a importância do clima e dos aspectos geográficos para a salubridade e movimentação dos ares na praia. Partindo desse pressuposto, o médico aponta o clima marítimo como um fator determinante no tratamento de doenças escrofulosas e pulmonares, além do revigoramento do organismo convalescente. Leitão iniciou a sua obra baseando-se nos escritos de Hipócrates para justificar o grau de importância da climatologia: “Hypocrates, com razão apelidado o pai da medicina, foi também o primeiro e mais distinto climatologista.”⁵⁷ O médico valorizou o tratado, *Ares, Águas e Lugares*, pertencente ao *Corpus Hippocraticum*, pelo seu conjunto de informações:

O titulo d'esté livro mostra claramente a universalidade das influencias que Hypocrates ligava á ideia de clima; porque efectivamente, tudo o que é attirante ás causas naturaes ou origem das influencias se resume n'aquellas três palavras, que constituem os três pontos capitães do circulo onde deve mover-se a observação de todo o medico consciencioso e compenetrado das rigorosas obrigações da sua profissão, que lhe impõe, entre outros deveres, o de se fazer climatologista.⁵⁸

O excerto mostra que a eficácia do tratamento provinha de uma avaliação médica criteriosa sobre o ambiente, o mar significava o todo, ou seja, os sais presentes na água revigoravam as fibras musculares e a brisa marinha atuava no bom funcionamento respiratório. Assim, “se Hypocrates não chegou a mostrar evidentemente a influência therapeutica dos climas, desenhou, todavia, com vigor e clareza os traços essenciaes da climatologia medica; formulou, finalmente, um programma que os progressos da medicina nunca poderão annular.”⁵⁹ Segundo Leitão, as observações sobre o efeito do ambiente na constituição das doenças ganhou força com Asclepiades, Themison e Celso, que também indicavam utilidade da climatologia e seus efeitos salutareos para a medicina.⁶⁰

Por muitos anos, embora os estudos climatológicos tivessem alcançado progresso, a Climatologia era vista como uma ramificação de estudos físicos da medicina e não como uma ciência propriamente dita. Tinha-se consciência da climatologia como ferramenta das

⁵⁷ LEITÃO, António Martins de Elvas. **Climas sob o ponto de vista hygienico e therapeutico**. Porto: Typographia Occidental, 1877, prólogo. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17087>. Acessado em: 20 de outubro de 2017.

⁵⁸ LEITÃO, 1877, prólogo.

⁵⁹ Ibid., p.14.

⁶⁰ LEITÃO, Op.Cit., p.15.

investigações clínicas sobre as doenças.⁶¹ O médico também escreveu sobre a frequente emigração de pacientes, em Portugal, com afecções crônicas para Ilha da Madeira em busca de bons ares, recomendava-se para a tísica pulmonar a respiração de ares mais salubres e o clima marítimo favorecia a melhora dos curistas. Segundo Leitão, “em geral, as localidades situadas à beira-mar oferecem um certo numero de condições que, debaixo do ponto de vista hygienico, as tornam preferíveis ás que muito distam do oceano.”⁶² Nota-se que a Climatologia estimulou o uso da hidroterapia marinha, pois permitia averiguar a salubridade das praias através da composição climática.⁶³

Dez anos após a dissertação inaugural de Leitão, , foi apresentada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, a dissertação: *Algumas Palavras Sobre Medicação Marítima*, de José Joaquim Pinto. A obra retrata o emprego dos banhos de mar conforme a análise das propriedades químicas da água e atmosférica da praia. O médico nomeia as doenças que poderiam ser tratadas pelos banhos, dentre elas estavam: diathese, raquitismo, histeria e escrofulose. O uso dos banhos era indicado para todos os indivíduos fracos, com atenção para idade e sexo, ademais os efeitos terapêuticos advinham não só do cloreto de sódio presente na água, segundo o médico: “não devemos nunca esquecer que nos resultados obtidos pelos banhos de mar, o ar marítimo desempenha um papel importante, e que em certos casos de rachitismo basta a aspiração d'esté ar oxigenado para produzir a cura sem recorrer a preparado algum pharmaceutico.”⁶⁴ Joaquim Pinto, assim como Leitão, acreditava no poder curativo do clima no tratamento das doenças respiratórias e crônicas.

Tanto sob o ponto de vista hygienico como therapeutico, o ar do mar satisfaz a um maior numero de indicações que os banhos de mar; podemos até dizer que nunca está contra-indicado ; e se em certas doenças do aparelho respiratório e do coração, se teem, por vezes, observado accidentes desagradáveis, devemos atribui-los antes a perturbações meteorológicas, tam frequentes n'estas regiões, do que á acção propria do ar marítimo.⁶⁵

O médico deveria conhecer agentes constituintes dos efeitos fisiológicos e a modificação destes no organismo são ou doente, durante e após a enfermidade e por último, mas não menos importante, as contra-indicações dos banhos de mar.

⁶¹ LEITÃO, Op.Cit., p.15.

⁶² Ibid., p.31.

⁶³ Ibid., p. 32.

⁶⁴ PINTO, José Joaquim. **Algumas palavras sobre medicação marítima**. Porto: Imprensa Moderna, 1887, p.50. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/16407>. Acessado em: 19 de Outubro de 2017.

⁶⁵ PINTO, 1887, p.68.

Essas descobertas sobre o mar e os primeiros contatos com a praia foram favorecidos pelos desdobramentos da II Revolução Industrial, dentre eles estavam: automóvel, telefone, sistema de esgoto, sistema de abastecimento da água, vias férreas, entre outros.⁶⁶ Assim, a saúde e a higiene estavam solidamente articuladas à construção do ideal de modernidade, progresso e civilização.

O século XIX trouxe profundos conhecimentos sobre o mar, mas as virtudes terapêuticas das águas salgadas já eram conhecidas da medicina antiga, como já foi descrito neste trabalho. Ycarim Barbosa na sua obra: *História das viagens e do turismo*, faz uma retrospectiva as primeiras indicações dos banhos de mar na Grécia Antiga, “a elite romana era fanática sobre os efeitos auriculares e visuais do mar”⁶⁷, Eurípedes também demonstra seu conhecimento acerca dos poderes dos banhos salgados na famosa frase: “o mar cura as doenças do homem” Nota-se, desta maneira, que a apreciação da beira-mar não era algo novo no imaginário Ocidental.

José Mendes Moreira Seabra e Sousa em sua dissertação, *Considerações sobre banhos de mar e hydrotherapia marinha especialmente em moléstias cirúrgica*, atesta que os banhos de mar eram usados principalmente por uma classe abastada, devido as suas reminiscências no universo mitológico dos antigos, desde as fábulas até as experiências de Plínio.

Effectivamente hoje o tomar banhos do mar é em grande parte um luxo que contribue a perpetuar um bom habito antigo, baseado na experiência, com que tanto lucra a hygiene e a therapeutica.

[...] Debaixo do engenhoso véo da allegoria. É certo que estão occultas verdades mui profundas, e esta indica bem que o uso dos banhos de mar deve proceder dos tempos mythologicos.

Plínio já fallou d'elles; e posto que em geral tivessem mais tarde alternativas de voga em quasi todos os paizes, contudo a Inglaterra e a Allemanha os respeitaram sempre, e testemunharam as suas virtudes therapeuticas, confirmadas pela experiência de todos os dias.⁶⁸

A água do mar possui características físicas - temperatura, salinidade, movimento, densidade relativa, entre outras – que constitui por si mesma um elemento natural terapêutico.

⁶⁶ARAÚJO, Silvera Vieira De. **Entre o poder e a ciência: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930)**. 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2016, p.222.

⁶⁷ BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2005, p. 39 apud HAMMERL, Priscyla Christine; OLIVEIRA, Eduardo Romero de. **Destinos de saúde e lazer: história do turismo em Campos do Jordão**. Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006, p.3. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/PAINEL%20PDF/Priscyla%20Christine%20Hamm%20erl.pdf>. Acessado em: 27 de Janeiro de 2016.

⁶⁸SOUSA, José Mendes Moreira Seabra e. **Considerações sobre banhos de mar e hydrotherapia marinha especialmente em molestias cirúrgica**. Porto: Typographia Lusitana, 1867, Introdução. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/61768>. Acessado em: 21 de Outubro de 2017.

Além disso, o movimento ondulatório das águas é responsável pelas sutis variações de temperatura que geram a transmissão de estímulos térmicos ao organismo. Tais movimentos ondulatórios surtiam efeitos no tratamento de problemas reumáticos, diminuindo a dor, interrompendo e atenuando a evolução de outros incômodos. Além destes cuidados, os banhos salgados atuavam no tratamento de traumatismos circulatórios, especialmente nas pernas.⁶⁹

Os sais marinhos funcionavam como dilatadores de vasos e aumentam a irrigação sanguínea, fazendo com que as células cutâneas sejam estimuladas, eliminando a sensação de fadiga. O calor da água também é capaz de diminuir a ansiedade, pois relaxa os nervos excitados.⁷⁰

A talassoterapia introduziu um processo de integração entre homem e natureza, o contato com o sol, o ar, o vento e a ionização propicia o revigoramento do organismo, os íons negativos presentes na praia possuem o efeito anti-*stress* e regenerador dos alvéolos pulmonares.⁷¹ Yves Tréguer define : “[...] a talassoterapia é a utilização combinada, sob vigilância médica, num objetivo preventivo ou curativo, dos benefícios do meio marinho, que compreende: o clima marinho, a água de mar, as lamas marinhas, as algas, as areias e outras substâncias extraídas do mar.”⁷² As propriedades químicas atuavam nos cuidados internos e externos do organismo:

“As partículas minúsculas de sal contidas no ar de mar (aerossóis) trabalhe sua maneira nas peças as mais profundas do alvéolo e do acordo pulmonares em suas paredes com um efeito fisiológico provavelmente não insignificante (Charlier, 1975; Larivière, 1958; Springer, 1935). A elevada percentagem dos raios ultravioletas do sol do beira-mar favoravelmente influencia o metabolismo do cálcio.” (cit. por Charlier e Chaineux, 2009: 847)⁷³

A terapia externa é estabelecida sobre o organismo humano através da pele e do sistema respiratório, enquanto a interna é feita através da ingestão da água marinha. Essa prática foi bastante usada nos cuidados com os tísicos, desde finais do século XVIII, mas foi a partir do século XIX que se fez uso regular dessa terapia para o combate da tuberculose.⁷⁴

⁶⁹ALMEIDA, Aline Barreto de; OLIVEIRA, Ana Maria Braga de; ARAÚJO, Emanuelle Torquato de Bezerra; GUEDES, Tâmara Albuquerque Leite; CÁRDIA, Maria Cláudia Gatto. 2004, p.3.

⁷⁰ Ibid., p.3.

⁷¹TRÉGUER, 2003 apud GAMEIRO, 2011, p.39.

⁷² TRÉGUER, Yves. **La Thalassothérapie**. Paris: Éditions Le Cavalier Bleu, 2003, apud GAMEIRO, Fernanda Isabel Jorge. **A oferta de Talassoterapia em Portugal**. Dissertação de Mestrado em Turismo de Saúde e Bem-Estar, Escola Superior de Hotelaria do Estoril, 2011, p.39. Disponível em: <<https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/18465>>. Acessado em: 2 de Agosto de 2017.

⁷³CHARLIER, Roger H.; CHAINEUX, Marie-Claire. The Healing Sea: a Sustainable Coastal Ocean Source: Thalassotherapy. **Journal of Coastal Research**, 25(4), 838-856. Florida, 2009 apud JORGE. Op.Cit., p.42.

⁷⁴ VIEIRA, 2001, p.2.

2.1.2 Os efeitos dos banhos de mar no tratamento da tuberculose

O processo curativo da tuberculose pulmonar através do ar não foi uma descoberta do século XIX, Hermann Brehmer e Peter Detweiler, quando consolidaram na Alemanha os primeiros sanatórios, já tinham conhecimento sobre os poderes da salubridade do ar. Sabe-se que, desde os antigos para o tratamento de afeções pulmonares. Hipócrates já costumava relacionar a cura do organismo através da natureza, observando as estações do ano, as regiões, as águas e os ares de cada local e os romanos, Celso e Galeno, indicavam aos doentes a estadia em Alexandria ou Tabias perto do Vesúvio. Em Roma, Plínio, o Antigo, e Celso também aconselhavam viagens por mar ao Egito e à Líbia.⁷⁵

Em 1853, foi inaugurado em Portugal o Hospício D. Maria Amélia do Funchal, primeiro hospital destinado ao tratamento de tuberculose pulmonar com uso da talassoterapia. Localizado na Ilha da Madeira, o clima marítimo se aliava a amenidade e regularidade térmica, a boa insolação e as baixas pressões atmosféricas possibilitavam um ambiente propício para os convalescentes. Essas características atraíram os médicos e doentes, que se estabeleciam no hospital através de viagens entre Inglaterra e Madeira, cerca de vinte a trinta doentes eram transportados em cada viagem entre os meses de Outubro e Novembro. O hospício era bastante conhecido por suas instalações de qualidade e pelos doentes que lá passavam uma temporada, “doentes famosos e membros da realeza europeia como a arquiduquesa Leopoldina da Áustria, o príncipe Maximiliano Napoleão de Leuchtenberg, a rainha Adelaide da Inglaterra e a imperatriz consorte Isabel da Áustria-Hungria.”⁷⁶ O hospital funcionava como um centro de pesquisa da doença, averiguava os fatores condicionantes da doença e os tratamentos.⁷⁷

Os registros das viagens marítimas demonstravam opiniões diversas sobre a eficácia do ar marinho no tratamento da tuberculose pulmonar:

Entre os primeiros métodos terapêuticos indicados para o tratamento da tísica estavam as viagens marítimas, associadas a climas quentes ou migração de regiões frias para zonas mais temperadas e com diferenças térmicas pouco discrepantes. Em 1856, a Gazeta Médica de Lisboa publicou os resultados dum estudo encetado pelo médico Jules Rochard, cirurgião chefe da marinha de Brest, no qual conclui que as viagens marítimas não eram recomendadas em todos os casos de tísica. Rochard concluiu que as viagens por mar aceleravam a evolução da patologia e contrariamente ao que se dizia era uma doença comum nos marinheiros.⁷⁸

⁷⁵Ibid., p.2.

⁷⁶ VIEIRA, Op.Cit., p.6.

⁷⁷ Ibid., p.7.

⁷⁸ VIEIRA, Op.Cit., p.4.

O acompanhamento do quadro médico dos doentes mostrou que a eficácia do tratamento variava em função da constituição do doente e do estado da doença. Mas, o uso do ar marítimo não se manteve por muito tempo como um tratamento eficaz, novas concepções médicas passaram a considerar o ar puro perigoso, pois poderia se tornar um veículo de sais provenientes de emanções cósmicas.⁷⁹ Essas novas considerações médicas passaram a reconhecer as potencialidades dos climas de altitude no tratamento da tísica pulmonar, conseqüentemente passam a ser receitados os ares montanhosos, bem como estimulou o surgimento dos sanatórios de montanha colocaram os hospitais marítimos em segundo plano na luta contra a tuberculose pulmonar.

Em 1861, foi inaugurado o primeiro hospital marinho da França em Berck-sur-Mer, onde o uso da talassoterapia se fez presente. Na segunda metade do século alguns médicos franceses passaram a recomendar os banhos de mar no combate a diversas afecções, como estava descrito no *Le Guide Médical du Baigneur à la Mer*, pelo Doutor Édouard Auber.⁸⁰ Jean Hameau escreveu *Quelques avis sur les bains de mer*, indicando os efeitos no organismo durante os banhos:

Os banhos de mar são um dos mais bem-sucedidos medicamentos empregados em alguns casos, para cura doenças e dos mais agradáveis para manter a saúde. Atuando em todo o corpo e em toda a pele, a parte mais sensível, é fácil de entender os grandes efeitos que devem produzir. Apreciar a sua energia é reconhecer que eles podem fazer muito bem ou mau, dependendo de como são tomados. Sem regra e sem medida, podem prejudicar, é por isso que é prudente, quando está doente, consultar um médico, e se está bem, tome algumas precauções para obter todo o bem que esperamos.⁸¹

Assim, a qualidade climática, praia agradável, índice de salinidade e atributos bioquímicos na água do mar tornaram-se requisitos importantes para a eficácia da hidroterapia marinha.⁸²

⁷⁹ Ibid., p.5.

⁸⁰FABRINI, Vera Maria. **A Talassoterapia:** Alternativa para o turismo de saúde e lazer no mar. III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Universidade de Caxias do Sul, 2005, p.3. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt11-a-talassoterapia.pdf>. Acessado em: 17 de Fevereiro de 2017.

⁸¹HAMEAU, M. Impr. de Lavigne jeune (Bordeaux), 1835, p.8. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5850930j>. Acessado em: 18 de Setembro de 2017.

⁸² Ibid., p.6.

2.1.3 As recomendações da hidroterapia marinha

Na mesma linha da talassoterapia, a hidroterapia marinha era recomendada por muitos médicos, um deles era J. de Coeur, no seu tratado de dois volumes, *Des bains de mer, guide médical et hygiénique du baigneur*, observando as propriedades das águas salgadas, da atmosfera marítima, das condições topográficas da praia.⁸³

O doutor Brochard, na sua obra: *Des bains de mer chez Les enfants*, também confirma a concepção de Le Coeur, no que diz respeito às benesses trazidas pela atmosfera marinha no trato das doenças em crianças, assim: “reconhecendo que da atmosfera não resultam efeitos benéficos inferiores aos que resultam dos banhos; insiste na grande conveniência da escolha das praias, porque da natureza d'ellas depende muitas vezes o bom ou máo resultado que dahi provém.”⁸⁴ Nessa esteira de produção intelectual sobre a hidroterapia marítima, havia muitos médicos que preconizavam em sua obra o uso indevido dos banhos.

Na sua obra: *De l'abus des bains de mer, de leur danger, des cas ou ils conviennent*⁸⁵, o doutor Quissac esclarece os perigos causados pelos abusos dos banhos de mar. Os banhos deveriam ser indicados egundo algumas observações, como o sexo, o temperamento corporal, a constituição da doença e a praia frequentada. O médico ainda informa que mesmo considerado uma panacea universal, o uso dos banhos de mar não deveriam ser aplicados apenas por moda, mas por uma questão de saúde.

Parece-nos que o que deixamos dicto sobre os banhos do mar basta para mostrar que esse meio therapeutico pode prestar bons serviços, mas também pode ser causa de moléstias muito graves. [...] Em quanto á sua indicação nas outras doenças, vimos que não podia ser muito frequente; e, todavia, como dissemos, estes banhos são hoje uma panacea universal. Os factos infelizes que d'elles resultam não são porém tão raros, que os homens darte e o vulgo os não devam conhecer. Mas o remedio é moda, e a moda não admitte conselhos.⁸⁶

Le Coeur segue a mesma linha de raciocínio de Quissac e mostra que os banhistas e curistas deveriam seguir as orientações médicas para alcançar bons resultados:

⁸³COSTA, Luiz Pereira da. **Banhos de Mar: Elementos da Hydrotherapia Maritima**. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1882, p.11. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/html/10316.2/26515/item2_index.html. Acessado em: 18 de Setembro de 2017.

⁸⁴COSTA, Op.Cit., p. 16.

⁸⁵QUISSAC, *De l'abus des bains de mer, de leur danger, des cas ou ils conviennent*. 1853 apud COSTA, Op.Cit., p. 11.

⁸⁶COSTA, Op.Cit., p. 14.

[...] A agua do mar com todas as suas propriedades; a atmospha marítima; as diferentes condições topográficas das praias, e as regras que se devem seguir para d'ellas se fazer uma boa escolha; os cuidados hygienicos que devem observar se durante a estação balnear; as distracções e divertimentos que lhe são proprios, e os accidentes que podem resultar do mau uso da medicação marítima; — tudo ahi é prescripto, e a tudo attende com muita circumspecção.⁸⁷

As advertências sobre os excessos dos banhos de mar não se restringiam aos discursos médicos, na sua obra: *Meu Systema Hydrotherapico*, o Monsenhor Sebastião Kneipp relata que muitos enfermos que o procuravam foram tratados por meio da água fria e que seus escritos estavam ganhando notoriedade.

Embora profano em medicina, ofereço, pois, este trabalho aos homens da sciencia para que lhes sirva de auxiliar nesse estudo. [...] Medicos de grande nomeada já começaram animosamente a pôr em pratica o meu systema hydroterapico colhendo optimos resultados. Praza a Deus que sejam esses ensaios como que a aurora que anuncia o dia claro e sereno.⁸⁸

Mons. Kneipp foi mais ferrenho em suas ideias, mostrava-se cético às virtudes dos banhos de águas minerais.

Os banhos mineraes, por sua natureza, produzem um effeito energico, pois que todas as aguas mineraes, seja qual for o seu nome e origem, contêm saes mais ou menos fortes e irritantes e em quantidade mais ou menos considerável. Estas aguas perdô-se-me dizer a comparação, fazem o officio de escova e da areia, si fossem empregados para limpar a prata e outros metaes precisosos; a sua ação sobre a superfície delicada do ouro ou da prata seria desastrosa. Serão por ventura menos delicados os órgãos internos dos homem?⁸⁹

Kneipp registra que os banhos de mar causavam um revigoramento rápido, mas após esse efeito os convalescentes morriam, também atestava que a visita aos estabelecimentos balneares: “Quem procura essas casas por distracção ou para ter ensejo de frequentar uma sociedade agradável, limitando-se a fazer uso externo das aguas, nada tem que recear; só tem de deitar contas a sua bolsa que, com certeza, passará por um tratamento desapiedado.”⁹⁰

⁸⁷Ibid., p.12.

⁸⁸ KNEIPP, Mons. Sebastião. **A minha cura d'água ou meu systema hydrotherapico comprovado por uma experiência de mais de 35 annos para o tratamento das doenças e conservação da saúde.** Porto Alegre, 1895, prólogo da 1ª edição.

⁸⁹ Ibid., p. 76.

⁹⁰ KNEIPP, Op.Cit., p.77.

Percebe-se que, dentre tantas obras explicativas sobre as funções terapêuticas dos minerais presentes nas águas salgadas, havia estudiosos que não acreditavam nesses processos curativos, Kneipp é um exemplo. A divergência do Mons. Kneipp traça as constantes concepções sobre a hidroterapia marinha e a moralização sobre os corpos.

Luiz Pereira da Costa também declara que, embora representasse o símbolo da modernidade, os banhos de mar não deveriam ser tomados apenas por moda.

Para nos certificarmos d'esla verdade basta, durante a estação balnear, visitar as nossas praias mais concorridas, as que são povoadas pela aristocracia do sangue, do talento e do dinheiro, e observar o modo de viver de toda essa gente, de quem só irrisoriamente se pode dizer que está tractando da saúde. Temos na mesma praia, fazendo uso de banhos, do mesmo modo, sãos e doentes, seja qual fôr a idade, constituição, temperamento ou natureza dos sofrimentos; todos fazem uso da hydrotherapia maritima, tendo como único regulador o capricho, o gosto ou a moda; nada de scientifico se observa, porque o medico a maior parte das vezes não é consultado, e, quando o é, é só para se obter d'elle o conselho de ir para a praia. Isso basta; tudo o mais é escusado e impertinente.⁹¹

O médico também descreve a importância de se estudar as condições ambientais e a multiplicidade de elementos de cada praia para a eficácia do tratamento.

A medicação maritima tem por isso uma acção complexa, porque as muitas propriedades que formam a natureza da praia balnear constituem outros tantos elementos hygienicos ou therapeuticos, cada um dos quaes actua sobre o organismo são ou doente d'um modo especial. E como as praias balneares são muito differentes pela sua natureza e pela acção hygienica e therapeutica de cada uma, segue-se que não é indifferente a escolha que o medico deve fazer d ellas.⁹²

Parte desses estabelecimentos balneares forneciam banhos salgados para a cura de diversas enfermidades, esses banhos eram tomados em piscinas construídas nos paredões rochosos, onde a movimentação das ondas atingia o corpo enfermo. O médico reforça o conhecimento sobre a praia para uma prescrição científica consciente e segura ⁹³. O médico complementa sua teoria afirmando:

A potencia impulsiva das ondas exerce sobre o organismo uma acção excitante e perturbadora; se essa potencia c forte, a sua acção é energica, o que muitas vezes é útil e necessário; se c fraca, a sua acção é nulla ou insignificante, o que também cm alguns casos é conveniente. Portanto, em relação a este

⁹¹COSTA, Op.Cit., p.71.

⁹²Ibid., p.22

⁹³ COSTA, Op.Cit., p. 22.

elemento, a escolha da praia deve estar sempre subordinada ao efeito que se pretende obter.⁹⁴

A influência da natureza e conformação do seu solo, as relações entre a água do mar e dos rios, e a arborização da costa, eram elementos constituintes primordiais a serem observados pelos médicos.

Seguindo essas concepções, apresenta-se a dissertação inaugural: *A Povoação de Varzim como Estação Balnear Marítima (apontamentos subsidiários)*, apresentada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, pelo médico B. da Costa Pereira ampliou o número e qualidade de pesquisas em Portugal a respeito das praias mais frequentadas pelos banhistas e doentes. Nas primeiras linhas de seu escrito o médico aponta a importância das propriedades químicas do ambiente marinho, como areia, a costa e os ventos que abrangem a orla para o emprego da hidroterapia marinha: “as creanças podem, mesmo descalças e ligeiramente vestidas, andar sobre esta areia mal humedecida de água salgada, e respirar a plenos pulmões o ar do mar, puro e vivificante, todo impregnado dos perfumes das plantas marinhas.”⁹⁵ Essa assertiva endossou as teorias médicas sobre a eficácia proveniente de um conjunto de fenômenos físicos e químicos vitais ao organismo.

O Dr. José Mendes Moreira Seabra e Sousa, assim como Dr. Costa Pereira, mostra na sua tese, *Considerações Sobre Banhos de Mar e Hydrotherapia Marinha especialmente em Moléstias Cirúrgicas*, que “nos movimentos do mar vamos também encontrar uma poderosa influencia na produção dos phenomenos physiologico-therapeuticos. Effectivamente as vagas comprimem o nosso corpo, e renovam o contacto do liquido frio com a superficie tegumentar”⁹⁶. Além dos efeitos internos, o médico também observou um conjunto de elementos exteriores que atuavam na sensação de energia no corpo após o banho de mar e citou a atmosfera marinha para o revigoramento do organismo:

O estômago faz melhor a digestão; os órgãos respiratórios funcionam com um ar mais puro; a respiração é ampla e a circulação livre; a assimilação é mais completa, e finalmente a leve fadiga do dia torna mais suave e mais profundo o somno da noite. As pessoas fracas e debilitadas, que vão fazer uso do mar, acharão, pois, na atmospheria marinha um bom modificador hygienico para alguns dias antes de começarem com os banhos. [...] Era todas as diatheses, nas cephaléas, em certos catarrhos, e em muitas outras doenças, que teem passado o período d'agudeza e para as quaes se não podem prescrever os

⁹⁴ Ibid., p.47.

⁹⁵ PEREIRA, B. da Costa. **Povoação de Varzim como estação Balnear Marítima (Apontamentos subsidiários)**. Livraria Povoense Editora, 1906, p.20. Disponível: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17261>. Acessado em: 3 de Outubro de 2017.

⁹⁶ SOUSA, 1867, p. 46.

banhos de mar por uma razão qualquer, o ar do mar está indicado em toda a sua plenitude.⁹⁷

Segundo Sousa, não bastava apenas receitar os banhos de mar e entender seus efeitos em cada enfermidade, era necessário averiguar a composição do ar e da água salgada, através da posição geográfica e exposição da praia.

“[...] De todo o tempo se reconheceu a pureza, a frescura e a salubridade do ar do mar, que é muito diferente do ar dos continentes. Com efeito, não só o ar, como o conjunto de todas as circunstâncias que constituem o que se chama clima, sofre modificação profunda na vizinhança dos mares.”⁹⁸.

A partir dessa apurada análise das condições de salubridade do ambiente marinho, o médico constatou quais enfermidades poderiam ser tratadas com os banhos de mar: moléstias escrofulosas e anervia gastro-intestinal, tuberculose e raquitismo. Ao final de sua tese o médico afirmou: “assim o ar do mar, os banhos do mar e a água marinha, com poucas modificações, serão úteis e indicados em todas estas doenças, tendo sempre em vista os dois casos clínicos que apresentamos para servirem de norma.”⁹⁹ A obra do Dr. José Mendes tornou-se um aporte teórico importante para o debate científico da época, assim como para os dias atuais, no que diz respeito aos novos resultados encontrados nas prescrições médicas dos banhos de mar.

Na mesma esteira de investigação sobre a hidroterapia marítima, encontra-se a dissertação: *Estudo Sobre os Efeitos Physiologicos e Therapeuticos dos Banhos de Mar*, apresentada a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, por Dr. Antônio Francisco da Silva Junior. A dissertação é iniciada com a seguinte constatação:

Se percorrermos o vasto arsenal therapeutico, apparece-nos, como um dos agentes mais preciosos para preencher esta indicação, o mar com as suas aguas, banhos, e atmospheras. Na verdade, é o tratamento marítimo um dos mais effica-zes que a therapeutica aconselha para destruir o gérmen d'es-sas debilidades constitucionaes tão multiplicadas nos nossos dias, e operar assim uma benéfica metamorphose na decadente saúde dos povos.¹⁰⁰

Os costumes dos banhos de mar, desde o âmbito médico até outras esferas sociais foram reafirmados pelo doutor Silva Junior na seguinte assertiva:

⁹⁷ SOUSA, 1867, p. 52-53.

⁹⁸ Ibid., p. 56

⁹⁹ SOUSA, Op.Cit., p.67.

¹⁰⁰ JÚNIOR, A.F. da Silva. **Estudo sobre os efeitos physiologicos e therapeuticos dos banhos do mar frios.** Porto: Typographia de Manoel José Pereira, 1874, p.18. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17221>. Acessado em: 18 de Setembro de 2017.

Ninguém contestara actualmente a poderosa eficácia da maior parte d'essas fontes d'aguas mineraes, que para beneficiar a humanidade enferma brotam á superficie da terra. Sabidas d'este immenso e inimitável laboratório, de que o Auctor da natureza é o verdadeiro chimico, são hoje empregadas na clinica diária.

E a agua do mar que é senão uma agua mineral? É, sem duvida, a mais rica de todas por sua composição; com justo motivo, pois, deve ser chamada a agua mineral por excellencia.¹⁰¹

Silva Junior traçou a ascensão dos banhos de mar em diferentes países da Europa, após 1812, os banhos de mar passaram a ser investigados com mais frequência por grandes médicos, “desde esta epocha, Gaudet, Lecoer, Viel, Pouget, Aubert, Dauvergne, Roccas, Fonsagrives, Brochard, Bertillon, Dutroulau, e muitos outros, teem vulgarizado muito a hydiatria marítima pelos seus famosos escriptos.”¹⁰² O médico comentou sobre a escassez de obras escritas em Portugal que abordavam o uso dos banhos salgados, também mencionou que um dos primeiros médicos a tocar nesse assunto, “foi Zacuto Lusitano n'uma paraphrase da Historia LXXVI de Avenzoar no Livro n II, onde se lê: *balneum salsum, aut ex marina acua paratum*”¹⁰³. Depois de Zacuto, veio o médico Francisco Morato Roma que indicou os efeitos purgativos dos banhos de mar, o médico que tocou novamente nesse assunto, mais próximo a época do Dr. Silva Junior, foi Manoel Joaquim Moreira Coutinho que relatou em um jornal científico os efeitos terapêuticos das águas salgadas.¹⁰⁴

O Dr. Silva Junior, diferentemente dos outros médicos já mencionados, examina a atmosfera marítima pelo viés social, isto é, observa que o deslocamento da população urbana para a praia em busca de descanso durante as temporadas de veraneio poderiam estar associadas ao aconselhamento médico ou pelo conhecimento das próprias pessoas acerca dos efeitos fisiológicos e terapêuticos do ambiente praieiro.

O revigoramento do organismo, melhoras no sistema respiratório e estímulo do apetite eram alguns dos efeitos causados pelos banhos. O médico elucida as principais propriedades químicas do ar concentrado na praia:

[...] Numerosas experiências se teem feito ainda para apreciar a salubridade relativa do ar do mar, das praias, e dos grandes centros de população. Notou-se que o primeiro era o mais puro, que o ar das praias se approximava muito do ar marítimo, e que o menos puro era o dos grandes centros.

¹⁰¹ JÚNIOR, 1874, p.18.

¹⁰² Ibid., p. 19.

¹⁰³ JUNIOR, Op.Cit., p.19.

¹⁰⁴ Ibid., p. 20.

O ar que se respira nas praias é mais oxygenado, e por conseguinte mais vital que o ar das terras centraes, porque é continuamente renovado pelas brisas do mar, e saturado de princípios mineralisadores, que até certo ponto impedem a sua alteração, e ainda de princípios bromados e iodados, que são considerados hoje verdadeiros modificadores e excitadores da nutrição.¹⁰⁵

Assim, as qualidades hidroterápicas: as temperaturas da praia, densidade da água e movimentação dos ventos, atuavam como excitadores da nutrição, além de tornarem a respiração mais larga e profunda.

O Dr. Silva Junior se articulou a mesma indagação feita pelo Monsenhor Kneipp, já citado neste trabalho, no que diz respeito aos abusos dos banhos de mar:¹⁰⁶

Hoje está tão vulgarizada a practica de semelhante meio, que famílias inteiras, de todas as classes e profissões, abandonam seus lares pátrios, para irem procurar nas terras da beira-mar remédio aos seus soffrimentos phisicos e moraes. E serão os banhos do mar apenas *uma phantasia da moda, remédio ultimo para as doenças incurável*¹⁰⁷

O médico também questionou as principais razões para o uso dos banhos:

Estamos muito longe de condemnar as diversões que se proporcionam nas praias, como são: os saraus, reuniões, theatros, etc, que exercem poderosa influencia na moral de certos indivíduos; mas reprovamos o luxo e as modas, que insultarem a hygiene, e o prolongarem-se aquellas por horas avançadas da noite, porque esta foi destinada para o descanso e somno, elementos tão necessários como a propria alimentação.¹⁰⁸

No século XIX, os avanços na área e na estrutura urbana permitiram a articulação entre a imprensa e o corpo médico e deram legitimidade aos usos dos banhos de mar e suas representação social entre as classes dominantes no Brasil.

2.2 O COSTUME DOS BANHOS DE MAR CHEGA AO BRASIL

As indicações médicas da hidroterapia marinha foram difundidas em vários países, no século XIX, e chegaram ao Brasil junto com a Corte em 1808, o contato dos médicos brasileiros com intelectuais europeus permitiu novos estudos sobre o uso dos banhos de mar no país. Registros da época informam que habitualmente D. João e Carlota Joaquina tomavam banhos

¹⁰⁵ JÚNIOR, 1874, p18.

¹⁰⁶ Ibid., p.55.

¹⁰⁷ JÚNIOR, Op.Cit., p.20.

¹⁰⁸ Ibid., p.57.

de mar por indicações médicas. Seguindo o costume real, muitas famílias abastadas passaram a utilizar os banhos como recurso terapêutico.

Segundo Victor Andrade de Melo, no seu artigo: *o Mar e o Remo no Rio de Janeiro do Século XIX*, o uso dos banhos frios não era um hábito entre os habitantes do Rio de Janeiro. A higiene diária era iniciada pela manhã com um pano molhado por aguardente e/ou loção a ser passado no corpo. O autor ainda esclarece que o primeiro contato com os banhos de mar foi realizado pelos indivíduos das camadas populares, no entanto os banhos não seguiam recomendações médicas, o mar é visto muito mais como um espaço de subsistência.

Os trabalhos historiográficos que remontam o século XIX e XX apresentam escassas informações sobre o discurso e a percepção das classes populares sobre o uso dos banhos de mar, mas aqueles que conseguimos encontrar e utilizar nessa dissertação não visam aprofundar a discussão em torno do assunto, mas permitem revelar que o uso dos banhos também representava a relação de poder existente entre as classes sociais. Thales Azevedo, na sua obra: *A praia: espaço de sociabilidade*¹⁰⁹, conta que a praia era vista como um lugar de preparação os instrumentos e o transporte para a atividade pesqueira, como consta na fala de um pescador da Bahia, “molha-se nessa água, mergulha às vezes, por necessidade, mas pouco por divertimento.”¹¹⁰ Seguindo essa linha de pesquisa, Carmen Silvia Rial, na sua dissertação, *O Mar de Dentro: a transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição*¹¹¹, também escreve sobre o cotidiano dos pescadores com o mar, segundo o relato de um ilhéu: “quando eu me criei aqui, não se falava em praia. Praia não existia. Quer dizer, existia mas para nós era praia de pescar. Não de tomar banhos.” Estes trabalhos esclareceram que o despertar para o uso dos banhos de mar foi sentido de formas distintas entre as classes, Victor Melo ainda comenta que “nos jornais da cidade, desde aquela época chegavam notícias dos banhos de mar em países europeus [...] No Brasil, com a popularização crescente do uso do mar para banhos, desde cedo surgiram preocupações com a sua regulamentação.”¹¹² Nota-se que os banhos de mar foram apropriados e legitimados pelas classes dominantes através da literatura médica e das publicações na imprensa.

O Jornal de Recife, em 1854, publicou o costume dos banhos de mar pelos membros da Corte portuguesa em Lisboa: “- O Rei Victor Manuel e a Princesa Clotilde são esperados

¹⁰⁹ AZEVEDO, Thales de. **A Praia: espaço de sociabilidade**. nº 134, Salvador: CEB/UFBA, 1988.

¹¹⁰ AZEVEDO, 1998 apud ARAÚJO, 2007, p.351

¹¹¹ RIAL, Carmen Silvia. **O Mar de Dentro: a transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição**. 1988. Dissertação de Mestrado. PPGAS/ UFRGS. 1988 apud AZEVEDO, 1998, p. 34.

¹¹² MELO, Victor Andrade de. **O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX**. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999, p. 45.

brevemente em Lisboa. Também vão passar a estação de banhos de mar a Lisboa, o infante D. Sebastião de Hespanha e sua esposa.”¹¹³ Essas informações eram fundamentais para a popularização dos banhos entre as camadas abastadas, que se viam representadas por costumes refinados e signos construídos pela modernidade.

No folhetim, *Os dramas de Pariz ou Rocambole*, escrito pelo Visconde Ponson du Terrail, publicado no Jornal de Recife, nota-se como os banhos de mar representavam status social entre as camadas dominantes da época:

-Eu não sei que papel representam os outros associados, mas acho que o seu não é nada arriscado. Ninguém neste mundo poderia provar que ainda hontem o não conhecia. Ora, nós encontravamo-nos nos banhos do mar, em qualquer sala da boa sociedade, o senhor pareceu-me um homem distinto, e como tal cuidei poder apresental-o á marquesa.¹¹⁴

A obra, *A Corte de Portugal no Brasil (notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina)*, escrita por Luiz Norton traz as impressões urbanas e históricas da chegada da Corte no Brasil e como a família real foi importante para o desenvolvimento de novos comportamentos sociais e propagação das virtudes terapêuticas dos banhos de mar.

Os banhos de mar, banhos terapêuticos, aconselhados no Rio de Janeiro a Dom João e a Dona Carlota Joaquina, representam grande progresso na higiene rudimentar que se observava no Paço. Provavelmente constituiu uma inovação praticada na nova sede da Corte, talvez sugerida por hábitos locais, pois com justiça referia Koster, depois da sua viagem ao Brasil empreendida em 1810.¹¹⁵

Esses relatos são fontes imprescindíveis para entender a trajetória dos banhos de mar no Brasil, no que diz respeito ao posicionamento intelectual e popular da época. Nessa linha de pensamento, Nelson Lage Mascarenhas também traz no seu livro, *Um jornalista do Império*, impressões de um jornalista sobre a dinâmica política do Rio de Janeiro, bem como as tradições, os costumes e as concepções médicas e populares da cidade. O excerto abaixo aponta como o

¹¹³ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 2 de Junho de 1865, nº 135, p.1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pesq=banhos%20do%20mar%20a%20Lisboa_. Acessado em: 10 de Fevereiro de 2017.

¹¹⁴ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 18 de Março de 1870, nº 62, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pesq=nos%20banhos%20do%20mar>. Acessado em: 10 de Fevereiro de 2017.

¹¹⁵ NORTON, Luiz. **A corte de Portugal no Brasil; (notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da imperatriz Leopoldina)** / Luiz Norton 1ª ed. Ilus.— São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. – (Coleção Brasileira), p. 135. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/a-corte-de-portugal-no-brasil-notas-alguns-documentos-diplomaticos-e-cartas-da-imperatriz-leopoldina>. Acessado em: 12 de Outubro de 2017.

uso dos banhos de mar estavam presentes no cotidiano das classes dominantes do Rio de Janeiro:

O imperador já não fala na viagem à Europa, e por isso creio que esse projeto ficará. Por ora, adiado. Deus se compadeça do nosso país, e nos dê juízo a todos, para nos irmos contentando com as nossas misérias. Minha mulher agradece seus cumprimentos. Ela, felizmente, tem melhorado muito com os banhos de mar, meus respeitos a sua senhora.¹¹⁶

Os relatos dos banhos de mar e seus benefícios à saúde eram frequentemente publicados nas páginas dos jornais, periódicos e revistas científicas. Um desses veículos de comunicação era *O Espelho: revista semanal de literatura, modas, indústrias e artes (1859–1860)*, periódico direcionado a instrução da moral e do comportamento de todos os grupos sociais, “a primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, e o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão política.”¹¹⁷ O objetivo do jornal era ser um propulsor do avanços científicos e mudanças de hábitos, tendo em vista a conscientização do leitor, como agente ativo no desenvolvimento do país.

Marco Lucchesi¹¹⁸, a respeito do periódico, afirmou: “a imprensa era a porta-voz do saber, instrumento democrático, nos moldes de um país assumido idealmente, através da imagem do operário que volta para casa. O jornal devia corresponder ao processo de civilização- para usar um termo caro ao Machado dos anos 1860.”¹¹⁹ Este periódico foi lançado em 1859, como seu sobrenome já dizia, temas diversos eram tratados, moda, literatura e comportamento. Possuía integrantes de renome como: Machado de Assis, na função de autor e colaborador, Francisco Eleutério de Souza, na função de redator chefe, Silva Rabelo, Moreira de Azevedo, Casimiro de Abreu e outros.

Os artigos sobre moda, comportamento e poesias apresentavam a associação da praia com os fluxos da vida e o imaginário literário sobre o mar.

O mar e a vida

O mar é uma imagem da vida.

¹¹⁶MASCARENHAS, Nelson Lage. **Um Jornalista do Império (Firmino Rodrigues Silva)**. Companhia Nacional. São Paulo. 1961, p.242. Disponível em: http://www.brasiliana.com.br/obras/um-jornalista-do-imperio_. Acessado em: 29 de Outubro de 2017.

¹¹⁷**O ESPELHO: Revista de literatura, modas, indústria e artes** – Ed. Fac-similar – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008, nº19, p.7.

¹¹⁸Romancista brasileiro, organizador da obra: **O ESPELHO: Revista de literatura, modas, indústria e artes**
¹¹⁹Ibid., p.7.

O oceano tem os seus fluxos e refluxos, as suas crescentes e minguentes; na vida há também o fluxo e refluxo de risos e lagrimas, de prazeres e de dôres; há também intermitências.

[...] É desconhecida a exacta profundez do mar; em certos lugares é um mystherio para a sonda do marítimo; e o que é a vida, esse espirito, esse principio que anima os corpos?

Os sábios, os doutos, os philosophos de todos os tempos, não tem podido concordar as suas opiniões sobre este mystherio da creação [...]¹²⁰

No Diário Novo, na seção: *Variedades*, também publicou as emoções transmitidas pela natureza marinha.

A vista do mar é sempre agradável, e é aconselhado muitas vezes o exercício de observar este divertido e saudavel objeto ás pessoas dispostas para gottaserena *amaurosis*, e aos que tem a vista ao longínquo horizonte aonde o mar e o céu se confundem, fixando as pontas que sulcão o Oceano: mar visto quando a pallida lua estende seu manto de prata sobre as ondas, apresenta um quadro encantador, e cheio de poesia.¹²¹

A matéria ainda menciona as propriedades químicas do mar e suas ações no corpo:

Os banhos do mar são um dos meios curativos mais eficazes para grande numero de enfermidades, não só porque accelerão o movimento do sangue, favorecem as diferentes secreções, dando tom a força necessária e energia a todas as suas funções, como também porque estimulão a pelle, e facilitão a transpiração, consolidando os músculos, e impedindo a perda ocasionada pela mesma transpiração.¹²²

Tinha-se conhecimento dos efeitos das águas salgadas, mas outro fator determinante para a prática desse costume foi a valorização dos banhos pelos grandes nomes da literatura, da moda e da política. O artigo, *Tomar Banhos*, publicado no Diarrio de Pernambuco, menciona o papel decisivo da moda para a divulgação dos banhos salgados entre as classes dominantes:

Se a moda não fosse a mais despótica das deosas caprichosa mesmo do que a musa pedante de algum poeta *kikiriki*, juro sobre a mais santa das crenças, que ninguém tomava banhos de mar!

[...] Mas a moda...

Não seria por certo no século das Montespan, e das Maintenon, que as rainhas da elegancia levassem o desvario até envergar a clássica camissolla de baeta,

¹²⁰O ESPELHO: Revista de literatura, modas, indústria e artes, op.cit., p.9.

¹²¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diário Novo*, 18 de Fevereiro de 1848, nº 39, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709867&pasta=ano%20184&pesq=os%20banhos%20do%20mar%20s%C3%A3o>. Acessado em: 10 de Fevereiro de 2017.

¹²²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diário Novo*, 18 de Fevereiro de 1848, nº 39, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709867&pasta=ano%20184&pesq=os%20banhos%20do%20mar%20s%C3%A3o>. Acessado em: 10 de Fevereiro de 2017.

espécie de alva já suja, com que as martyres do mão tom se immolam voluntariamente ao sacrificio das ondas, que he o patíbulo da moda!¹²³

Na seção: *Litteratura*, do Jornal do Recife, encontra-se uma observação popular:

As pupilas do Sr. Reitor

Chronica da Aldeia

Por Julio Diniz

XXV

(Continuação)

[...] -Não está má medicina, a sua! Então que tratamento lhe aconselhou?

- Confortativo- Respondeu Daniel gracejando

- Ah!, e o boticário entenderia as receitas que escreveu?

-Nem todos os couselhos médicos precisam do auxilio do boticário. Os banhos de mar, os passeios, os leites de jumenta e as defferentes prescrições do tratamento moral, por exemplo.

-Estou vendo que foi um tratamento moral o que fez

-Exactamente [...]¹²⁴

Nota-se que literatura brasileira abordava com frequência os banhos de mar como uma experiência significativa na vida das pessoas, muitas vezes se viam poemas bem humorados sobre o uso dos banhos em diferentes fases da vida, como na adolescência e na fase adulta. A *Carta do Sineiro da Sé Ao amigo Dr. Ti-ri-lô-lê*, publicada no Jornal do Recife que remonta ao conhecimento dos banhos de mar como um tratamento para diversos males:

[...] Esse nervoso meu caro,

É moléstia já da moda:

Se Xiquinha não engorda

Mariquinha emagrece,

É o nervoso que cresce

Se Bellinha toma sustos

Por qualquer cassuadinha,

Da menina coitadinha

É preciso se cuidar:

¹²³Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 27 de Novembro de 1854, nº 272, p.4. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_03&PagFis=5874&Pesq=Revista%20das%20Barcas. Acessado em: 10 de Fevereiro de 2017.

¹²⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 30 de Setembro de 1868, nº225, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pesq=Daniel%20n%C3%A3o%20deixou>. Acessado em: 26 de Julho de 2016.

Banhos, banhos, já do mar. [...] ¹²⁵

Os usos dos banhos de mar eram comumente recomendados nas revistas de moda, como exemplo podemos citar o periódico: *A Estação: Jornal Ilustrado para a Família*, o segmento: *Higiene*, o artigo, *Banhos*, descreve:

Para quem está fatigado a duração do banho não deve exceder de quarenta a cinquenta minutos: trinta e cinco minutos ou menos bastam. Os banhos que tomam os homens nervosos e as senhoras devem ser mais curtos: bastam vinte minutos para um banho tépido. O efeito tem tempo suficiente para se produzir. ¹²⁶

Os praticantes de vilegiatura marítima representavam uma camada social que estava aberta às novas descobertas científicas, às novas regras de comportamento e cuidados com o corpo. A matéria, *Chronica da Moda* periódico supramencionado, encontram-se as indicações das vestimentas adequadas para as estações de veraneio:

Eis chegada a boa estação, e em breve as nossas encantadoras leitoras como as andorinhas passageiras vão tomar o seu vôo em diferentes direções.
[...] Para villegiaturas, banhos de mar e excursões, o costume de viagem continuará a ser o que ele é sempre, isto é um costume confortavel e pratico, de elegancia incontestável, composto de uma saia direita e de uma grande capa completamente impermeável e guarda pó de tecido de lã. ¹²⁷

Crônicas de humor assumiram seu papel na divulgação dos banhos de mar, na seção: *Humorismo*, do *Jornal Pequeno* encontra-se o seguinte publicação: “-Olá já voltaste dos banhos de mar? -Naturalmente. O médico prescreveu-me que voltasse aos meus afazeres, dizendo-me que eu tinha necessidade de descanso.” ¹²⁸ Além das revistas de moda e as crônicas de humor, haviam as variadas seções de jornais que tratavam sobre descobertas científicas, assuntos de

¹²⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 25 de Novembro de 1869, nº 271, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pesq=toma%20sustos>. Acessado em: 26 de Julho de 2016.

¹²⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Estação**, 15 de Setembro de 1883, nº17, p.12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709816&pesq=banhos%20de%20mar>. Acessado: 20 de Dezembro de 2017.

¹²⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Estação: Jornal Ilustrado para a família**, 30 de Junho de 1889, nº12. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709816&pesq=banhos%20de%20mar>. Acessado em: 20 de Dezembro de 2017.

¹²⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 4 de Janeiro de 1901, nº23. p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=banhos%20de%20mar&pasta=ano%20189>. Acessado em: 20 de Outubro de 2016.

utilidade pública, comportamentos e costumes que versavam sobre o assunto. Na publicação: *Cousas Uteis*, no *Jornal Pequeno* encontra-se as seguintes palavras:

Diz uma revista médica que os banhos de mar são uteis ás creanças lymphaticas, ás pessoas, portadoras de vegetações adenoides no nariz ou no fundo da bocca, aos enfermos de coryza chronica, aos rachiticos e sobretudo ás pessoas afeitas á tuberculose local, ganglional, cutanea, óssea, articular, vertebral, etc.

Não devem tomar banhos de mar as pessoas sujeitas a afecções cardíacas, a arterio-sclerose e ao reumatismo.¹²⁹

Os jornais também apresentavam relatos sobre o conhecimento popular sobre os usos dos banhos de mar, no *Jornal Pequeno*, o segmento: *A medicina e as crendices populares*, escreve : “o mal que fazia não sei eu dizel-o: mas bem não me fez nenhum. Melhorei porque tomei ferro, banhos de mar e outras coisas que um medico me aconselhou”¹³⁰ Verifica-se que a divulgação dos efeitos dos banhos de mar chegou até aqueles que não dominavam a linguagem culta dos intelectuais e médicos da época.

O *Dicionário de medicina popular*, escrito por Luiz Chernoviz, popularizou o uso dos banhos salgados e ressaltou os benefícios trazidos à saúde pelo contato do organismo, convalescente ou não, com o sal, com o iodo e com as brisas marinhas.

Ha tendência em estabelecer nas estações maritimas, sanatórios destinados ás crianças que por causa da diathese escrofulosa parecem expostos á invasão mais ou menos tardiva de tísica pulmonar. Está sabido que mesmo os tísicos melhoram muito quando moram por algum tempo á beira mar e tomando sal marinho em altas doses. Algumas moléstias de mulheres, metrites, irregularidades na menstruação devidas á chlorose e á anemia também diminuem muito por meio da hydrotherapia com agua do mar.¹³¹

Em 1842, mesmo ano em que foi lançada a obra supramencionada, foi publicado o artigo: *Historia do Hydrocele em Pernambuco*, nos *Anais de Medicina Pernambucana*, produzido pelo doutor Manoel Pereira Teixeira. O escrito menciona a necessidade dos profissionais da saúde prescreverem os banhos de mar para combater diversas moléstias:

¹²⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 10 de Janeiro de 1911, nº7, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%201911&pesq=os%20banhos%20de%20mar%20s%C3%A3o%20uteis>. Acessado em: 10 de Fevereiro de 2017.

¹³⁰Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 1 de Junho de 1912, nº235, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pesq=crendices%20populares>. Acessado em: 2 de Agosto de 2017.

¹³¹CHERNOVIZ, P. L. N. **Dicionário de Medicina Popular**. Paris: Roger & F. Chernoviz. 1890, p.378.

Muito proveitoso seria que os habitantes deste país fizessem frequente uso dos banhos frios, e em particular dos de mar, durante a estação de verão. Aqui na Cidade fácil é tomar esses banhos pela proximidade do mar, e por meio deles talvez se diminuíssem muitas das moléstias horrorosas, que tão frequentes são aqui. Se esta Sociedade entender que isto será de proveito público, ficaremos na obrigação de aconselhar esses meios.¹³²

Manuel Teixeira indicou os banhos salgados para o tratamento da Hydrocele, a moléstia atingiu Pernambuco em 1810, ampliando-se ao longo de 1812 e com casos detectados em 1818, afetava a região dos testículos provocando inchaço e as causas estavam relacionadas à predisposição. O médico reforçou o uso dos banhos de mar como uma medida higiênica e preventiva para aqueles que ainda não contraíram as doenças:

[...]Para estes, além das medidas hygienicas acima indicadas, mui útil será o uso dos suspensórios, durante muitos mezes, e dos banhos parciais d'água do mar tépida com algumas colheres d'aguardente de cana na proporção já dita, e algumas gotas de tintura iode (uma gotta da tintura por onça d'água do mar, em principio; augmentando até cinco gotas por onça).¹³³

O corpo médico e a imprensa atuava em outras regiões do Brasil também atuavam na divulgação dos benefícios das águas salgadas. Na revista científica: *A União Médica (1881-1890)*, a seção: *trabalhos originaes*, revelou que os banhos de mar eram indicados no receituário médico dos reis e camadas aristocratas no Reino de Portugal: “na Côrte continuou ainda com as inalações e o tratamento reconstituente por mais de 3 mezes, usando também dos banhos de mar e de chuva, e depois de 9 mezes de tratamento, o doente estava forte, gordo e completamente curado.”¹³⁴ Na referência bibliográfica encontram-se orientações:

O *Manual de hydrotherapia* do Dr. Macario tem contribuído bastante para a vulgarização do emprego da agua fria, como meio therapico e hygienico. Seu livro pode ser consultado não só por médicos como também por pessoas que desejem conhecer e seguir os preceitos de uma hygiene racional e fortificante.

A esta nova edição o autor adicionou uma Instrução sobre os banhos de mar, que constitue um verdadeiro guia pratico para os banhistas.

As propriedades especiaes da agua do mar e da atmospherá marítima, as condições praticas da administração da hydroterapia marinha e as principaes

¹³²ANNAES DA MEDICINA PERNAMBUCANA (1842-1844), 1977. Estudo introdutório do Prof. Leduar de Assis Rocha. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, p.73.

¹³³JÚNIOR, 1874, p.74.

¹³⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **União médica**, Abril de 1840, nº 4, p170. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=337333&pesq=com%20as%20inha%20la%20C%20A%207%20C%20B5e%20s>. Acessado em: 26 de Julho de 2016.

afecções em que deve ser aplicado este conjuncto de meios, são conscienciosamente estudados no volume de que nos ocupamos.¹³⁵

Semelhante a essa revista, havia a *Sciencia para o Povo* (1881), o tópic: *Banhos*, recomenda que,

A temperatura da agua do mar difere pouco da temperatura média de cada clima e por consequência do lugar onde a consideramos; actua pelo movimento das ondas e estimulação cutanea que d'que resulta é bem proveniente dos saes que tem em disso de que uma parte é absorvida pela pelle ao mesmo tempo que a agua. E além d'isso muito mais tonica e estimulante de que a agua do rio, em virtude do grau de frio que determina e da reacção que é consequência.¹³⁶

As revistas científicas brasileiras recebiam a influência de estudos e pesquisas estrangeiras sobre os banhos de mar. Essas trocas de conhecimentos eram vistas nos jornais e nos anais de medicina de diferentes estados do Brasil. O *Jornal Pequeno* no seu artigo temático, *Banhos de Mar*, publicou a matéria: *Conselhos do medico francez dr. Cabanès*, sobre as precauções receitadas pelos médicos após os banhos:

O momento de sahida do banho é anunciado pelo primeiro calafrio. Nunca se despreze este signal dado pela natureza.

Os banhos devem ser mais ou menos demorados, conforme a compleição do banhista, e nos dias de agitação do mar ou do ar atmosférico devem ser também curtíssimos para todos os que os tomarem.

Embora geralmente se aconselhe para o contrario, é conveniente friccionar o corpo sem um lençol de pano grosso para apressar a reacção. Aquelles nos quaes difficilmente se produz a reacção, deve-se dar uma bebida generosa e forticante.

[...] Nunca se deve tomar mais do que um banho por dia.¹³⁷

Nota-se que o costume dos banhos de mar não era diferente aqui no Brasil, assim como os curistas europeus, os banhistas e convalescentes brasileiros também buscavam o tratamento para diferentes moléstias nos espaços terapêuticos¹³⁸, como as termas, estabelecimentos balneários, montanhas e praias.

¹³⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **União médica**, Agosto de 1889, nº 8, p.382. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=337333&pesq=Dr.%20Macario>. Acessado em: 26 de Julho de 2016.

¹³⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Sciencia Para o Povo**, Rio de Janeiro, 1881, nº 6, p. 221-222. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=349313&pesq=%20cutanea>. Acessado em: 26 de Julho de 2016.

¹³⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 6 de Outubro de 1918, nº 229, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&PagFis=15111&Pesq=banhos%20de%20mar>. Acessado em: 2 de Agosto de 2017.

¹³⁸Esta denominação é bastante conhecida pela historiografia quando se discute as cidades no século XIX, quando a medicina volta sua atenção para a higiene e condicionamento físico do corpo.

Mário Jorge Pires destacou em sua obra, *Raízes do turismo no Brasil*, que os banhos de mar caíram no gosto dos habitantes do Rio de Janeiro, que passaram a frequentar as praias com mais assiduidade para benefícios da saúde.¹³⁹ O autor ainda afirma que a higienização social destacava as diferenças entre ricos e pobres, no entanto o contágio da doença não era seletivo, morria rico e pobre, mas a elite possuía recursos para se afugentar das condições deletérias da cidade.¹⁴⁰ As temporadas de verão, a busca por ares salubres e tratamento de enfermidades contraídas na cidade reforçavam a busca pelos estabelecimentos balneários, especialmente as Casas de Banhos. Vale destacar que o processo de descoberta da praia e “domesticação” do mar no Brasil foi gradual, o Recife é uma importante amostra das dificuldades encontradas para a popularização dos banhos de mar. Veremos que a instalação das empresas que prestavam o serviço de banhos frios e banhos salgados passou por diversos entraves até sua consolidação como um espaço terapêutico.

2.3 OS BANHOS DE MAR EM RECIFE

A presença das águas sempre foi um elemento enaltecido na paisagem brasileira, os rios também eram considerados espaços tradicionais de cura e lazer, embora os banhos de mar estivessem em pleno florescimento na Europa, a conquista da praia se fez de modo gradual.

A província do Recife era frequentemente assolada por epidemias, por volta de 1746, as famílias abastadas, temendo a infecção e as altas taxas de mortalidade, se deslocavam das áreas urbanas para buscar proteção nos campos e áreas que não haviam sido contaminadas, e os banhos de rio se tornaram o principal recurso profilático. Rita de Cássia Araújo, em seu estudo, *A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol*, afirma que “na virada do século XVIII para o século XIX, o movimento em direção aos povoados ribeirinhos era intenso, sinal de que o costume de passar a temporada de festa no campo estava plenamente consolidado”¹⁴¹, os banhos estavam em plena ascensão e passou a ser explorado também por camadas populares:

O saber médico- reconhecido e legitimado pelas autoridades públicas e religiosas e aceito pela elite-, apregoando as virtudes terapêuticas e higiênicas

¹³⁹ PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil**. São Paulo: Manole, 2001 apud Hammerl, Priscyla Christine; Oliveira, Eduardo Romero de, 2006, p.3. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/PAINEL%20PDF/Priscyla%20Christine%20Hammerl.pdf>. Acessado em: 27 de janeiro de 2016.

¹⁴⁰Ibid., p. 58.

¹⁴¹ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **A vida ao ar livre: os banhos de rio, de mar e de sol**. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 2, p. 155-184, 2007, p.161. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24747/20021>. Acessado em: 12 de Abril de 2017.

dos banhos de rio e ares campestres, foi o responsável direto e imediato por essa nova forma de aproximação entre a população e os rios.¹⁴²

A historiadora ainda explora no seu artigo a transição dos banhos de rios para o de mar, explica como os banhos de água doce eram almeçados para os cuidados da saúde e o como foi o seu declínio na sociedade recifense.

No início, na segunda metade do século XVIII, quando foram descobertos, os banhos de rio e de intenso convívio social, tal como foi observado pelos cronistas e viajantes estrangeiros no começo dos noventa. Em sua origem, a procura pelos ares campestres e pelos banhos nas águas correntes dos rios Capibaribe e Beberibe teve uma motivação higiênico-sanitária.¹⁴³

Orlando Parahym, no seu livro, *Traços do Recife: ontem e hoje*, afirma que os rios eram apreciados por serem espaço de lazer e fontes de comunicação entre os bairros da cidade, “ia-se veranejar em casas construídas não longe do rio. Casarões com excelentes pomares e banheiros fluviais”¹⁴⁴. O autor também comenta sobre o processo de desvalorização da praia: “as praias do mar não atraíam os veranistas, porque eram imundas. Nelas se faziam os despejos da cidade. Nelas descarregavam-se os “tigres”, fossas moveis, timbre da falta de civilização sanitária.”¹⁴⁵ O relato de Parahym se articula a abordagem de Nair de Andrade no seu artigo: *Os rios e a nossa paisagem*, que demonstra a preferência dos rios em detrimento da praia, e cita: “[...] mas como diz Grieco, o mar é cosmopolita, não dá fisiologia particular a nenhuma região enquanto o rio dá um ar de família aos que nascem na vizinhança.”¹⁴⁶ O emprego dos banhos de mar foi acompanhado por mudanças e permanências, embora as cidades estivessem passando por um processo de modernização e difusão de novas propostas médicas.

O processo de expansão do Recife, entre os anos de 1830 e 1840, faz as margens do Capibaribe passar intensas modificações paisagísticas e habitacionais, a abertura das estradas provocou o adensamento populacional no processo de democratização dos subúrbios recifenses. O deslocamento sazonal da classe média fez com que os rios fossem vistos com outros olhos pela “gente endinheirada”, pois a calma e o deleite estético dos arrabaldes foram perdidos.¹⁴⁷

¹⁴²Ibid., p.161.

¹⁴³ ARAÚJO, 2007, p. 160.

¹⁴⁴ PARAHYM, Orlando. **Traços do Recife: ontem e hoje**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 122.

¹⁴⁵ Ibid., p.123.

¹⁴⁶ PARAHYM, Op.Cit., p.128.

¹⁴⁷ ARAÚJO, 2007, p.124.

Manoel Correia de Andrade relata sobre a ocupação dos arrabaldes por camadas populares e como as estações de veraneio deixaram de ser uso exclusivo da elite recifense.

“O uso do arralde se tornaria mais freqüente e acessível às classes menos favorecidas, depois que se desenvolveu no Recife o serviço de transportes coletivos, com as diligências a tração animal, os bondes de burro, cuja estação central se localizava no Brum, próximo ao porto, e com os trens chamados de maxambombas.”¹⁴⁸

O processo de desvalorização do veraneio nos arrabaldes também foi acentuado pela substituição dos engenhos pelas usinas. Esse acontecimento foi decisivo na mudança dos hábitos de lazer da população recifense, os rios passaram a ser poluídos pela calda da cana de açúcar das usinas e o olhar da população citadina, habituadas ao lazer propiciado pelo rio Capibaribe, fosse transposto para as água salgadas do mar de Olinda.¹⁴⁹

“No século XIX, com o advento das usinas-de-açúcar, a água – o “elemento nobre” da velha paisagem dos engenhos do Nordeste – entrou a ser maciçamente corrompida. Ao passo que “o engenho honrou a água; não se limitou a servir-se dela”, a usina degradou principalmente os rios: o monocultor rico “faz da água dos rios um mictório. Um mictório das caldas fedorentas de suas destilarias de álcool.”¹⁵⁰

Araújo, no seu artigo, *A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840-1940*, conta que “por volta de 1840, no entanto, evidenciavam-se os sinais de que a relação que a sociedade colonial havia estabelecido com as águas marinhas e com as praias de mar estava em franco processo de mudança.”¹⁵¹ A autora infere que a transição dos costumes dos banhos de rio para os banhos de mar se deu na ordem do dia. Os banhos salgados foram difundidos ao passo que novas descobertas médicas e inovações tecnológicas eram feitas, como a instalação de projetos higiênico-sanitários de limpeza das praias.

¹⁴⁸MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ANDRADE, Manoel Correia de. **As transformações espaciais e territoriais do bairro de Apipucos na cidade do Recife – PE**: uma contribuição geográfica aos conceitos de espaço e território. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo, p. 8337. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/24.pdf>. Acessado em: 15 de Fevereiro de 2017.

¹⁴⁹MACHADO; ANDRADE, 2007, p.8337.

¹⁵⁰ Efeitos sociais da degradação dos rios do açúcar no Nordeste do Brasil. Rachel Caldas Lins. Estudos Nordestinos de Meio Ambiente in LUCIVÂNIO, Jatobá (org.). **Estudos nordestinos de meio ambiente**. Recife PE : FUNDAJ, Ed. Massangana, 1986 Apud, MACHADO; ANDRADE. Op.Cit., p. 8337.

¹⁵¹ARAÚJO, R. C. B. *A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840- 1940*. **Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales de Chile**. p.1-8. 2013, p.2. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT23/GT23_deCassiaBarbosa.pdf. Acessado em: 26 de Julho de 2016.

O processo de enobrecimento das águas salgadas do mar e das faixas de praia da costa brasileira se torna inteligível quando relacionado às transformações urbanas, ao crescimento e à modernização das cidades litorâneas brasileiras, que se intensificaram em meados do século XIX, e quando associado, também, ao aburguesamento cultural das elites cidadinas e à evolução do conhecimento médico-científico.¹⁵²

A autora comenta que “a composição da água salgada ainda era motivo de resistência para a população do Recife ao uso dos banhos de mar”¹⁵³, mas as transformações urbanísticas e econômicas, no decurso do século XIX, iriam possibilitar a difusão de um pensamento higienista-sanitário.

A Sociedade de Medicina de Pernambuco, formada em 1841, durante o governo de Francisco do Rego Barros, foi responsável pela entrada das ideias higienistas no fluxo das preocupações públicas durante o processo de modernização da cidade. Médicos, cirurgiões e farmacêuticos criaram os *Annaes da Medicina de Pernambuco*, em 1843, visando explicar e conscientizar a população sobre as medidas de higiene e práticas terapêuticas para a cura de diversos males. Assim, o corpo médico do Recife passou a atuar um poderoso aliado do Estado, em suas diferentes instâncias.¹⁵⁴

O crítico de costume Padre Lopes Gama, em 1844, registrou no periódico, *O Carapuceiro – periódico sempre moral, e só por acidente político*, as mudanças de hábito, comportamentos e gostos da burguesia recifense. O padre ainda mencionou as diferenças entre as virtudes terapêuticas provocadas pelos banhos de rio e de mar, acreditava que os banhos de mar eram tomados por moda, mas se possuísse algum teor benéfico deveriam ser empregados.

“Todavia ouço dizer que presentemente estão mais em voga os banhos de mar. Será por moda, ou por necessidade? Sendo por esta não há que reprovar: pois saúde é o objeto de suma importância; mais se for por aquela, confesso ingenuamente que lhe não acho graça, pois como regalo entendo que os banhos de rio corrente e de água doce são muito mais agradáveis que os de água salgada. Porém, nem salgados tem mérito algum em comparação de certos banhos para as moças solteiras, e são estes tão eficazes que bastam três para as contentar, e até curá-las de várias enfermidades.”¹⁵⁵

¹⁵²ARAÚJO, 2013, p. 2.

¹⁵³Ibid., p.156.

¹⁵⁴ ARAÚJO, 2007, p.178.

¹⁵⁵ MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco: Economia e Sociedade no 2º Reinado**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996, p.365.

A transição do gosto pelos banhos de rio para o de mar gerou comentários não só a nível intelectual, mas se popularizou entre diversas camadas sociais através das crônicas, poesias e charges divulgados pela imprensa de Recife. O *Jornal Pequeno* publicou uma crônica sobre os efeitos e precauções dos banhos de mar durante as estações de veraneio:

De uma chronica scientifica escripta de Paris para o *Jornal do Commercio*, do Rio:

O habito de tomar banho pode ser exagerado, como todos os hábitos. Os banhos de mar demasiadamente prologados são prejudiciais á saúde. Os banhos inteiros frios deveriam ser prohibidos ás pessoas que sofrem de defeitos circulatórios. Muitos ingleses são fanáticos pelos banhos matutinos em agua gelada, o que póde ter efeitos desastrosos, e tendo a abreviar em vez de prolongar a vida.¹⁵⁶

A divulgação dos banhos de mar não se deu apenas a nível local, o registro revela a comunicação entre a imprensa recifense e os jornais do Rio de Janeiro. O fragmento acima representa como Recife estava se desenvolvendo intelectualmente e economicamente, frente ao processo de modernização ocorrido nas grandes cidades brasileiras. A cidade do Recife passou a atuar como centro político-administrativo e polo urbano-comercial, tornando-se um ponto nevrálgico na articulação entre os setores da economia interna e das economias centrais, atingindo também a economia brasileira.¹⁵⁷

Cátia Lubambo, na sua obra intitulada: *O Bairro do Recife: Entre o Corpo Santo e O Marco Zero*, mostra que o progresso foi alcançado em diversos setores sociais, nas décadas finais do século XIX e no século XX, “não se poderia subestimar a importância desses avanços, na medida em que os mesmo incorporavam modificações significativas, tanto na estrutura da sociedade como no seu padrão de vida cotidiana.”¹⁵⁸ Essas mudanças no Brasil se assemelhavam as transformações vividas na Europa durante a primeira metade do século XIX, segundo a autora, essas transformações foram permitidas pela recomposição social e política com a chegada da República.¹⁵⁹

No Brasil, as mudanças se estendiam do centro, Rio de Janeiro, para as grandes cidades, segundo Lubambo: “[...] tanto remodelação da capital, quanto os variados meios descobertos em favor da consagração do progresso e modernização são facetas diferentes de um só projeto:

¹⁵⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Jornal Pequeno*, 26 de Maio de 1914, nº41, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pesq=o%20choque%20C3%A9%20demasiada%20mente>. Acessado em: 26 de Julho de 2017.

¹⁵⁷ ARAÚJO, 2013, p.2.

¹⁵⁸ LUBAMBO, Cátia Wanderley. *Bairro do Recife: entre o Corpo Santo e o Marco Zero*. Recife-PE. CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991, p.63.

¹⁵⁹ LUBAMBO, 1991, p.64.

o projeto que marcou categoricamente a nova composição das elites sociais no País.”¹⁶⁰ A modernização do país foi um projeto que contava com algumas prioridades, dentre elas estavam: o reaparelhamento da infraestrutura urbana nacional, sobretudo os portos e as estradas inter-regionais, modernização da capital e difusão de uma ideologia modernizante e sanitarista, ideias que foram apoiadas por intelectuais, médicos e higienistas nacionais.¹⁶¹

O processo de modernização da cidade do Recife atingiu diretamente a paisagem dos rios e permitiu a construção de estabelecimentos voltados para higiene do corpo, através dos banhos de água doce e salgado. O costume dos banhos de rio só perdeu espaço para os banhos de mar na segunda metade deste século, pois as primeiras experiências com os banhos salgados pelos recifenses foram graduais.

2.3.1 A Barca de Banhos do Recife

Os estudos e repercussões sobre os benefícios dos banhos salgados foram materializados no Recife através da instalação da primeira Barca de Banhos¹⁶² do Recife. O estabelecimento balneário estava situado entre o bairro do Recife e o de Santo Antônio. Inaugurada em 23 de Junho de 1844, com investimento de capital privado, assentado nos costumes religiosos vividos pela população de Pernambuco¹⁶³, o balneário fazia uma alusão ao batismo de cristo por São João, como também representava a materialização de novos ideais na cidade.¹⁶⁴

A barca, sua situação sobre o rio, os banhos salgados apenas evocavam as crenças religiosas popular, convertida que fora em pretexto para o encontro e o exercício da sociabilidade entre as pessoas de bom tom. Pessoas que ansiavam pelo sucesso do empreendimento balneário e pela sofisticação dos recreios e prazeres que tinham em seu curso interior[...]¹⁶⁵

Conhecida como “barca de banhos flutuantes”, justamente pelo seu formato, continha oito banheiros, “a água subia à altura de cinco palmos todos eles circulados de ferro, por entre

¹⁶⁰ Ibid., p.65.

¹⁶¹ LUBAMBO, Op.Cit., p.65.

¹⁶² A barca de banhos foi criada na Europa. Eram embarcações amarradas no porto, com lanchas que se edificavam sobre uma cobertura de zinco. *In*: ARAÚJO, 2007, p. 133.

¹⁶³ Faziam procissões até águas do rio ou de mar para banhar o corpo como ritual de renovação. *In*: ARAÚJO, 2007, p.147.

¹⁶⁴ ARAÚJO, 2007, p.146.

¹⁶⁵ ARAÚJO, Op.Cit., p. 148.

as quais passava a água livremente.”¹⁶⁶ Vale ressaltar que os banhos eram oferecidos em recintos fechados e separados por gênero, o estabelecimento prezava pelo decoro público. A Barca de Banhos não se reduzia a um espaço para banhos de mar, internamente possuía um salão para descanso das famílias e dos banhistas. O estabelecimento também funcionava como importante ponto de encontro de uma rica clientela.¹⁶⁷ Araújo menciona a dinâmica interna da empresa de banhos salgados:

Antes de tudo, a barca de banhos foi pretexto para o passeio em família, especialmente à noite, quando a temperatura abrandava, cessava o burburinho das ruas e a lua derramava seu brilho sobre a cidade. Sua aparição deu motivo mais que suficiente para que as senhoras, senhoritas e crianças, a gente de bom tom, enfim, pudesse deixar a monotonia do lar para sair às ruas, caminhando alegre e descontraidamente.¹⁶⁸

O estabelecimento funcionou como um novo espaço de sociabilidade no cotidiano para os intelectuais, médicos, políticos e a classe média do Recife. Mas, o que chama atenção para a trajetória da Barca de Banhos é o seu tempo de funcionamento, durou pouco tempo, tendo em vista a euforia do seu proprietário para ampliação da empresa, relatos da época mencionam que a decadência foi motivada pela resistência a incorporação dos novos costumes que floresciam com a modernidade.

O flutuante, porém, teve que enfrentar não o perigo dos arrecifes, das estacas dos currais de peixe ou dos bancos de areia, como era de se esperar de uma barca comum, mas a força do preconceito e os limites de um mercado de serviços urbanos ainda em formação, apegado às formas tradicionais de servir-se do braço escravo, do agregado ou do esquema a favor.¹⁶⁹

Embora a burguesia estivesse conhecendo e se adaptando gradualmente aos recursos terapêuticos dos banhos de mar, o Recife ainda convivia com comportamentos e valores do século passado¹⁷⁰, como pode ser atestado nessa afirmação:

Há que se levar em conta ainda o fato de, apesar das elites das grandes cidades brasileiras demonstrarem grandes simpatias em assimilar modas europeias, mormente as que traziam as marcas de Paris, mantinham como um traço de seu costume, herdado do passado colonial, o não frequentar estabelecimentos voltados aos serviços de alojamentos e comedorias, quais sejam: os cafés, restaurantes, e hotéis.¹⁷¹

¹⁶⁶ Ibid., p.149.

¹⁶⁷ ARAÚJO, Op.Cit., p.150.

¹⁶⁸ Ibid., p.152.

¹⁶⁹ ARAÚJO, Op.Cit., p.184.

¹⁷⁰ Diário de Pernambuco, 19 de Outubro de 1847, p.2 apud ARAÚJO, 2007, p. 157.

¹⁷¹ ARAÚJO, Op.Cit., p. 160.

Nota-se que as mudanças paisagísticas da cidade e a inserção de novos valores não foram ligeiramente aceitas em uma sociedade arraigada por costumes e tradições. Segundo Araújo: “[...] Ao desaparecer das águas do Capibaribe, a barca não carregou consigo todos os sonhos. Sua aparição na cidade, elemento de grande visibilidade, que rendeu passeios e crônicas, contribuiu para divulgar a prática dos banhos salgados entre a gente do Recife.”¹⁷² O pioneirismo de José da Maya serviu para reforçar a divulgação dos banhos de mar na cidade, como também revelou a importância da imprensa para que essas novas ideias fossem colocadas em prática.¹⁷³

Observando as transformações de valores e novas descobertas científicas acarretadas pelo processo de modernização, os higienistas passaram a direcionar suas atenções à insalubridade de Recife, que convivia com a falta de um sistema de esgoto e água potável. O primeiro relatório do Conselho de Geral de Saúde Pública, em 1845, incluía o melhoramento das praias, remoção dos entulhos das ruas e a extinção dos pântanos. Essa noção de melhorias sanitárias, mediante a modificação do ambiente, era proveniente de uma concepção miasmática, acreditava que as imundices presentes no ambiente emanavam vapores nefastos e causavam as moléstias.¹⁷⁴ O conhecimento sobre as qualidades dos banhos salgados foram amplamente difundido no tratamento das epidemias.

Os médicos e higienistas aconselhavam o uso de banhos com o sentido de terapia, limpeza e higiene do corpo; banhos regulares, disciplinados, talvez até diários, em se tratando de banhos de água potável no âmbito do espaço doméstico, ou temporadas de banhos salgados receitadas pelos médicos, cuja dosagem variava segundo cada caso específico de doença.¹⁷⁵

Assim, o saber médico somado ao serviço de abastecimento de água, na segunda metade do século XIX, favoreceu a divulgação das virtudes dos banhos frios, especialmente o de mar. Esse quadro social favoreceu a instalação do primeiro empreendimento com serviços de banhos frios na cidade do Recife.

¹⁷² Ibid., p. 163-164.

¹⁷³ ARAÚJO, Op.Cit., p. 157.

¹⁷⁴ Ibid., p. 200.

¹⁷⁵ Ibid., p.203-204.

2.3.2 A Casa de Banhos no Pátio do Carmo

Instalada em 1858, a Casa de Banhos do Carmo, situada no bairro de Santo Antônio, entre a ordem 3º e o Convento do Carmo¹⁷⁶, propriedade privada de Aguiar & Freiss.

A localização da Casa de Banhos foi registrada na litografia¹⁷⁷ de Luis Schlappriz, como pode ser vista abaixo:

Figura 1- Casa de Banhos do Carmo. A localização exata da Casa de Banhos do Carmo está destacada pelo círculo.



Fonte: Museu da Cidade. In: SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O Costume da praça vai à casa** : as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830 - 1880). 2011.

Diferentemente da Barca de Banhos que fornecia banhos salgados, essa empresa fornecia banhos frios de água potável e banhos medicinais preparados com misturas aromáticas destinadas ao tratamento de muitas enfermidades.

¹⁷⁶ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 7 de Dezembro de 1857, nº 281, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_03&PagFis=9581&Pesq=casa%20de%20banhos
Acessado em: 27 de fevereiro de 2018.

¹⁷⁷ Litografia de Luis Schlappriz. Fonte: Museu da Cidade. In: SILVA, Sandro Vasconcelos da. **O Costume da praça vai à casa** : as transformações urbanas e suas influências sobre os costumes da classe burguesa do Recife oitocentista (1830 - 1880). 2011. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011, p. 84.

A publicação, *Casa de Banhos*, do *Jornal do Recife* descreve esmiuçadamente a quantidade de cômodos, horário de funcionamento e os valores das diferentes modalidades de banhos oferecidos pelo estabelecimento. Sobre as acomodações consta a seguinte descrição: “pelo que expomos, a referida casa contendo útil 18 quartos para tomar-se banhos, sendo 10 para as pessoas do sexo masculino, 4 para senhoras, 2 reservados para tomar banhos medicinaes (receitados pelos Srs. Medicos) e 2 para banhos de chovisco e choque.”¹⁷⁸ Com relação ao horário de uso desses banhos, a publicação informa: “a casa de banhos estará aberta nos dias uteis das 6 horas da manhã ás 10 noite e nos dias santificados das 6 ás 4 da tarde; fora das horas marcadas se abrirá para satisfazer a necessidade de qualquer assignante.”¹⁷⁹ Os preços variavam para cada tipo de banho, os banhos frio, mornos e chovisco custavam 500\$, esses banhos eram indicados para o tratamento de muitas moléstias, como escrófulas, histerismo, epilepsia e afecções que atingiam o sistema linfático, pois ofereciam o revigoramento dos órgãos e do sistema digestivo. Os banhos frescos possuíam um efeito tônico e aumentavam o apetite dos organismos fracos. Os banhos temperados provocavam um efeito relaxante em indivíduos com irritabilidade. Os banhos quentes eram prescritos para moléstias nervosas e inflamações agudas e crônicas. Os banhos medicamentosos eram os sulfurosos, salinos e aromáticos, indicados para o tratamento dos indivíduos com sífilis.¹⁸⁰ A matéria, além de informar, visava convencer o público sobre a necessidade e os efeitos higiênicos dos banhos.

O *Jornal Pequeno*, de 1858 publicou uma correspondência em apoio aos senhores Aguiar e Freiss, que buscavam ampliar o estabelecimento com mais cinco banheiros, na assembleia geral da Companhia do Beberibe.¹⁸¹ No fragmento baixo são enunciadas as motivações em busca da permissão do Estado para a construção de novas acomodações na empresa:

Não somos daqueles que preferem o progresso moral ao material, nem tão pouco dos que preferem este a aquelle; porque o único meio, segundo

¹⁷⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 5 de Janeiro de 1875, nº 2, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=casa%20de%20banhos%20do%20pateo%20do%20carmo>. Acessado em: 26 de agosto de 2018.

¹⁷⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 5 de Janeiro de 1875, nº 2, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=casa%20de%20banhos%20do%20pateo%20do%20carmo>. Acessado em: 26 de agosto de 2018.

¹⁸⁰Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 5 de Janeiro de 1875, nº 2, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=casa%20de%20banhos%20do%20pateo%20do%20carmo>. Acessado em: 26 de agosto de 2018.

¹⁸¹Os proprietários da Casa de Banhos do Pátio do Carmo encontraram dificuldade no fornecimento de água potável pela Companhia do Beberibe. *In*: ARAÚJO, 2007, p. 208

pensamos, de chegarmos a ocupar um bela posição, é combinar essas duas ideias, pois deste modo conseguimos a verdadeira civilização.¹⁸²

[...] O edifício oferece as comodidades necessárias para o seu fim, nelle existem banheiros decentemente preparados; ali encontram-se banhos frios, quentes, medicinaes, etc.

[...] Não só temos ouvido algumas pessoas dizer que este estabelecimento é superior ao que ora existe na corte, e a alguns existentes na Europa como os mesmos jornaes o tem confessado [...]¹⁸³

A necessidade da Casa de Banhos do Carmo é endossado quando os autores da correspondência informam que o clima da cidade aguçava a busca para refrescar o calor, além de proporcionar a higiene pessoal.

[...] E no bom senso do publico; a posição topográfica em que se acha a nossa província, a inconstância das estações entre nós, e o grau de calor que experimentamos, mesmo na estação invernosa, bastão para provar a utilidade, e mesmo necessidade de uma casa de banhos em nossa cidade: além disto, acresce a dificuldade que há entre nós pata se tomar commodamente um banho em nossas casas, pois que, apesar do encanamento do Beberibe, todavia o nosso systema de edificação torna difficilimo o despejo das aguas em que nos banhamos, visto que poucas são as casas que entre nós tem quintal, e algumas que que o tem são taes que para nada servem, e se assim é, não pode ser contestada a utilidade de uma medida que venha cortar tantos incommodos [...]¹⁸⁴

Noticiários sobre o estabelecimento eram frequentes nas páginas dos jornais, um caso bastante interessante se encontra na seção: *Correspondência*, no Diario de Pernambuco, que traz uma crítica aos banhos frios, pautada pela moralização dos corpos e o decoro público:

Srs. Redactores – Acabo de ler no seu jornal uma correspondia contra o estabelecimento de banhos, que se está colocando na casa situada entre a ordem 3. e o convento do Carmo; e digo com franqueza, que fiquei bastante surpreendido.

Estaria de mais uma resposta minha a esta correspondência, principalmente quando a mui digna redação, em uma nota citada correspondência, a desfaz ponto por ponto, se não tivéssemos de ver reproduzida a mesma alicantina em nome de Deus, que o tal correspondente não conhece, ou dos Santos em quem não acredita.

¹⁸²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 19 de Maio de 1858, nº 1682, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705403&PagFis=6746&Pesq=casa%20de%20banhos>. Acessado em: 27 de fevereiro de 2018.

¹⁸³Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 19 de Maio de 1858, nº 1682, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705403&PagFis=6746&Pesq=casa%20de%20banhos>. Acessado em: 27 de fevereiro de 2018.

¹⁸⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 19 de Maio de 1858, nº 1682, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705403&PagFis=6746&Pesq=casa%20de%20banhos>. Acessado em: 27 de fevereiro de 2018.

Ora, qualquer estrangeiro que leia o seu jornal, e nelle depre com este artigo, onde se diz que uma casa de banhos he cousa sacrilegia, impura, obra de Satanaz, que Jesus Christo fulminou com as palavras de abominação, desolação etc.¹⁸⁵

Os proprietários rebateram a correspondência informando que a adoção dos banhos frios não deveria ser taxada como impuros, a higiene era uma necessidade a ser atendida em uma nação civilizada, como é mencionado no trecho abaixo:

O que dirá de nós a Europa em peso, quando saiba, que uma cidade, como a do Recife, com mais de cem mil habitantes, em um clima abrasador como o nosso, não tem banhos públicos, e nem se quer um estabelecimento particular para esse fim?

Os banhos frios são para nós uma necessidade hygienica; para toma-los no mar, he mister grande despeza, e incommodo para ir ao arrecife; para toma-los doces [...]. Por tanto a necessidade de uma casa de banhos era palmar, mas onde, em que localidade?

O pátio do Carmo he o centro da freguezia de Santo Antonio, e pode dizer-se que toda a cidade, era pois ali o ponto preferível para um estabelecimento dessa ordem[...]¹⁸⁶

O uso dos banhos frios foi justificado através de argumentos baseados em tradições religiosas:

Donde vem a ideia da impureza e do sacrilégio de uma casa de banhos? Os antigos tinham os banhos ou abluções como de preceito religioso; e de certo a religião christã nunca recomendou a porcaria como preceito divino, nem prohibio os banhos, pelo contrario a Inglaterra os tem públicos, e a assembleia nacional de França os decretou em 1851. Não há cidade, villa, ou aldeia da Europa que os não tenha públicos ou particulares, e na America creio que somente o Brasil não goza dessa vantagem.¹⁸⁷

O Jornal Pequeno também publicou um anúncio que informava com detalhes as instalações higiênicas e os tratamentos hidroterápicos fornecidos:

¹⁸⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 7 de Dezembro de 1857, nº 281, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_03&PagFis=9581&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 27 de fevereiro de 2018.

¹⁸⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 7 de Dezembro de 1857, nº 281, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_03&PagFis=9581&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 27 de fevereiro de 2018.

¹⁸⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 7 de Dezembro de 1857, nº 281, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_03&PagFis=9581&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 27 de fevereiro de 2018.

Este estabelecimento de tão grande utilidade há muito tempo desejado pelos habitantes desta cidade e constantemente recomendado pelos esclarecidos membros do instituto de hygiene publica, acha-se decorado e arranjado com esmero e asseio.

[...] Haverão neste confortável estabelecimento banhos frios simples d'água corrente da Companhia de Beberibe, ditos aromáticos, ditos de choque ou chuvisco, banhos mornos simples e aromáticos, assim como banhos medicinaes preparados com substancias, vindas de Paris, das mui acreditadas pharmacias de Mes Sarbaud, Vauquelin, e Peletier Pai & Filhos, algumas das quaes já foram examinadas pelo mui inspector do instituto hygienico.¹⁸⁸

O excerto revela que a Casa de Banhos do Carmo alcançou sucesso devido o apoio da imprensa e dos médicos:

[...] em ritmo lento e contínuo como o trabalho das do mar, médicos, higienistas e simpatizantes dos princípios higiênicos dos banhos, da hidro e da talassoterapia, persistiam em sua jornada, qual seja: divulgar os benefícios que o uso frequente de banhos trazia à saúde individual e, por extensão, à saúde da coletividade.¹⁸⁹

Percebe-se que o uso dos banhos de mar, legitimados pelos médicos, Estado e imprensa foram ganhando espaço na cidade do Recife:

Nas areias da praia, pegadas humanas sugeriam uma outra modalidade de banho com que certos habitantes do Recife iam, pouco a pouco, estabelecendo contato: os banhos salgados de talassa. As virtudes medicinais das águas do mar, inicialmente propagadas apenas pela classe médica, contando com o apoio de empresários e órgãos da imprensa, ganhavam amplitude social¹⁹⁰

Nesse ínterim, o governo provincial do Recife desejando promover e ampliar a prática dos banhos de mar anunciou a concessão de privilégios à empresa de capital privado a quem desejasse instalar um estabelecimento balneário.¹⁹¹ No dia 1º de outubro de 1880, a Casa de Banhos dos Arrecifes foi fundada por Carlos José de Medeiros, a empresa, nos seus mais diversos aspectos, carregou consigo vivências, sensibilidades e tensões sociais de um tempo marcado pelo “novo” na cidade do Recife. O local se tornou um refúgio da burguesia, que procurava se distanciar da insalubridade e das epidemias que assolavam nesse período.

¹⁸⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 8 de Abril de 1858, nº. 1647, p.3. Disponível: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705403&PagFis=6611&Pesq=casa%20de%20banhos>.

Acessado em: 27 de Fevereiro de 2018.

¹⁸⁹ ARAÚJO, 2007, p.368.

¹⁹⁰ Ibid., p.215.

¹⁹¹ ARAÚJO, Op.Cit., p. 228.

É nessa perspectiva que analisaremos no capítulo seguinte, com o processo de modernização da cidade como pano de fundo para as realizações dos eventos culturais promovidos pela Casa de Banhos. Além disso, daremos destaque para os médicos, políticos, banhistas, estrangeiros, os trabalhadores pobres e intelectuais locais e nacionais que participaram ativamente na construção e representação social da empresa.

3 A TRAJETÓRIA DA CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES: DA TERAPIA AO LAZER

Por ser uma cidade portuária, Recife foi favorecido pela circulação de novos conhecimentos provenientes de várias partes do país e do mundo. O melhoramento do Porto trouxe expansão comercial e industrial, também propiciou abertura uma atmosfera cosmopolita na cidade. As mudanças de comportamentos, as novas concepções de higiene e avanços técnicos provocaram novos sentimentos e impressões sobre a Reforma do “velho” Bairro do Recife.¹⁹²

As concepções higienistas estavam florescendo no Recife e gradualmente o mar tornava-se importante aos olhos da sociedade no século XIX, especificamente, à vista de parte dessa população¹⁹³, como as classes dominantes das instâncias econômicas e letradas, alguns empresários, editores e redatores de jornais:

[...] Mostravam-se abertos para assimilar determinados costumes, modas, valores, atitudes e padrões comportamentais de inspiração burguesa europeia; bem como para acolher ideias políticas, econômicas, científicas e filosóficas em voga nos países capitalistas centrais, assimilando-as e adaptando-as a serviço de seus interesses de classe social ou de grupo político.¹⁹⁴

Essa aliança entre intelectuais, médicos e o Estado favoreceu a instalação da Casa de Banhos dos Arrecifes. Em 1868, o governo provincial expediu um documento que dava concessão aos interessados em construir uma casa de banhos salgados nos arrecifes. Um ano após essa proposta, o governo sancionou a lei de n. 880 que autorizava e concedia os direitos a empresas de capital privado para construir um estabelecimento balneário, contudo não houve êxito. Em 1879, a Secretária da Presidência reabriu a proposta aos interessados e terminado o prazo o único interessado foi o comerciante de tecidos, Sr. Carlos Medeiros. O contratante tinha direito a dezoito meses para franquear o estabelecimento ao público, o proprietário também conseguiu a posse do sítio através dos privilégios concedidos pela Marinha, além do prolongamento do prazo autorizado pelo governo por um longo período de noventa e nove anos.¹⁹⁵

¹⁹² LUBAMBO, 1991, p.69.

¹⁹³ No jornal *A Província*, de 28 de Abril de 1906, consta um artigo escrito por Carlos Medeiros ao redator desse jornal.

¹⁹⁴ MELLO, 1996. In: *O Carapuço*, Os Banhos no Tempo de Festa, 23 de Janeiro de 1844, p.265.

¹⁹⁵ ARAÚJO, 2007, p.220.

A Casa de Banhos dos Arrecifes, localizada sob os arrecifes no cais, precisamente na frente da primeira Doca (armazém) em frente à ponte giratória, teria uma longa jornada de sucesso, seu proprietário Carlos Medeiros, assim como seu pai, João Pereira de Medeiros, que foi um comerciante importante na cidade, tinha uma visão empreendedora, estava aberto para as concepções modernas que circulavam no Recife.¹⁹⁶ O redator da matéria, *Esplendor e Decadência da Casa de Banhos: Um recanto paradisíaco em peno porto do Recife*, do Jornal Pequeno entrou em contato as senhoras Elvira Medeiros e Marina Glasner, respectivamente filha e neta de Carlos J. Medeiros que recordaram as primeiras ações tomadas pelo proprietário do estabelecimento:

Quando o povo do Recife viu o velho comerciante de tecidos Carlos José de Medeiros andando sobre os arrecifes e dizendo que ia levantar ali uma casa de banhos, começou a dizer que ele estava ficando louco. Mas o bom velho não se incomodou com a língua do povo e foi ele mesmo dirigir a construção do balneário que idealizara.¹⁹⁷

A publicação retratou como as piscinas foram escavadas nos arrecifes:

Primeiro, tratou de conseguir da Marinha o necessário privilégio da posse do lugar, que lhe foi concedido por 99 anos. Depois, começou a dinamitar os arrecifes para a construção das piscinas. Foi um trabalho insano. As piscinas eram cimentadas e quando ia ficando quase prontas vinham as ondas e estragavam tudo. Trabalhava-se muito durante a noite para aproveitar a vasante das marés. Mas trabalhava-se também durante o dia. O velho Medeiros era ao mesmo tempo construtor e operário. Bateu com suas próprias mãos as primeiras estacas da casa. E de tanto levar sol, caíram-lhe as unhas e toda a pele dos braços e do rosto.¹⁹⁸

Nota-se que Carlos J. Medeiros lançou esforços e investimentos construir uma empresa de banhos salgados que não poderia vingar, mas sua fundação estava na ordem do dia, os novos ideais produzidos pela modernidade, especialmente da noção de que não se deveria cuidar apenas da aparência da cidade, mas da higiene pessoal, fez com que os banhos de mar caísse no gosto das classes dominantes.

¹⁹⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 21 de Julho de 1901, nº 161, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_08&pasta=ano%20190&pesq=filho%20de%20Jo%C3%A3o%20Pereira%20de%20Medeiros. Acessado em: 17 de março de 2018.

¹⁹⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 22 de Fevereiro de 1949, nº 42, 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20194&pesq=recanto%20paradis%C3%ADaco_ Acessado em: 07 de Março de 2018

¹⁹⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 22 de Fevereiro de 1949, nº 42, 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20194&pesq=recanto%20paradis%C3%ADaco_ Acessado em: 07 de Março de 2018

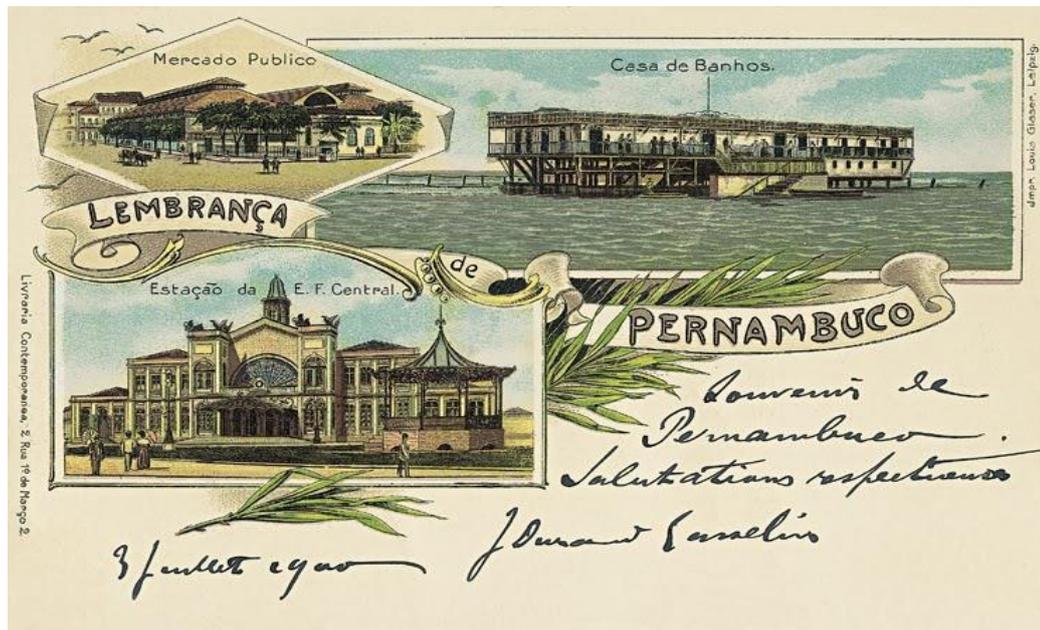
Os memorialistas, redatores de jornais e fotógrafos registraram a estrutura do balneário sob os arrecifes. A seguir vemos, respectivamente, uma fotografia da Casa de Banhos indicando exatamente o local onde estava construída e sua imagem ganhando o mundo através de um cartão-postal:

Figura 2- Bandeira do Brasil hasteada na Casa de Banhos dos Arrecifes, ao fundo o Porto do Recife



Fonte: <http://bairrodo Recife.blogspot.com/2014/01/casa-de-banhos.html>. Acessado em: 22 de Novembro de 2018.

Figura 3- Cartão-Postal da Casa de Banhos dos Arrecifes.



Fonte: <http://bairrodorecife.blogspot.com/2014/01/casa-de-banhos.html>. Acessado em: 22 de Novembro de 2018.

A Casa de Banhos foi inaugurada em 15 de Outubro de 1880, o dia festivo contou com o hasteamento da bandeira do Brasil na fachada (como pode ser visto na fotografia acima) e um frade da Penha benzeu o balneário e como era o dia de Santa Tereza de Ávila, o estabelecimento estaria sobre a proteção da santa. Após esse momento, os primeiros banhistas chegaram ao local.¹⁹⁹

O Regulamento da Casa de Banhos Salgados dos Arrecifes foi produzido pelo próprio Carlos J. Medeiros e aprovado pelo presidente da província em 8 outubro de 1880, passou a vigorar do dia 15 em diante.²⁰⁰ O regulamento possui 24 artigos, foi publicado no Diario de Pernambuco, no dia 15 de outubro de 1880, neste trabalho será pontuado alguns artigos que se destacam pelo grau de importância do assunto descrito.

O primeiro diz respeito ao horário do funcionamento e a regulamentação dos horários de exposição do corpo ao sol e aos banhos de mar: “Art. 1º A casa de banhos salgados estará aberta à concorrência publica todos os dias uteis e santificados, a contar do dia 1º de outubro do corrente ano, desde as 4 horas da manhã até às 8 da noite no verão, e das 5 da manhã às 6 da

¹⁹⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 22 de Fevereiro de 1949, nº 42, 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20194&pesq=recanto%20paradis%C3%ADaco>. Acessado em: 31 de Janeiro de 2018.

²⁰⁰ ARAÚJO, 2007, p.220.

tarde no inverno.”²⁰¹ O estabelecimento seguia prescrições médicas quanto aos horários dos banhos de mar, o transporte para chegar até seu destino era feito por escaleres, como consta no artigo 2º: “para transportar os visitantes e banhistas, a empresa terá escaleres (cujo dinstinctivo será uma bandeira azul com a letra B) nos caes Vinte e Dous de Novembro e da Companhia Pernambucana.” Havia também o deslocamento feito por botes atracados no cais: “quem desce a rampa existente á ponte giratória, fica sem saber em que bote deva embarcar. Porque são muitos os que se oferecem para nos transportar “ao outro lado”. [...] A travessia não oferece perigos e custa apenas um cruzeiro.”²⁰²

O artigo 3º complementa o anterior, com relação a quantidade de passageiros em cada escaler: “das 4 ás 7 horas da manhã os escaleres partirão logo que se acharem ocupados por 4 passageiros, e d’ahi em diante com qualquer número deles.”²⁰³ Os artigos destacados revelam o movimento interno do estabelecimento e a relação entre o proprietário e seus clientes.

O artigo de número 5º descreve os valores cobrados pelos banhos mar as famílias afortunadas do Recife: “concorrendo 5 pessoas pertencentes à família que residia sob o mesmo tecto. A empresa abatera 5\$ no preço total das assignaturas, e, concorrendo mais de 5, abaterá 20% em cada assinatura.”²⁰⁴ A tabela de preços indicava:

- 1 pessoa, menor ou adulto: 12\$000 por mês.
- 2 pessoas, idem, idem: 12\$000 por mês.
- 3 pessoas da mesma família: 30\$000 por mês.
- 4 pessoas da mesma família: 36\$000 por mês.
- De 4 pessoas em diante, cada uma 8\$000 por mês.
- De 4 pessoas em diante, cada uma 8\$000 por mês.
- Para pessoas que necessitavam do ar do mar, banhos secos ou acompanham as que se banham: 3\$000.
- Banho avulso, com roupas, lençol e calçado: 1\$000.
- Banho avulso, com roupa do banhista: \$600.

²⁰¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 14 de Outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos_
Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁰²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 22 de Fevereiro de 1949, nº 42, 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20194&pesq=recanto%20paradis%C3%ADaco>. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁰³Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 14 de Outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos_
Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁰⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 14 de outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos_
Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

Passagem de ida e volta: \$200²⁰⁵

Os assinantes recebiam alguns privilégios, o artigo 17º descreve: “o assignante tem direito a ser acompanhado gratuitamente por um criado e ainda por uma pessoa de sua família, se o seu estado de saúde em condição assim exigir.”²⁰⁶ A partir dos artigos analisados, pode-se afirmar que Carlos José de Medeiros era um empreendedor sagaz, pois o oferecimento de alguns privilégios através das assinaturas promoveu a assiduidade desses clientes.

O regulamento também demonstra que o conhecimento do proprietário sobre as virtudes terapêuticas do ambiente praieiro constatado no artigo 16º: “Quem precisar tomar ares de mar poderá conservar-se no estabelecimento durante todo o dia ou dias consecutivos, sem nelle pernoitar, mediante contrato especial com a empresa que, neste caso, poderá incumbir-se de fornecer a alimentação.”²⁰⁷ Segundo Araújo, “não só a água do mar possuía reconhecidas e cientificamente comprovadas virtudes medicinais, mas também as continham os raios de sol e as brisas marinhas, a empresa estava apta a receber aqueles que necessitavam fazer tratamento helioterápico.”²⁰⁸ O artigo analisado descreve exatamente o pensamento médico da época sobre sensação de bem estar e melhorias nas vias respiratórias produzidas pelo ar marinho.

As orientações colocadas pelo proprietário da Casa de Banhos também esquadriavam concepções vivenciadas durante a modernidade, como o uso de trajes específicos para os banhos de mar. O artigo 14º trata da preservação dos corpos no estabelecimento com as vestimentas adequadas para os banhos: “o banhista não poderá usar de fato e calçado que não sejam próprios para banhos do mar nem demorar-se nos compartimentos, quer antes quer depois dos banhos, mais de um quarto de hora.”²⁰⁹. Os banhos de mar, além de tratamento médico, foram capazes de construir um novo olhar sobre corpo, conseqüentemente, criou-se a moda dos trajes de banhos. Araújo afirma: “a Casa de Banhos, enquanto espaço particularmente instituído para

²⁰⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 22 de Fevereiro de 1949, nº 42, 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20194&pesq=recanto%20paradis%C3%ADaco_ Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁰⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 14 de outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos_ Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁰⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 14 de outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos_ Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁰⁸ARAÚJO, 2007, p.222.

²⁰⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 14 de outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos_ Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

desenvolver a prática dos banhos salgados, auxiliou a difundir e a fazer uso da indumentária especificamente destinada aos banhos de mar.”²¹⁰ A historiadora ainda comenta que o calção era uma vestimenta rara na sociedade local, para o seu uso cobrava-se 300 réis²¹¹ para os assinantes e 500 réis para os que não fossem.²¹² A roupa de banhos era exclusiva para essa prática e para a sua troca havia compartimentos exclusivos para os assinante, com segmento de gênero e famílias.

As vestimentas de banhos de mar é o tema da monografia, *Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e educar o corpo (1920-1930)*, produzida Silvia Marien. A autora relata:

Mesmo usando o mesmo traje que os homens, as mulheres mais jovens acrescentavam um pequeno saiote, ajustado na cintura, com a finalidade de dissimular os quadris.

Ao observarmos essa imposição do “calção” para as mulheres como urna “solução” para o vestido que sobe com o passar das ondas, ou, a dissimulação dos quadris, notamos que não é prioritariamente o conforto que vem a ser a preocupação deste novo traje de banho, mas sim o caráter moral imposto até então.²¹³

O uso de trajes apropriados para os banhos também estava relacionado ao decoro público, assim como outras normas de comportamento e convivência foram criadas para assegurar a moralidade na Casa de Banhos dos Arrecifes. Dois episódios curiosos sobre essas normas foram relatados pelo Jornal Pequeno:

[...] É interessante imaginar a gente daquele tempo tomando banho de mar de camiseta com manga, e calções que desciam até os tornozelos... A propósito desse vestuário, vale a pena recordar dois episódios pitorescos. Conta-se que um inglês chegou certo dia ao Recife e dirigiu-se a Casa de Banhos. Levaria uma pequena sunga, pois os britânicos se libertaram mais cedo do puritanismo vitoriano. Houve protestos dos demais frequentadores e o súdito de Sua Magestade Britânica teve de vestir a roupa de baeta.²¹⁴

²¹⁰ ARAÚJO, 2007, p.221.

²¹¹ A etimologia réis é oriunda do Real, moeda portuguesa dos séculos XV e XVI, época do descobrimento do Brasil. Mil réis era correspondente a um unidade monetária e réis significava os valores divisionários. O sistema de réis foi usado no começo do século XVI a 30 de Outubro de 1942. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/content/acesoinformacao/Documents/museu/pub/SintesePadroesMonetariosBrasileiros.pdf>. A representação do valor: 1 Real (Réis) - R\$ 0,123. 1 Mirréis (**Mil Réis**) - R\$ 123,00. 1 Conto de Réis (**Mil mirréis**) - R\$ 123.000,00. In: Gomes, Laurentino, **1808**: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a história de Portugal e do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 200.

²¹² ARAÚJO, Op.Cit., p. 220.

²¹³ MARIEN, Silvia Trindade. **Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e de educar o corpo (1920-1930)**. Campinas, SP, 2008 p.16.

²¹⁴ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. Jornal Pequeno, 23 de Fevereiro de 1949, nº43, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=maria%20rita%20de%20medeiros>.

Acessado em: 31 de Janeiro de 2018.

O segundo acontecimento foi a chegada de uma alemã vestida com um maiô, que acabou escandalizando os banhistas do estabelecimento pelo traje ser considerado indecente. Assim como o inglês, ela teve que substituir a sua vestimenta pela baeta, conta-se ainda que a senhorita Fraulein não se conformou com tal atitude e em outro momento decidiu entrar nua na piscina.²¹⁵

Nota-se que o uso da baeta²¹⁶, além de cumprimento a outras regras de convivência deveriam ser respeitados, essa preocupação é vista nos artigos 19º, 20º e 21º No artigo 19º consta a seguinte orientação: “qualquer pessoa que por palavras ou gestos ofender o decoro ou faltar ao respeito devido às famílias, será imediatamente despedido, e perderá a importância de seu ingresso ou assignaturas.”²¹⁷, percebe-se que a manutenção da ordem e o respeito também estavam relacionados ao ambiente familiar do estabelecimento. Complementando os cuidados com o funcionamento interno do estabelecimento, o artigo 20º menciona: “E expressamente proibido nos escalares, casa de banhos e suas dependencias, vozeria, contos e toques de qualquer instrumento, ficando os infractores sujeitos ás penas do artigo antecedente.”²¹⁸ O artigo 21º trata da restrição de bebidas alcoólicas para evitar a perturbação e até a vulnerabilidade dos banhistas a acidentes.²¹⁹ A análise desses artigos permite uma ressalva no que diz respeito a seu cumprimento, a postura social exigida por Carlos José de Medeiros não era um dado fixo, exemplo disso era a perda das assinaturas por aqueles que descumprissem as orientações.

A preocupação com a moralidade no interior da Casa de Banhos dos Arrecifes atendia ao perfil de sua clientela, “pensada para se um lugar em que toda família pudesse frequentar,

²¹⁵ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Jornal Pequeno*, 23 de Fevereiro de 1949, nº43, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=maria%20rita%20de%20medeiros>. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²¹⁶Os primeiros trajes de banho eram confeccionados com um tecido escuro e grosso, feito de lã, chamado baeta, evitava marcar os traços dos corpos mesmo quando estivesse molhado. FEIJÃO, Rosane. *As praias cariocas no início do século XX: sociabilidade e espetáculos do corpo. Escritos (Fundação Casa de Rui Barbosa)*, v. 7, p. 229-247, 2014. Disponível em: http://escritos.rb.gov.br/numero07/escritos%207_09_as%20praias%20cariocas.pdf

²¹⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diário de Pernambuco*, 14 de Outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²¹⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diário de Pernambuco*, 14 de Outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²¹⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diário de Pernambuco*, 14 de Outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

sem riscos de sofrer ofensas morais ou de assistir as cenas indecorosas.”²²⁰ Assim, a seriedade era um quesito a ser mantido, tanto pelo proprietário, quanto pelos frequentadores.

Ao fim do regulamento temos o acordo entre a Casa de Banhos e a Santa Casa de Misericórdia para o fornecimento de banhos salgados aos doentes encontrado no artigo 24º afirma: “a empresa se obriga a accordar com o provedor da Santa Casa de Misericordia, na melhor maneira de dar execução á clausula de ser contracto que diz respeito aos doentes dos hospitais da mesma Santa Casa.”²²¹ A saída dos doentes de ambientes reclusos para tomar banhos de mar, como já foi mencionado no capítulo anterior, era importante para o revigoramento muscular e sistema respiratório.

Assim, a Casa de Banhos dos Arrecifes assegurava a integridade das famílias, dos doentes, banhistas e visitantes que fugiam dos miasmas provocados pelas instalações insalubres, alagadiços e inadequação das ruas.

Segundo Carlos Alberto Cunha Miranda, no seu estudo: *Da Polícia Médica à Cidade Higiênica*²²², por todo o século XIX, o higienismo brasileiro estava baseado na teoria miasmática, que postulava a inalação e o contato com o ar deletério, proveniente da putrefação de cadáveres e da matéria pútrida dos lixos, pântanos, mangues, matadouros, chiqueiros, curtumes, esgotos, entre outros, como os grandes propagadores de doenças das cidades. Essa concepção médica influenciou o processo de transformação urbana e sanitária nas cidades, as novas experiências introduzidas pela modernidade promoveram modificações em todos os setores sociais construíram novas mentalidades, sensibilidades e novos padrões sociais até então inexistentes.²²³

O senso estético, os cuidados com a saúde e a preocupação com a higiene corporal e coletiva tomaram-se temas relevantes para o pensamento higienista da época. É nessa esteira de novas descobertas médicas e construção de novos hábitos que o mar vai ganhar espaço, como um eficiente recurso terapêutico no combate à diversas moléstias que assolavam as cidades. Trazendo essa discussão para o âmbito regional, os banhos de mar, oferecidos pela Casa de Banhos dos Arrecifes destinavam-se ao tratamento de diversas moléstias, dentre elas estavam a beribéri, febre tifoide e doenças nervosas. Era recorrente o discurso convidativo, até mesmo

²²⁰ARAÚJO, 2007, p.222.

²²¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 14 de Outubro de 1880, nº 237, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=406&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²²²MIRANDA, Carlos A. C. de. **Da polícia médica à cidade higiênica**. In: Cadernos de Extensão, Recife: UFPE, ano I, nº I, dez. 1998.

²²³MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. **A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas consequências espaciais**. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, p.3.

esclarecedor, escrito por Carlos José de Medeiros para aqueles que desejassem fazer uso dos banhos e frequentar o estabelecimento. O *Jornal do Recife* apresentou um anúncio emitido pelo proprietário:

As pessoas que quiserem gozar dos ares salinos ou passeios higienicos, pagarão somente 200 rs, o pagamento é sempre adiantado e cobrado á entrada do estabelecimento.

O proprietário faz sciente ao respitável publico que não tem cessado de fazer melhoramento no intuito de tornar seu estabelecimento capaz de offerecer ao publico a maior segurança e ausência absoluta de risco, especialmente ás creanças, ás Exmas. Senhoraas, e finalmente a todas as pessoas cujo estado physico ou moral, forem por conselho dos Srs. Medicos, recomendado o uso de tal medicação.²²⁴

Os cuidados com a higiene era um dos quesitos básicos a ser atendido pelo proprietário do estabelecimento. Outra questão a ser pontuada nessa matéria é o papel da imprensa como intermediário comunicativo entre o proprietário e seus clientes, os jornais também publicavam as experiências de famílias e visitantes. No *Jornal do Recife* encontra-se um agradecimento aos serviços prestados pelo Carlos José de Medeiros:

Ao Sr. Carlos José de Medeiros

Severino & Irmão, pemhorados pelos obséquios dispesado a seu empregado Manoel de Azevedo Andrade e á maneira cavalheiroza com que o mesmo foi acolhido no seu estabelecimento de banhos durante o período de seu tratamento, veem pela prezente tornar publica a sua gratidão, como a manifestação mais solemne do apreço que ligam á expontanea generosidade de tal acolhimento.²²⁵

Carlos J. Medeiros ganhou o apreço de seus clientes devido, em grande parte, a sua preocupação em oferecer boas instalações e segurança no estabelecimento, e para isso não mediu esforços. Visando melhorar ainda mais as instalações, assim como ampliar o seu negócio, o regulamento de 15 de Outubro de 1880 foi substituído por um novo regulamento expedido pelo vice-presidente da província Ignácio de Joaquim de Souza Leão, em 1886. O regulamento de 1886, comparado ao anterior, ofereceu uma tabela com atualização dos preços dos banhos, horários e quantidade de banhistas a frequentar as piscinas naturais, também esclareceu o acordo feito com a Santa Casa de Misericórdia para a concessão de banhos salgados para o

²²⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Jornal do Recife*, 29 de Março de 1882, nº 172, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&PagFis=17179&Pesq=%20banhos%20de%20mar%20sobre%20os%20arrecifes>. Acessado em: 19 de março de 2018.

²²⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Jornal do Recife*, 4 de Junho de 1885, nº 126, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&PagFis=22751&Pesq=estabelecimento%20de%20banhos%20durante>. Acessado em: 30 de março de 2018.

tratamento para dos doentes, verificado no artigo 12º: “Terão direito a banhos gratuitos, diariamente, 15 doentes dos estabelecimentos a cargo da Santa Casa de Misericórdia do Recife, ficando o empresário obrigado a acordar com o provedor da mesma Santa Casa sobre o meio e hora mais conveniente, quanto a isso.”²²⁶ Para que esses convalescentes e outros banhistas frequentassem o estabelecimento era necessário o deslocamento da cidade para os arrecifes, no regulamento de 1886, o proprietário anunciava que no dia 1º de Outubro de 1886, esse transporte seria executado por um bonde marítimo a vapor.

No artigo 13º são descritos os tipos de enfermidades tratadas pelos banhos de mar no estabelecimento:

As pessoas, que sofrerem de úlceras ou qualquer moléstias repugnantes ou contagiosas, terão passagem em escalares especiaes, fornecidos também gratuitamente pelo empresário.

No caso, porém, que haja risco ou perigo pelo estado de debilidade ou excitação nervosa dos banhistas, a condução será feita á custa dos interessados, que farão acompanhar os doentes de médicos ou quaisquer outras pessoas de sua confiança para isso necessárias.²²⁷

O artigo 13º, assim como os demais, evidenciam os novos hábitos das camadas dominantes do Recife durante a modernidade, como o conhecimento sobre as propriedades químicas dos banhos de mar e o seu uso no tratamento de diversos males, a construção de um estabelecimento próprio para atender aos anseios da burguesia e a possibilidade do deslocamento da cidade para os arrecifes por meio de uma nova infraestrutura urbana.

Por volta de 1886, os bondes a vapor passaram a ser utilizados pela Casa de Banhos dos Arrecifes, esta informação é comprovada na matéria, *Bonds Marítimos*, no Diário de Pernambuco: “deparei hoje com um annuncio do Sr. Proprietário da casa de banhos de mar, inserto no Diário de hoje, prevenido ao publico que espera até Setembro ter, para embarque e desembarque de passageiros, bonds marítimos, que os conduzirão ao seu estabelecimento.”²²⁸

²²⁶REGULAMENTO para os banhos salgados sobre os Arrecifes a disposição do publico. O empresário cobrará preço das assinaturas por mês para os banhos como consta nesta tabela, determinada em 16 de setembro de 1886. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, série: Administração, Fundo: Presidência de Pernambuco Regulamento.

²²⁷ REGULAMENTO para os banhos salgados sobre os Arrecifes a disposição do publico. O empresário cobrará preço das assinaturas por mês para os banhos como consta nesta tabela, determinada em 16 de setembro de 1886. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, série: Administração, Fundo: Presidência de Pernambuco Regulamento.

²²⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 9 de maio de 1886 nº 105, p.3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=10033&Pesq=o%20proprietario%20da%20casa%20de%20banhos. Acessado em: 5 de junho de 2018.

Carlos J. Medeiros estava atento as transformações sociais vivenciadas no Recife e sempre buscou oferecer o melhor para seus clientes. Em 1889, pediu a renovação do contrato ao Estado de Pernambuco, essa petição registrada no Jornal do Recife:

Palacio do Governo do Estado de Pernambuco em 7 de agosto de 1899. O Vice-Presidente do Senado ao exercício do cargo de Governador do Estado, attendendo ao que requereu Carlos José de Medeiros, proprietário do estabelecimento de banhos salgados nos arrecifes do porto desta Capital e dando execução a lei n. 379, de 16 de Junho do corrente anno, resolve prorrogar por quinze (15) anos o praso do contracto celebralo em 31 de Outubro de 1879 [...].²²⁹

A prorrogação do contrato assegurou a articulação dos interesses de Carlos J. Medeiros e do Estado na construção de um estabelecimento que demonstrasse os avanços trazidos pela modernização na cidade do Recife. O Estado teve responsabilidade sobre prestígio social alcançado pelo estabelecimento, pois os dirigentes políticos, atrelados a engenheiros, arquitetos e médicos higienistas, legitimavam o uso dos banhos de mar no tratamento de moléstias contraídas, principalmente, pelos miasmas citadinos.

Os discursos médicos e higienistas fomentaram reformas urbanas e sanitárias nas cidades ao longo do século XIX. Maria Clelia Lustosa Costa elucida no seu estudo, *O discurso higienista definindo a cidade*, a influência da teoria miasmática para criação de novos hábitos de higiene corporal e coletiva durante a modernidade.

A teoria miasmática, também chamada de teoria infeccionista, exigia a higiene profunda do meio físico e social. Onde reinasse a sujeira, a concentração, o amontoamento havia um ambiente propício à formação de miasmas e de doenças. Por isso o espaço urbano foi considerado o meio mais perigoso para a população. Para combater as doenças miasmáticas, os médicos higienistas propunham a expulsão dos equipamentos insalubres, uma reorganização do espaço urbano, assim como do espaço doméstico, além de medidas de saneamento — higiene total, limpeza profunda do meio físico e social.²³⁰

A autora ainda menciona que os surtos epidêmicos não eram apenas um fenômeno biológico e médico, também estava inserido em um contexto econômico.

[...] Os miasmas, elemento primordial da teoria infeccionista, podiam ser chamados de miasmas contagiosos. As evidências médicas geravam algumas

²²⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 9 de Agosto de 1899, nº 178, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%201888&pesq=clinico%20desta%20cidade>. Acessado em: 31 de março de 2018.

²³⁰COSTA, Maria Clelia Lustosa. **O discurso higienista definindo a cidade**. Mercator, Fortaleza, v. 12, n. 29, p. 51-67, set./dez. 2013, p.54.

confusões, pois no caso de epidemias de tuberculose e febre tifóide nas cidades, tanto os setores ricos como os pobres.[...]”²³¹

As informações demonstram que, embora o processo de modernização acentuasse as disparidades econômicas e sociais, as doenças chegavam tanto para o rico, como para o pobre. Esse fenômeno permite fazer uma alusão as experiências terapêuticas vivenciadas na Casa de Banhos dos Arrecifes, as matérias publicadas nos informam as percepções dos banhistas sobre o uso dos banhos salgados para o combate das moléstias epidêmicas e outros tipos de enfermidade que assolavam o Recife.

3.1 O USO DOS BANHOS DE MAR PARA FINS TERAPÊUTICO

A singularidade da Casa de Banhos, bem como os esforços do seu proprietário em melhorar cada vez mais as instalações, tornou o empreendimento um dos locais mais conhecidos do Recife, esse reconhecimento é descrito na matéria: *Banhos de Mar*, do Jornal do Recife, “[...] a custo de árduo trabalho e não pequeno dispêndio que, em verdade, autorizam a apresentá-lo como igual ao melhor do estrangeiro em semelhante gênero, sendo o único em todo o litoral do Imperio.”²³²: A matéria também retrata o estabelecimento balneário como um empresa distinta, não só pela sua clientela, mas ao que tinha a oferecer, como a proteção dos banhistas nas piscinas escavadas dentro dos arrecifes: “a mais tenra criança, a mais débil senhora, ao homem mais fraco, em toda e qualquer idade, serão a um só e mesmo tempo servidos os banhos, e por assim permitir o grande número de bacias cavadas na rocha e guardadas de todo perigo, nas quais é a força da onda proporcionadas as forças dos banhistas para recebê-las.”²³³ Havia três piscinas no estabelecimento, duas ficavam ao lado do mar, que eram cobertas pelas ondas quando o mar estava cheio, a outra piscina direcionada para a cidade eram mais apreciadas pelos banhistas. Os banhos de mar atuavam mecanicamente no organismo, a exposição do corpo, propiciada pelas piscinas, no contato com maré gerava o

²³¹COSTA, 2013, p.54.

²³²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 30 de Abril de 1886, nº 97, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%201886&pesq=a%20mais%20tenra%20crian%C3%A7a>. Acessado em: 27 de março de 2018.

²³³Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 30 de Abril de 1886, nº 97, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%201886&pesq=a%20mais%20tenra%20crian%C3%A7a>. Acessado em: 27 de março de 2018.

revigoramento dos músculos debilitados, além de proporcionar uma sensação de bem estar após a saída do banho.

As boas instalações do estabelecimento não se limitavam as áreas das piscinas, as acomodações foram ampliadas visando atender, especificamente, os viajantes de outras províncias, verificado na mesma matéria:

Uma secção, em separado, convenientemente mobilidade do indispensável, dividida em compartimentos, cada um dos quaes póde admitir duas á trez pessoas, foi destinada á pensionista de qualquer ponte da província e fora dela, mediante uma pensão modica, sãos ou doentes, convalescentes ou atacados de beribéri ou moléstias nervosas que, preferido-a quiserem poupar-se a viagens dispendiosas, nem sempre ao alcance de todos.²³⁴

A análise do excerto também permite observar a situação sanitária do Recife, embora a cidade estivesse passando por um processo de modernização urbana, 48 epidemias assolaram a capital de Pernambuco entre os anos de 1871 a 1900. No fragmento citado, vê-se a presença de doentes atacados pelo beribéri e doenças nervosas, mas outros tipos de moléstias vitimavam a população recifense como: febre tifoide, tuberculose, varíola, malária e febre amarela.²³⁵

A literatura médica e importantes referências historiográficas, que discutem os surtos epidêmicos nas cidades brasileiras, atestam que as doenças eram resultantes das mudanças do aumento demográfico, dos terrenos alagados e das residências insalubres que produziam ares deletérios na cidade. A obra: *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*²³⁶, de Sidney Chalhoub trata do processo de modernização na cidade do Rio de Janeiro e a difusão do pensamento higienista para outras regiões do Brasil. As concepções da época acreditavam que o ambiente infecto e insalubre era proveniente dos costumes das “classes pobres”:

[...] Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação, ou como economistas em tempo de inflação: analisavam a "realidade", faziam seus diagnósticos, prescreviam a cura, e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que só a sua receita poderia salvar o paciente. E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos à sociedade, e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias, além de, naturalmente, terrenos férteis para a propagação de vícios de todos os tipos.²³⁷

²³⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 30 de Abril de 1886, nº 97, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20188&pesq=a%20mais%20tenra%20crian%C3%A7a>. Acessado em: 27 de março de 2018.

²³⁵ PARAHYM, Orlando. **Traços do Recife: ontem e hoje**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978, p. 189.

²³⁶ CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

²³⁷CHALHOUB, 1996, p.17.

Chalhoub ainda acrescenta que a noção de higiene e civilização eram os motores dos projetos técnicos do saneamento público e reformas na paisagem urbana.:

Em primeiro lugar, está presente a idéia de que existe um "caminho da civilização", isto é, um modelo de "aperfeiçoamento moral e material" que teria validade para qualquer "povo", sendo dever dos governantes zelar para que tal caminho fosse mais rapidamente percorrido pela sociedade sob seu domínio.

[...]Esses princípios gerais se traduzem em técnicas específicas, e somente a submissão da política à técnica poderia colocar o Brasil no "caminho da civilização".²³⁸

Cabe dizer que essas diferenças sociais, pautadas pelo discurso higienista e ações do Estado, não foram recebidas passivamente, mas a construção do discurso médico apoiado pela elite e a imprensa consolidaram o processo de modernização.

Na cidade do Recife o processo de modernização não foi diferente, Arthur Rocha, no seu estudo: *Discursos de uma modernidade: as transformações urbanas na freguesia de São José (1860-1880)*, destaca que a higiene se tornou uma referência para a construção de novos valores e aparelhamento urbano:

“[...] a questão da higiene e salubridade foi sendo usada como epígrafe para dar balizamento ao discurso de uma necessidade, de uma urgência da limpeza do centro urbano; tanto no âmbito da higienização, como no da erradicação de parte da população; e da retirada do pobre deste local.”²³⁹

Desse modo, o discurso higienista serviu de suporte para fundamentar novas estruturas e comportamentos sociais. Raimundo Arrais, na sua obra, *Recife, Culturas e Confrontos: as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*, afirma que a noção de progresso atendeu apenas a uma parcela da sociedade, enquanto a pobreza foi acentuada pela ideologia da “limpeza social”, cidade “civilizada” e aformoseamento urbano. O autor afirma: “[...] Ao menos no meio urbano, as mesmas forças que eram impactos dolorosos, introduziram também as novidades e os melhoramentos tomados necessários pelo crescimento urbano, por meio dos quais as camadas elevadas se sentiram partilhando das conquistas do progresso.”²⁴⁰Esse

²³⁸ Ibid., p.35.

²³⁹ROCHA, Artur G. G. de L. **Discursos de uma Modernidade: as transformações urbanas na freguesia de São José (1860-1880)**. 2003. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife. UFPE, 2003, p.30.

²⁴⁰ ARAÚJO, 2007, p.43

crecente processo de urbanização desordenado criou problemas de saúde coletiva que desafiavam a gestão pública.

Sobre a articulação entre o Estado e o corpo médico da época, Cátia Lubambo afirma:

Para uma sociedade nova e moderna, cabia ao Estado atualizar as suas práticas de intervenção social. Dentro do espírito modernizador a questão da higiene assumiu relevância fundamental. Passou então, a higienização a ser a tônica do discurso do Estado, na intenção de formalizar a sua nova estratégia de poder.²⁴¹

Para compreender a trajetória história desse pensamento higienista, o papel desempenhado pela Sociedade de Medicina de Pernambuco deve ser retomado mais uma vez neste trabalho, devido às concepções médicas que regulamentaram as práticas de higiene pública aprovadas pelo governo provincial.²⁴² Os médicos higienistas, pertencentes a essa sociedade, irão elaborar as primeiras discussões e estudos médicos em torno da salubridade pública no Recife.²⁴³ Por volta de 1845, o prestígio alcançado pelos médicos permitiu a criação do Conselho de Salubridade Pública, tendo como presidente o médico Joaquim Aquino da Fonseca, o órgão foi encarregado de melhorar as condições sanitárias e auxiliar no combate às epidemias que assolavam a cidade.²⁴⁴

A participação desses órgãos de saúde na vida pública foi de extrema importância para um período em que os surtos epidêmicos no Recife eram uma constante. Entre 1851 e 1900, o Recife acumulou 94 surtos epidêmicos. Nessa época, ocorreram epidemias significativas de varíola nos anos de 1890, 1895, 1904, 1907, 1910, 1911; de peste bubônica, em 1902; e de disenteria, em 1904, a febre amarela, influenza, sarampo e coqueluche também foram registradas. Em janeiro de 1856, uma devastadora epidemia de cólera invadiu o Recife e, no seu momento mais crítico, provocou mais de cem mortes diárias entre uma população com

²⁴¹ LUBAMBO, 1991, p.80.

²⁴² MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. Os curandeiros e a ofensiva médica em Pernambuco na primeira metade do século XIX. **CLIO**. Revista de Pesquisa Histórica do Programa de Pós-Graduação em História, n.19, p.95-110. UFPE. Recife: Editora Universitária, 2001, p.111 apud FARIAS, Gomes Rosilene. Epidemia e poder no Recife Imperial. **CLIO**: Revista de Pesquisa Histórica, n°. 34.1. UFPE, Recife: Editora Universitária, 2016, p. 188.

²⁴³ ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/ USP, 2004, p.364. Apud FARIAS, 2016, p. 187.

²⁴⁴ O Conselho Geral de Salubridade iniciou suas atividades em 1845, atuando até 1855, quando foi substituído pela Comissão de Higiene Pública, também sob a direção do dr, Aquino e, depois, do Dr. Cosme de Sá Pereira. Em 1872, a Comissão foi sucedida pela Inspetoria de Higiene Pública, que permaneceu sob a direção do Dr Lobo Moscoso até 1886. FREITAS, Octávio de. Um século de medicina e hygiene no Nordeste. In: FREYRE, Gilberto (Org.) **Livro do Nordeste**. Recife: Arquivo Público Estadual de Pernambuco, 1979, p.121. Apud FARIAS, 2016, p. 193

70.000 habitantes.²⁴⁵ O surto de cólera-morbus foi um dos mais descritos e estudados pela literatura médica, além das matérias sobre a prevenção e tratamento nos jornais da época.

No século XIX, as teorias sobre contágio e infecção dividiam as concepções dos médicos europeus e brasileiros que buscavam explicar as formas de propagação das doenças epidêmicas. Sobre a cólera, não havia unanimidade entre os médicos para esclarecer as suas causas. Alguns acreditavam em contágio por meio de micro-organismos e outros sustentavam a teoria dos miasmas.²⁴⁶ A infecção miasmática era resultante da corrupção do ar por meio vapores pútridos que emanavam de alagadiços e matéria orgânica em decomposição (substâncias animais e vegetais em estado de putrefação). Assim, aqueles que respirassem os ares deletérios estariam vulneráveis à contaminação pela cólera. Os médicos que defendiam a teoria miasmática determinavam os cuidados com o ar viciado pelas habitações superlotadas e insalubres que eram vistas como foco disseminador de enfermidades. Essas preocupações atingiram diretamente o olhar médico para os aspectos físicos e as características de ocupação do Recife.

O Dr. Aquino, um dos higienistas pertencente à Sociedade de Medicina de Pernambuco, acreditava nas variações climáticas do ambiente como um fator primordial para adulteração do ar, através do calor e decomposição de materiais orgânicos no ambiente propício, permitindo, assim, o surgimento de doenças epidêmicas. Vale ressaltar que a teoria miasmática não era uma concepção fixa para o doutor, considerava também que as causas das doenças eram resultantes de outros fatores como a importação e o contágio. Assim, as enfermidades surgiriam a partir de um veneno específico que, uma vez produzido, poderia se alastrar independente das condições ambientais, mas pelo contato com pessoas ou objetos infectados com o “germe” da doença.²⁴⁷

Essa concepção tornou-se efetiva entre os contagionistas, que estavam em menor número na Sociedade de Medicina de Pernambuco, mas possuíam bastante influência junto ao governo. Essa vertente médica acreditava que o cólera-morbus era uma doença exótica, e só por meio da sua importação e transmissibilidade havia alcançado território brasileiro. Atribuindo as causas dessa epidemia ao contágio, os médicos avistaram os portos como o foco

²⁴⁵Relação Numérica da População Livre e escrava do Primeiro Distrito do Termo do Recife (10 de janeiro de 1856). In: FARIAS, Gomes Rosilene. **Epidemia e sociedade no Recife Imperial**. Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011, p.1.

²⁴⁶FARIAS, 2016, p. 192.

²⁴⁷Este pensamento era compartilhado pelos médicos Joaquim Aquino da Fonseca e Cosme de Sá Pereira, ambos os presidentes da Comissão de Higiene durante a epidemia no Recife. Em 1885, o Dr. Cosme de Sá Pereira trataria largamente sobre o assunto em sua obra “Reminiscência do Cólera em Pernambuco”. In: FARIAS, 2016, p.193.

de desembarque do “germe”, e passaram a introduzir novos métodos *desinfectórios*, como o controle dos navios que atracavam no Porto do Recife.²⁴⁸

Apesar da proteção que todas as províncias mantinham nos seus portos, a Comissão informou que a rota do cólera saiu de Salvador, atravessou os centros das províncias da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraíba, e posteriormente desembocou sobre suas capitais, caracterizando uma expansão progressiva e jamais simultânea, levando sete meses para chegar à capital de Pernambuco.²⁴⁹ Vale ressaltar que antes da chegada do cólera ao Recife, os jornais noticiavam os principais cuidados a serem tomados pela população. Muitos dos recifenses – aqueles que tinham acesso a esse meio de comunicação – tomaram conhecimento da epidemia, assim que ela atracou no Brasil pelo porto do Pará, e se mantiveram informados sobre as consequências das doenças em outras províncias.²⁵⁰

O Diário de Pernambuco, considerado o “porta-voz do governo”, oferecia apoio ao discurso dos representantes do Estado sobre as providências sanitárias e higiênicas para sanar os surtos epidêmicos. Em 1855, a adoção das quarentenas no porto do Recife e as recomendações para que se mantivessem limpas as ruas e as casas foram amplamente divulgadas.²⁵¹ O jornal supracitado veicula a matéria, *Banhos salgados no Cholera Morbus*, retratando que além dos cuidados com a higiene, as preocupações sanitárias com o porto do Recife, o uso dos banhos de mar passa a ser considerado uma medida higienista eficaz no tratamento das epidemias:

O tratamento do período álgido do cholera he decerto aquelle para que tem sido aconselhados mais meios, e em que o êxito deles he meros suficientes nessa verdadeira alteração totis substantiae. No tratamento proposto pelo Dr. Lepetit, tendo por base o acido sulfúrico, já este pratico aconselhava o emprego dos banhos salgados contra as câimbras e a diarrhea [...] Apresentaremos aqui uma parte do artigo do Sr. Starr. Diz ele: -Desde 1849 tenho tido razões para sustentar a opinião que fiz conhecer naquele tempo, de que o uso systematico de um forte banho de agua salgada na temperatura de 106 a 112° de Fahr. (temperatura da febre), seria um recurso geral e grande valor pratico nas formas mais graves de colapso, e mais particularmente me conveci disto, quando na minha pratica tive de me haver com a moléstia

²⁴⁸ FARIAS, 2016, p.193.

²⁴⁹Relatório do estado sanitário da província de Pernambuco durante o ano de 1856. Comissão de Higiene Pública – Tipografia M. F. de Faria, 1857. Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. In: FARIAS, 2011, p.3.

²⁵⁰Levando em consideração a capacidade humana de propagar boatos, parece razoável pensar que uma considerável parte da população, inclusive aqueles que não tinham acesso aos jornais, tomava conhecimento dessas notícias. Esses relatos baseavam-se em jornais e cartas trazidos pelos navios que chegavam ao porto do Recife, que eram divulgados pelos periódicos locais. In: FARIAS, 2011, p.3.

²⁵¹ FARIAS, 2011, p.4

naquele período em que a intolerância do estomago para a acção normal dos remédios internos, torna a sua administração vã, ou superior do que inútil.²⁵²

Os navios eram o principal meio de transporte para escoamento da produção industrial e de matérias primas do comércio mundial. O porto do Recife, considerado um dos mais movimentados do Império e porta de entrada de para muitas embarcações vinham da Europa, Ásia, África e Estados Unidos, foi o primeiro ponto de intervenção das autoridades, quando foi decretada a quarentena, antes mesmo do cólera assolar na cidade.²⁵³

Para um controle maior do movimento portuário, a Provedoria de Saúde do Porto indicou ao governo provincial que os navios vindos de lugares infectados não tivessem comunicação imediata com a terra. Antes do navio atracar, eles seriam submetidos a uma vistoria, os passageiros a bordo deveriam ser encaminhados ao Lazareto da ilha do Pina, onde seriam acomodados e teriam assistência médica.²⁵⁴ Também ficou estabelecido que deveria ser apresentada uma carta de saúde no ato da entrada do navio, com a intenção de avaliar o estado sanitário e a procedência do Porto.²⁵⁵ Inicialmente, o cumprimento dessas medidas preventivas não foram bem recebidas, especialmente a implantação das quarentenas. Buscando efetivar com rigor tais medidas, a Vigilância Sanitária do Porto solicitou a colaboração da força policial para evitar que pessoas possivelmente infectadas deixassem o lazareto e circulassem pelas ruas da cidade, antes prazo final do isolamento.²⁵⁶

Tendo seguido para a Ilha do Pina os passageiros do vapor São Salvador e constando agora pelas comunicações que o cólera epidêmico reina no Pará em grande escala, uma força composta de número suficiente de praças e comandada por oficial será postada naquela Ilha do Pina afim de evitar que as pessoas de terra se comuniquem com os que se acham no Lazareto, ou algumas delas venham à cidade antes de finalizar o prazo marcado.²⁵⁷

Dessa forma, antes de chegar ao Recife, os navios vindos de outros países e vapores procedentes de outras províncias seriam submetidos à quarentena apenas se tivessem passado

²⁵²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 26 de Setembro de 1855, nº 222, p.1. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_03&pasta=ano%20185&pesq=emprego%20dos%20banhos%20salgados. Acessado em: 12 de Junho de 2018.

²⁵³ FARIAS, 2011, p. 5.

²⁵⁴ Provedoria de Saúde do Porto, 15 de junho de 1855. Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. *In*: FARIAS, 2016, p. 196.

²⁵⁵ Vigilância Sanitária, 21 de junho de 1855. Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. *In*: FARIAS, 2016, p. 197.

²⁵⁶ FARIAS, 2016, p. 197.

²⁵⁷ Vigilância Sanitária, 26 de junho de 1855. Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. *In*: FARIAS, 2016, p.197.

por outro porto brasileiro já infestado pela epidemia.²⁵⁸ Estando o Recife assolado pela peste, esses vapores também estavam sujeitos às quarentenas estabelecidas nos portos a que se destinavam.

Nos Relatórios do Estado Sanitário da Província de Pernambuco, registra-se em 1843, um Lazareto na Ilha do Pina, composta por uma casa térrea de alvenaria composta de duas salas e quatro quartos pequenos, destinado a receber, sob condições de quarentena, os doentes de febre amarela, bexiga e cólera-morbus. Por determinação do Estado em 1853, o Hospital Lazareto do Pina foi ampliado para receber em quarentena os doentes contagiosos e escravos, contaminados pela peste, que eram trazidos da África. Muitos homens negros que morreram no Lazareto e foram enterrados no cemitério próximo ao Hospital, esse fato foi bastante questionado pelos sanitaristas da época, devido a decomposição dos defuntos que corrompiam o ar, acreditando que os ventos soprados do Sul levavam a peste para o Recife, os médicos e o governo decidiram desativar esse hospital, mas o Lazareto permaneceu em funcionamento no Pina até 1902.²⁵⁹

O jornal O Liberal Pernambucano traz uma correspondência que descreve o funcionamento do Lazareto do Pina que atendia negros, estrangeiros e pessoas afortunadas.

Pondo em duvida o Maceioense o que eu disse, como presidente da Comissão de Hygiene Publica, e se passou entre mim e o Sr. José Bento da Cunha e Figueiredo, ex-presidente desta província, relativamente á retirada de alguns deputados que se achavão em quarentena no Lazareto da Ilha do Pina e o deixarão antes que se tivessem preenchido os dias que lhes havião sido impostos, e fingindo ignorar o conteúdo de minha representação ao Governo Imperial, datada de 27 de Fevereiro de 1856, que foi publicado aqui no *Liberal Pernambucano*, de 6 e 7 de junho desse anno, sou forçado a dizer o ocorrido, e pedir a publicação do período dessa representação que é relativo á retirada desses deputados.²⁶⁰

O período de quarentena deveria ser rigidamente cumprido, caso fosse violado deveria ser comunicado à Comissão de Higiene Pública. As medidas preventivas nos portos são descritas no seguinte trecho:

²⁵⁸ As notas publicadas diariamente nos jornais contemporâneos indicavam Aracati, Rio de Janeiro, Bahia e Rio Grande do Norte como os destinos mais procurados. In: FARIAS, 2011, p.5.

²⁵⁹ Disponível em: <http://praiadopina.blogspot.com/2010/07/historias-do-pina.html>. Acessado em 11 de Janeiro de 2018.

²⁶⁰ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **O Liberal Pernambucano: Jornal Politico e Social**, 10 de Fevereiro de 1858, n° 1601, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705403&pesq=lazareto%20ilha%20do%20Pina&pasta=ano%20185>. Acessado em: 19 de junho de 2018.

[...] a disposição do Aviso do Ministerio do Imperio de 2 de Agosto de 1855, que era terminante e dizia que- os passageiros que viessem de portos infectados fizessem uma quarentena pelo menos de quinze dias no lugar designado para observação-, convoquei a sessão, que se fez no mesmo dia. Reunida a Comissão de q' era membro O Sr. Ferreira, mostrei com o aviso supracitado que a quarentena não podia ser suspensa, visto que se não achavão preenchidos os quinze dias fixados pelo Governo Imperial; mas, ante que se terminasse a sessão, chegou ao conhecimento de seus membros que os passageiros havião deixado o Lazareto sem esporarem pela decisão da Comissão.²⁶¹

A análise da literatura médica e das medidas sanitárias tomadas pelo governo demonstram que as habitações populares nem sempre foram vistas como o foco central para incubação e difusão das epidemias na cidade, esse posto foi longamente ocupado pelo porto, devido às doenças trazidas por marinheiros e viajantes.

A correlação entre as diversas fontes documentais, realizada neste trabalho, permite construir uma nova abordagem sobre a associação da pobreza e doença, especificamente durante o processo de modernização no Recife. A eliminação das instalações insalubres, pertencentes às camadas populares, foi pautada por uma relação de poder, os médicos que defendiam a teoria miasmática foram responsáveis por nortear as normas sanitárias e higiênicas da cidade, não é por acaso que Aquino Fonseca, presidente da Comissão de Higiene do Recife, mudou sua perspectiva quanto as causas e difusão das epidemias, deixou de se ater propriamente ao bairro portuário e estendeu sua atenção à cidade como um todo.

O posicionamento dos médicos e do governo sobre a insalubridade do ambiente como um fator desencadeante das epidemias favoreceu a transição de uma medicina das doenças para uma medicina da saúde. A cidade insalubre, bem como a desordem física e social deveriam ser fiscalizadas por um rígido controle sanitário.²⁶²

A Casa de Banhos dos Arrecifes, amparada nos ideais da modernidade, representava um espaço de difusão do higienismo no Recife, afastada dos ares deletérios da cidade, com oferecimentos dos banhos de mar e confortáveis acomodações, o espaço atendia aos interesses dos médicos e das camadas dominantes. No Diario de Pernambuco a publicação que desejavam boa viagem e melhoras ao Dr. Manoel de Figueirôa²⁶³ que partiu para a Europa em busca de

²⁶¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **O Liberal Pernambucano**: Jornal Politico e Social, 10 de Fevereiro de 1858, n° 1601, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705403&pesq=lazareto%20ilha%20do%20Pina&pasta=a no%20185>. Acessado em: 19 de junho de 2018.

²⁶² MACHADO, Roberto. **Danação da Norma**: a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 248-249. In: FARIAS, 2016, p.200.

²⁶³ Manoel de Figueirôa, redator chefe e có proprietário do jornal citado.

cura do beribéri, mostra que o doutor estava hospedado a um bom tempo na Casa de Banhos dos Arrecifes:

D'aqui lhe enviamos o adeus ultimo pela temporária separação; e simultaneamente expressamos a todos os bons amigos que o visitaram na casa de banhos do mar dos Recifes, onde nosso chefe esteve alguns dias hospedado à espera do paquete, a nossa cordial gratidão pelas provas de estima que lhe dispensaram.

[...] Confessamo-nos penhoradíssimos ao honrado proprietário da casa de banhos, ao Sr. Carlos José de Medeiros e a sua Exma. Família, pelas provas de bondade e dedicação, pelo grande zelo, carinhos e cuidados de que cercaram o nosso presado amigo nos dias que ali esteve.²⁶⁴

Agradecimentos ao senhor Carlos J. Medeiros e a sua família eram recorrentes nas páginas dos jornais, no jornal do Recife, em 20 de novembro de 1886, encontra-se o agradecimento de Honorio Palacios pelos cuidados com sua esposa vitimada pelo beribéri no estabelecimento balneário.

Ao Sr. Dr. Barros Carneiro agradeço a dedicação e solícitude com que encarregou-se do tratamento de minha mulher atacada de beribéri e hoje facilmente restabelecida.

[...] Ao Sr. Carlos Medeiros e sua Exma. Família, sou reconhecido pelos cuidados e desvelos que dispensaram a minha mulher em seu estabelecimento onde em 53 dias de tratamento tive a gloria de vel-a restabelecida, isso não só devido aos recursos medicinais, como também aos salutareares e banhos marinhos.²⁶⁵

Nas palavras do senhor Honorio fica claro o conhecimento sobre as virtudes dos banhos salgados para o restabelecimento da saúde, como também comprova as condições favoráveis do estabelecimento para o cuidado de outras enfermidades.

Carlos J. Medeiros preocupava-se bastante com o acolhimento de seus clientes, mas havia uma orientação primordial para os doentes que adentravam na empresa de banhos salgados, o proprietário não admitia clientes moribundos e convalescentes com a impossibilidade de cura indicada pelos médicos. O requisito do proprietário, consta no Diario de Pernambuco:

²⁶⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 15 de Junho de 1882, nº 135, p. 3. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&pesq=casa%20de%20banhos%20do%20mar%20dos%20recifes&pasta=ano%20188. Acessado em: 7 de abril de 2018.

²⁶⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 20 de novembro de 1886, nº 267, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20188&pesq=felizmente%20restabelecida>. Acessado em: 31 de março de 2018.

O proprietário emprega todos os esforços em manter e conservar uma ordem na administração, acceio e confortabilidade desse estabelecimento, de modo a não desmentir o credito, que, da famílias e pensionistas, que o frequentam, tem merecido.

Não admite doentes, que pelo seu estado, sejam considerados moribundos e impossíveis de cura a juízo medico.²⁶⁶

O senhor Medeiros prescreve esse requisito aos doentes pelas experiências obtidas no estabelecimento, alguns doentes atacados pela beribéri não conseguiam resistir e faleciam no local. Nos jornais da época também eram encontradas notas de falecimento com o endereço da Casa de Banhos. Em 1884, o *Diario de Pernambuco* apresenta a seguinte nota:

Fallecimento- Hontem, á 4 horas da tarde, faleceu na casa de banhos dos Arrecifes, onde se achava a espera do vapor que devia leval-a para o sul, D. Maria da Gloria Ribeiro, digna consorte do Sr. Antonio da Cruz Ribeiro, negociante desta cidade.

A jovem senhora tinha sido accommettida dias antes pelo terrível beriberi, e inopinadamente foi riscada do rol dos vivos, causando enorme desgosto a seu extremoso marido, a quem apresentamos nossos pezames.²⁶⁷

A Casa de Banhos dos Arrecifes, por ser um espaço terapêutico, convivía com dois extremos relacionados à vida, sobreviver a doença ou morrer, para aqueles que alcançavam o revigoramento da saúde, por medicamentos e uso terapêutico dos banhos de mar, tornavam-se gratos à dedicação e ao esforço de Carlos J. Medeiro. Os serviços prestados pelo proprietário não se limitavam a fins terapêuticos, o estabelecimento balneário, ao final do século XIX, tornou-se um importante espaço de sociabilidade, devido a suas luxuosas acomodações e realização de importantes eventos que movimentavam a cidade.

²⁶⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diario de Pernambuco*, 24 de Fevereiro de 1887, nº 44, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=1644&Pesq=estabelecimento%20ba lne%C3%A1rio. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁶⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diario de Pernambuco*, 13 de agosto de 1886, nº 186, p.3. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_06&pasta=ano%20188&pesq=extremoso%20mari do. Acessado em: 8 de abril de 2018.

3.2 SOCIABILIDADE E LAZER

No decorrer do século XX, as localidades utilizadas para tratamentos de saúde, como as estâncias marítimas e estabelecimentos balneários, tornaram-se locais de entretenimento. Segundo Joffre Dumazedier, o lazer é um conjunto de ocupações às quais as pessoas podem se divertir sem preocupações, além de desenvolver novas interações sociais.²⁶⁸ Esse novo olhar direcionado para os “divertimentos modernos” desencadeou a produção de diversos trabalhos e definições conceituais, dentre eles temos a obra: *Lazer e Educação*²⁶⁹, escrita pelo autor supramencionado, que destaca o lazer, especificamente no Brasil, como uma ocupação atrelada a cultura:

[...] o lazer é entendido como a cultura- compreendida no seu sentido mais amplo- vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. É fundamental,, como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.²⁷⁰

Esse esclarecimento implica em conceber a cultura como a atividade humana vinculada a construção de significados e representações sociais, essa concepção remonta ao uso dos banhos salgados e a procura por espaços de diversão, como atividades ligadas ao estilo de vida moderno no Recife.²⁷¹

A historiadora Sylvia Couceiro²⁷², na sua pesquisa, *Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920*, relata que, além do seu uso como espaço terapêutico, Casa de Banhos dos Arrecifes assumiu um novo perfil ao olhos da burguesia, “além da cozinha de primeira ordem à vista do freguês, quartos higiênicos, banhos de chuveiros para natação. A Casa de Banhos foi local de festas e ponto de encontro

²⁶⁸DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc, 1980 apud MARCELINO, Nelson C. **Lazer e humanização**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2000. In: HAMMERL, Priscyla Christine; OLIVEIRA, Eduardo Romero de, 2006, p.4.

²⁶⁹ MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1990.

²⁷⁰ MARCELINO, 1990, p.31 apud MENOIA, Thelma Regina Marialva. **LAZER: história, conceitos e definições**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Bacharelado em Recreação e Lazer). UNICAMP. Universidade estadual de campinas. Campinas.SP, 2000.p. 13.

²⁷¹ MACEDO, C. C. **Algumas observações sobre a questão da cultura do povo**. In: VALLE, E. QUEIROZ, J. J. (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: EDUC, 1979, p. 35 apud CAPI, André Henrique Chabaribery. **Lazer e esporte nos clubes social-recreativos de Araraquara**. 2006. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, São Paulo, 2006, p. 19.

²⁷² COUCEIRO, Sylvia. **Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920**. Recife. 2003. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003, p. 120.

muito procurado pelas famílias da cidade[...]”²⁷³. Cômodos amplos e confortáveis permitiam a realização de soirée, chás dançantes, festas para datas comemorativas e reuniões importantes. Frequentar o estabelecimento e pagar pelos banhos representava um *status* social, o proprietário legitimava essa distinção social por meio de investimentos em adornos e boas instalações. Segundo Napoleão Barroso Braga na sua obra intitulada, *Cartas Recifenses*, “a louça era também de procedência estrangeira, fabricada na Inglaterra pela firma “J. & G. Meakins” com o monograma “CB” gravado”. A preocupação e interesse do senhor Medeiros em acomodar fisicamente e simbolicamente o ambiente mostravam dois elementos importantes de uma sociedade que caminhava para a modernidade: o apreço pela estética/adornos e a importação de bens materiais e pensamentos estrangeiros para o Recife.²⁷⁴

Segundo Flávio Weinstein, no seu estudo, *Civilizar, embelezar: a construção de uma cidade moderna. Recife de princípios do século XX*, a ornamentalidade se tornou um critério básica da vida moderna, os signos modernos foram construídos pelas classes dominantes que estavam à frente no processo de modernização do Recife. Sobre esse processo embelezamento da cidade, o autor comenta:

Signos esses que não se restringem ao espaço urbano, mas que se revelam também numa sociabilidade orientada por uma certa obsessão pelo estrangeiro. Esse cosmopolitismo, que pautou o irrestrito consumo de hábitos e comportamentos sociais por parte das elites locais, também assegurou a essa mesma elite o sentimento de pertencer àquele estágio civilizatório ardentemente ansiado.²⁷⁵

A incorporação dos banhos de mar, como uma atividade de lazer no cotidiano das classes dominantes, assim como a oportunidade de encontros e festividades que movimentaram a Casa de Banhos demonstravam sua intensa relação com as transformações vivenciadas na cidade. Flávio Weinstein comenta sobre esses novos comportamentos:

Na adoção de novos valores culturais que trariam incorporados uma predisposição para renovados hábitos, costumes e comportamentos sociais, pois era exatamente o consumo desses valores culturais o que tornava real a fantasia da modernidade, na medida mesmo em que compunha a atmosfera necessária à constituição do imaginário desejado.²⁷⁶

²⁷³ Ibid., p.120.

²⁷⁴BRAGA, Napoleão Barroso. **Cartas Recifenses**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985, p.54.

²⁷⁵TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **Civilizar, embelezar: a construção de uma cidade moderna**. Recife de princípios do século XX, 2012 apud BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jailson Pereira (Org.). **Os anos 1920: histórias de tempo**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 143-180, p. 160.

²⁷⁶Ibid., p. 161.

A percepção dos banhos de mar como uma atividade prazerosa e a realização de eventos torna o estabelecimento balneário tornou um distinto espaço de sociabilidade no Recife.

A matéria do *Diario de Pernambuco* destaca a higiene das acomodações e os prazeres visuais produzidos pela localização do balneário nos arrecifes.

Situado sobre a serra do mar (arrecifes) que passa ao longe da conta da cidade do Recife, acha-se esse grande e importante estabelecimento, que reúne as condições de uma higienica e confortável habitação com accomodações para hospedes, sãos e doentes mediante modica pensão, que nunca é superior a exigida pelos principaes hotéis.²⁷⁷

O estabelecimento era visado não só pelos seus clientes locais, mas pelos viajantes de outras províncias que buscavam desfrutar das belezas naturais oferecidas pela cidade.

Ar puro e fresco, proximidade dos recursos de qualquer natureza, que oferece a cidade da qual dista cinco minutos em viagem escalar, uma vista e perspectiva agradável e pitoresca, como é a do oceano, salubridade, comodidade nos preços, eis as condições principaes, que tornam recommendavel esse estabelecimento, sobretudo aos estrangeiros e passageiros ou viajantes que necessitam demorar-se na cidade do Recife.²⁷⁸

No periódico *A Lanterna Mágica*, as boas condições de higiene e segurança propiciada pelo estabelecimento são destacadas no seguinte fragmento:

Alli, a par do mais meticoloso acceio e da ordem mais regular e mais bem mantida, parece que o confortável deu as mãos aos mais exigentes preceitos da hygiene para oferecer ao publico um dos melhores meios de restabelecer a saúde e fortificar corpo, retemperando o com as aguas do mar, sempre tão cheias de matéria reconstituintes e tônicas.²⁷⁹

Outro aspecto ressaltado na matéria é a segurança no momento dos banhos, como o diferencial da Casa de Banhos dos Arrecifes proporcionado aos clientes:

²⁷⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diario de Pernambuco*, 24 de Fevereiro de 1887, nº46, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=1644&Pesq=estabelecimento%20bane%20C3%A1rio. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁷⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Diario de Pernambuco*, 24 de Fevereiro de 1887, nº46, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&PagFis=1644&Pesq=estabelecimento%20bane%20C3%A1rio. Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁷⁹*Lanterna Mágica*, A, Recife Coleção: 20/10/1888, nº 335. Localização: caixa 1008. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

Depois de vê-lo, de percorrel-o e de admirar todas as comodidades que apresenta; o acceio caprichoso com que é mantido, parece incrível e mesmo impossível que a um tal estabelecimento de prefira ainda as praias com suas barracas ou os seus banheiros sem commodos, sem acceio e sobretudo expostos ás indiscrições de quanto pelintra queira abrir um buraquinho nas palhas e surpreender os tesouros que devem estar sempre escondidos.²⁸⁰

A percepção negativa sobre banhos livres nas praias também foi relato na matéria, pois a maré carregava detritos e tornava o organismo vulnerável as doenças, além disso havia a indiscrição e a falta de higiene nos banheiros de palha para troca de roupas²⁸¹.

[...] Para os moradores da cidade, o balneário fincado sobre os arrecifes só tinha vantagens a oferecer, como os banhos salgados tomados em água pura e livre de perigo. Neste ponto, aproveitava para atacar os banhos que lhe faziam mais concorrência: os tomados nas praias de Olinda. Os banhos nos arrecifes, escrevia, estavam inteiramente livres de “qualquer perigo e [eram] muitíssimo superior a qualquer outro, mesmo os das praias de Olinda que, de quando em quando sorve uma vida”.²⁸²

A revista *O Besouro*²⁸³ traz uma ilustração sobre a vulnerabilidade ao usar os banheiros de troca nas praias.

²⁸⁰ **Lanterna Mágica**, A, Recife Coleção: 20/10/1888, nº 335. Localização: caixa 1008. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

²⁸¹ Os banheiros de palha eram de uso particular das famílias abastadas. As suas estruturas eram fincadas nas areias das praias, concentrados em duas ou três fileiras, possuíam compartimentos distintos para homens e mulheres. ARAÚJO, 2007, p. 332- 333. De acordo com Mário Sette, os banheiros de palhas para troca de roupas para os banhos salgados favoreceu as curiosidades sexuais. SETTE, Mario. **Memórias Íntimas**: caminhos de um coração. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1980 apud ARAÚJO, 1998, p.332.

²⁸² ARAÚJO, 2007, p.227.

²⁸³ *O Besouro*, Recife, 20 de maio de 1902, nº 17, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=828335&pesq=praia>. Acessado em: 9 de fevereiro de 2018.

Figura 4- Coisas de Coioices (Troca de roupas nos banheiros de praia).



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. O Besouro, Recife, 20 de maio de 1902, nº 17, p. 8.

Ao lado da imagem temos a seguinte legenda:

- Que peixe! Exclama o Raymundo
 - Que peixão! Diz o Garrido
 E lá se vão... no sentido
 De coioiar a pequena
 Que se encaminha ao banheiro
 P'ra mais tarde, fresca gaia,
 Tomar seu banho na praia
 Como vê, leitor, na scena

A legenda, seguida da imagem, demonstra a vulnerabilidade dos corpos nos banheiros de palha durante a troca de roupas, diferentemente do que acontecia na Casa de Banhos dos Arrecifes, pois os cômodos destinados a troca de roupas eram assegurados pelo decoro público exigido pelo regulamento. O estabelecimento apresentava outros pontos atrativos, como a bela visão dos arrecifes, instalações higiênicas e confortáveis. A matéria: *Sanatório Pitoresco*, no *Jornal do Recife* retrata esses elementos atrativos:

A Empresa de Banhos de mar não é propensa a reclames, e, não obstante, o seu estabelecimento (denominado casa de Banhos), vive sempre repleto de estrangeiros que o preferem a outro qualquer pelo simples e justo motivo da hygiene, visto achar-se sobre as aguas do Atlantico e verdadeiramente izolado de qualquer miasma.

[...] Nestas condições e não havendo no presente viajantes devido as más condições do commercio, a Empresa de Banhos vem lembrar ao publico d'esta capital que existe, entre nós um ponto de verdadeiro abrigo e cheio de conforto para aquelles que desejarem se pôr ao abrigo da peste.²⁸⁴

Segundo Joana Gaspar de Freitas em seu estudo, *O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado*²⁸⁵, desde o século XIX, a saída da área urbana em busca de ambientes puros tornou-se uma prática recorrente, as qualidades dos banhos de mar ajudavam a curar o doente, restabelecendo o equilíbrio físico e mental, como a melhoria do apetite e do sono, devido o afastamento das preocupações diárias.

Helena Machado, no seu estudo: *A construção social da praia*²⁸⁶, também menciona que a passagem do século XIX para o século XX favoreceu a construção de um discurso médico que enfatizava a salubridade como elemento primordial para atrair as pessoas para temporadas à beira-mar.²⁸⁷

É interessante notar que os discursos que apelam à fuga da cidade e ao “reencontro” do homem com a natureza, tem como base uma determinada concepção de “higiene corporal”, confrontando-nos com um imaginário do corpo com uma entidade porosa, extremamente permeável às agressões exteriores, nomeadamente ao ar impregnado de doenças.²⁸⁸

A autora ainda informa que a saída temporária da área urbana para a estadia à beira-mar tornou-se um fator de classificação social, “quem não pode realizar a fuga ao perigo da doença que o espaço urbano oferece, é socialmente desclassificado”²⁸⁹. A busca pelo corpo saudável e higienizado fora do meio urbano foram práticas que permitiram traçar o movimento dos banhistas durante as estações balneárias na Casa de Banhos.

²⁸⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 4 de maio de 1902, nº101, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20190&pesq=sanatorio%20pitoresco>. Acessado em: 24 de abril de 2018.

²⁸⁵ FREITAS, Joana Gaspar de. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. **Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management**, vol. 7, núm. 2, 2007, pp. 105-115, p. 109.

²⁸⁶MACHADO, Helena Cristina Ferreira. A Construção Social da Praia. **Sociedade e Cultura** 1, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia Vol. 13 (1), 2000, p. 201-218.

²⁸⁷ MACHADO, 200, p.209.

²⁸⁸ Ibid., p.210.

²⁸⁹ MACHADO, Op.Cit., p.211.

No Diário de Pernambuco, na segmento folhetim, o texto intitulado: *Cartas Sem Arte*, a Casa de Banhos é retratada como um espaço para aqueles que buscavam distinção social, as palavras do autor, embora possuam um teor metafórico, refletem a relação de poder imersa no estabelecimento: “[...] a hora de entrara naquele asylo de paz e silencio, por que ali, como na casa de banhos dos arrecifes, as classes sociaes não se confundem, nem se querem confundir, embora a morte seja o amphytrião que as congregue ao seu redor [...]”²⁹⁰. O Almanaque de Pernambuco, de 1901, também mostra como a distinção social era vista pelos frequentadores do estabelecimento balneário: “cada pessoa paga por mez 20\$000 e assim vê-se que esses banhos não chegam para os pobres, para os deserdados da fortuna e para os seus fracos, débeis choloroticos filhos, que d’elles tanto necessitam.”²⁹¹ Raimundo Arrais explica que esse desejo de distinção social foi parte de um contexto social maior:

O progresso tecnológico, a redefinição das relações políticas nas comunidades humanas, em bases contratuais, e o triunfo do pensamento racional, cientificista, inauguraram a Era Burguesa, assentada na expansão da produção capitalista. Nesse contexto, as cidades do século XIX constituem a obra que consagra o triunfo da burguesia.²⁹²

A burguesia teve um papel fundamental na construção do ideal de modernidade verificado em diversas cidades do Brasil. Arrais destaca esse processo de transformações sociais, econômicas e médicas:

A construção da ordem burguesa nas cidades, ao longo dos séculos XIX, vai exigir a participação de políticos, tanto quanto engenheiros, técnicos e médicos. Suas ações orientar-se-ão para o controle do proletariado, sua sujeição e disciplinarização do trabalho nas fábricas, manutenção da ordem social e o estabelecimento de padrões de higiene em conformidade com as classes dominantes.²⁹³

Em Recife esse processo não foi diferente, o autor endossa:

²⁹⁰Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 3 de dezembro de 1888, nº 255, p.8. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_06&pesq=casa%20de%20banhos%20dos%20arrecifes&pasta=ano%20188. Acessado em: 13 de janeiro de 2018

²⁹¹Almanaque de Pernambuco, 1901, p.20. Disponível em: <https://archive.org/stream/AlmanachDePernambuco-1901#page/n173/mode/2up>.

²⁹²ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, Culturas e Confrontos**: as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911. Natal: Editora URN, 1998, p.55.

²⁹³ARRAIS, 1998, p.56.

Em nenhuma outra época, no Recife, a preocupação com a insalubridade se expandiu tanto, integrando-se em campos tão diversos: na medicina, na literatura, no jornalismo, no humor, no senso comum. Com frequência sistemática, reformadores sociais e literatos se utilizaram de um léxico retirado das ciências da saúde para a explicação dos fenômenos sociais.²⁹⁴

As classes dominantes no Recife buscavam se adequar aos modos de civilidade vivenciados na Europa fim-dy-siecle, como a prática de exercícios para fortalecer o corpo, ingestão de remédios sob orientação médica, a busca de ares saudáveis. Raimundo Arrais enfatiza que “a procura por ar puro, que a aglomeração urbana não podia oferecer, levava famílias, escolas, associações, aos pic-nics de feriados e finais de semana. Junto dos passeios, eles se tornavam o programa costumeiro das famílias que habitavam na cidade.”²⁹⁵ Assim, o uso dos banhos de mar passaram a ser desfrutados como atividades lúdicas nos finais de semana e durante as estações de veraneio no Recife.

O sucesso do empreendimento também foi motivado pela atuação de Carlos José de Medeiros que não media esforços para atender os anseios de sua clientela. O falecimento do proprietário provocou mudanças no funcionamento administrativo da empresa que adotou novos serviços e articulações com seus clientes.

3.3 A CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES APÓS O FALECIMENTO DE CARLOS JOSÉ DE MEDEIROS

Os jornais analisados neste trabalho legitimam a preocupação de Carlos J. Medeiros em atender a demanda do seu público, um dos seus cuidados era propiciar as boas acomodações para seus clientes. O Almanaque de Pernambuco, de 1902, registrou os serviços oferecidos: “contem 102 compartimentos próprios para toilettes dos banhistas, bem assim commodos para aquelles que preferam estacionar no estabelecimento, onde são tratados com regular serviço de mesa. Há um grande salão para as refeições, duas salas, um gabinete para leitura e outras dependências.”²⁹⁶ A direção de Carlos J. Medeiros proporcionou tempos áureos ao estabelecimento, mas a marcante história do seu proprietário teve fim em 1906. O Jornal do Recife informou a causa da morte:

²⁹⁴ Ibid., p.56.

²⁹⁵ ARRAIS, Op.Cit., p.59.

²⁹⁶ SILVA, Luiz José da. Casa de Banhos nos arrecifes. **Almanaque de Pernambuco**, Recife, ano 4, p. 17-21, 1902.

Na Casa de Banhos, situada nos arrecifes, e de sua propriedade, finou-se hontem ás 2 e 1/2 horas da madrugada, o ilustre sr. Carlos José de Medeiros um commercinate digno por todos os títulos. Victimou o inditoso cavalheiro uma hemorragia cerebral, sendo improfficuos todos os recursos empregados pela medicina para salvar-o. [...] O extinto era muito bemquisto, causando a sua morte grande pezar a todos aquelles que tinham a felicidade de privar de sua amizade.²⁹⁷

O falecimento de Carlos J. Medeiros causou comoção entre seus amigos e clientes, a sua ausência também foi sentida na direção da empresa que passou ser administrada por seu filho Carlos Medeiros e sua viúva, Maria Rita de Medeiros. Os novos administradores deram continuidade aos serviços de banho de mar e a hospedaria, mantendo a empresa como um empreendimento notável frente a outros espaços de sociabilidade no Recife.

A matéria do Jornal Pequeno: *O Progresso do Recife: um grande Recife*, menciona a Casa de Banhos como um dos locais mais requisitados por aqueles que desejavam desfrutar de uma boa hospedagem no Recife: “neste momento, por exemplo, estão cheios, sem um único quarto disponível a Pensão Siqueira, a Pensão Landy, e a Casa de Banhos, que são, apesar de tudo as casas mais decentes que o Recife possui para receber os seus hospedes.”²⁹⁸ A Casa de Banhos dos Arrecifes era uma construção majestosa que chamava a atenção não só dos seus clientes, mas daqueles que trafegavam pelo porto e orla marítima. Situada nos arrecifes, o balneário estava em pleno contato com o repararelhamento da infraestrutura urbana e com o projeto de modernização do Porto de Recife. Lubambo escreve sobre a Reforma do Porto e suas consequências urbanas:

“[...] melhoramento do porto de Pernambuco não refere somente as obras hidráulicas da fachada do Recife sobre o Atlântico, quer dizer reforma da cidade em seu todo, reconstrução de um Recife novo, tendo em vista desde o saneamento do solo e depuração das águas até o embelezamento dos jardins e aformoseamento das praças públicas.”²⁹⁹

²⁹⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Provincia**, 28 de abril de 1906, nº 95, p.1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=17979&Pesq=gerente%20da%20cas a%20de%20banhos%20dos%20arrecifes](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_01&PagFis=17979&Pesq=gerente%20da%20casa%20de%20banhos%20dos%20arrecifes). Acessado em: 26 de abril de 2018.

²⁹⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 14 de abril de 1909, nº 82, p.1. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%2019 0](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%201900). Acessado em: 31 de janeiro de 2018.

²⁹⁹LUBAMBO, 1991, p.68.

O processo de modernização do Porto, que foi iniciado em 19 de julho de 1909, prolongando-se até 1926. No jornal *A Província*³⁰⁰, encontra-se um registro fotográfico da Casa de Banhos ao lado das vias de melhoramento do Porto:

Figura 5- Obras de Melhoramento do Porto do Recife.



Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *A Província*, Terça-feira, 30 de agosto de 1910, nº 218, p. 1. 7

Em 1909, o *Jornal Pequeno* noticiou a preocupação com a integridade física do estabelecimento balneário devido as obras próximas aos arrecifes:

Os materiaes vindos da Europa para as obras de melhoramento do porto, ainda não foram descarregados da alvarengas, por não ter vindo do Rio de Janeiro ordem do ministro da fazenda, para este fim.

Bem informados, podemos garantir que não será demolida a Casa de Banhos, situada nos arrecifes.

Os engenheiros Collat e Jullet Robert pretendem fazer uma curva na parte do lado do mar com a extensão da Casa de Banhos.

³⁰⁰Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *A Província*, Terça-feira 30 de agosto de 1910, nº 218, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_09&pasta=ano%20191&pesq=proprietarios%20da%20Casa%20de%20Banhos. Acessado em: 19 de julho de 2017.

Para isto já são feitos os estudos precisos, esperando a chegada do dr Alfredo Lisboa, chefe da comissão de governo a fim de submettel-os deste profissional.³⁰¹

A Casa de Banhos foi preservada durante as obras do Porto, isso só foi possível devido o cumprimento do aval emitido Comissão Fiscal e Administrativa das Obras do Porto do Recife, que restringia a empresa de iniciar reformas sem aviso prévio.

De ordem do sr. Delegado fiscal faço publico que foi requerido por d. Maria Rita de Medeiros e outros, proprietários da Casa de Banhos, o aforamento perpetuo da arca de 12,068^m 00 (doze mil e sessenta e oito metros quadrados) em que se acha edificado o mesmo estabelecimento balneario. Os cessionários obrigam-se a não opor o mínimo obstáculo a qualquer obra que se tiver ali fazer para o melhoramento do porto e a não executar obras novas em seu estabelecimento sem aprovação e consentimento da comissão fiscal e administrativa das obras do porto do Recife ou da autoridade que lhe suceder no exercício dessas funções.³⁰²

Essas passagens nos jornais comprovam o envolvimento da Casa de Banhos na trama da modernização da cidade, segundo a pesquisadora Cátia Lubambo, “a solução projetada para transformar a cidade repousava sobre o triedro moderno: modernização, limpeza e embelezamento.”³⁰³ Assim, as reformas urbanas delineavam os novos traçados estéticos e higiênicos do Recife.

De acordo com Gustavo Acioli Lopes, em sua dissertação: *A Cruzada modernizante e os infiéis no Recife, 1922-1926: Higienismo, vadiagem e repressão policial*, a construção de um novo Recife estava alicerçado na limpeza urbana, no rompimento com as tradições passadas e as noções de “civilização” e “progresso”. O historiador afirma: “espelhada nos moldes europeus de reformas urbanas, de onde emanavam as noções de civilização, progresso e modernidade, as elites, por meios de sábios – médicos, mas também engenheiros e advogados -, atacam os elementos populares da paisagem urbana.”³⁰⁴ Modernizar o Recife não significava torná-lo apenas belo, também era preciso organizar o espaço urbano e combater a insalubridade.

³⁰¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 11 de janeiro de 1909, nº 7, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20190_ Acessado em: 11 de janeiro de 2018.

³⁰²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 13 de Maio de 1911, nº 130, p.3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_09&pasta=ano%201911&pesq=proprietarios%20da%20Casa%20de%20Banhos . Acessado em: 11 de maio de 2017.

³⁰³LOPES, Gustavo Acioli. **A cruzada modernizante e os infiéis no Recife, 1922-1926**. UFPE, 2003, p.19.

³⁰⁴LOPES, Op.Cit., p. 29.

Arthur Rocha descreve com precisão como o pensamento higienista adentrou em diversos setores sociais:

O uso dos saberes médicos-higienistas como de propiciar embasamento político nas dos poderes públicos em direção a transformação e padronização do espaço urbano do Recife mostra ter o mesmo centro de ações capitaneadas pelos ideais de embelezamento e modernidade que moveram as polias das engrenagens do tempo estudado.³⁰⁵

Enquanto a cidade se transformava, novos produtos e estabelecimentos modernos provocavam novos padrões de convivência, sensações e formas de diversão.³⁰⁶ Esse estilo de vida moderno eram retratados no Jornal do Recife informa a realização de uma festa natalina promovida na Casa de Banhos:

Devido à iniciativa das famílias Manoel Seixas, Amando Silva e Henrique Goetschel, far-se-á nesse estabelecimento balneário uma festa para solemnizar a data do nascimento de Christo.

A família Medeiros, proprietária do referido estabelecimento não tem poupado esforços para a realização da festa.

Haverá missa de festa às 12 horas em ponto, sendo celebrante um religioso capuchinho.

Em seguida terá lugar a ceia que os hospedes daquele estabelecimento oferecem aos convidadidos.

A iluminação interna e externa será a eletricidade e álcool.

A comissão encarregada dos festejos é composta dos srs. Amando Silva, Thomaz Veiga Seixas Sobrinho e o 1º Tenente da armada Magalhães.

Uma afinada orchestra composta de 6 figuras offerecerá um bello e escolhido perterorio para a soirée.³⁰⁷

Vale ressaltar que os espaços de lazer e as formas de diversão eram diferenciados entre as classes dominantes e as classes populares, longe de se constituírem apenas um momento de comunhão e expressão cultural, essas práticas de lazer significavam momentos privilegiados e representavam os interesses dos seus protagonistas. Dessa maneira, dependendo do grupo social que desfrutava do entretenimento, do horário e do espaço, o lazer adquiria sentidos diversos.³⁰⁸

As comemorações de datas festivas eram recorrentes no estabelecimento, mas além desse divertimento, oferecia lazer e descanso durante as estações de veraneio e nos finais de

³⁰⁵ ROCHA, 2003, p.18.

³⁰⁶ COUCEIRO, 2003, p.3.

³⁰⁷ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 24 de dezembro de 1910, nº 334, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=eletricidade%20e%20alcool&pasta=ano%201911>. Acessado em: 26 de julho de 2016.

³⁰⁸ COUCEIRO, Op. Cit., p.3

semana eram apreciados. No *Jornal Pequeno* encontra-se uma crônica de Mario Sette descrevendo o prazer oferecido pelos banhos de mar na Casa de Banhos:

Contentemo-nos por enquanto com esses ensaios promissores de passeios dominicaes em lanchas condignas de proporcionar o regalo de travessias adoráveis, de excursões plenas de expansivas alegrias, despejando bandos ruidosos de turistas por entre os coqueiros farfalhantes da ilha do Pina, povoando com as suas alacridades os nossos arrabaldes, levando-os a pousar deliciosos momentos na terrasse soberba da nossa garrida *casa de banhos*, exquisitamente linda atrepada a sua muralha, batida pelas vagas frocadas de espumas, muito branca como uma concha original que o mar houvesse jogado sobre os arrecifes num dia de temporal...³⁰⁹

Nota-se que a matéria destaca a estrutura do estabelecimento e para complementar visualmente essa descrição, contamos com um acervo iconográfico, contendo imagens do álbum de família de Carlos José de Medeiros retratando os banhistas e os hóspedes nos seus momentos de descanso e lazer, que podem ser vistos em anexo nessa pesquisa. Além desse recurso contamos com as fotografias presentes nos cartões-postais utilizados para atrair o olhar daqueles que desejavam conhecer e frequentar o local.

As fotografias perpetuam um dado momento, de pessoas ou de lugares registrados, como também registra o olhar atento e seletivo do fotógrafo. Segundo Boris Kossoy, na sua obra, *Realidades e ficção na trama fotográfica*, quando contemplamos determinadas fotografias adentramos no seu conteúdo e imaginamos a trama dos fatos e as circunstâncias que envolveram o assunto apresentado e a própria representação do documento fotográfico. Sendo assim, a fotografia não representa o reflexo perfeito da realidade, como também não é uma mera alteração do real, ela corresponde a um recorte do real por fixar no tempo uma imagem, um tema, seus sujeitos e entornos.³¹⁰

Essa informação pode ser discutida através da fotografia da Casa de Banhos dos Arrecifes em um cartão-postal³¹¹:

³⁰⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 14 de Novembro de 1913, nº 262, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&PagFis=16419&Pesq=casa%20de%20banhos_A cessado em: 22 de Julho de 2017.

³¹⁰ KOSSOY, Boris. **Realidades e ficção na trama fotográfica**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p.132 apud MALTA, Albertina Otávia Lacerda. **Memória em sais de prata**: fotografias do Recife em instituições memoriais. 2013. Dissertação (Mestrado).Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2013, p.32.

³¹¹ Cartão-Postal encontrado no arquivo JB- Josebias Bandeira. Código: JB_000797. Local: FUNDAJ, Recife, Pernambuco. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4681-jb-000874-casa-de-banhos-nos-arrecifes>.

Figura 6- Cartão-postal da Casa de Banhos nos Arrecifes.



Fonte: FUNDAJ, Recife, Pernambuco. Vila Digital, código: JB_000797. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4681-jb-000874-casa-de-banhos-nos-arrecifes>. Acessado em :15 Abril de 2017.

No primeiro plano da imagem, apresenta-se o mar cercando o estabelecimento, percebe-se também que o olhar do fotógrafo permite captar a extensão da propriedade, bem como a presença dos clientes.

A análise dessa paisagem, intermediada pela compreensão dos ideais suscitados na cidade, como a noção de “novo” e “avanços técnicos”, demonstra como alguns recantos do espaço urbano se tornaram o símbolo da modernidade no Recife.³¹²

É preciso mencionar que a maioria dos cartões-postais não são datados, resultando na a dificuldade de situar uma imagem no momento de sua captura pelo fotógrafo, além de configurar um desafio metodológico para a construção da pesquisa. Assim, uma observação minuciosa da fotografia, como também das simbologias inscritas no cartão podem revelar como ele foi adquirido e se foi enviado posteriormente ao instante fotográfico. A falta de precisão

³¹² SANTOS, Anderson Alves dos. **Frente, verso e reverso de um cartão-postal: leituras de paisagens da Praça Nossa Senhora da Boa Viagem – Recife – PE.** 2007. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007, p.25.

temporal sinaliza para o fato do cartão não ter sido utilizado, há até mesmo cartões que aparecem sem a denominação dos lugares retratados.³¹³

Essa discussão apoia a análise da imagem da Casa de Banhos no seguinte cartão-postal³¹⁴:

Figura 7- Cartão-postal Casa de banhos nos arrecifes. Fonte: FUNDAJ, Recife, Pernambuco.



Fonte: Vila Digital, código: JB_000874. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4681-jb-000874-casa-de-banhos-nos-arrecifes> . Acessado em: 15 Abril de 2017.

Primeiramente, a demarcação temporal do cartão não é retratada, mas a estrutura do estabelecimento pode ser vista por outro ângulo, verifica-se também o contato de alguns banhistas com os arrecifes, o homem abaixo da estrutura é capaz de criar uma noção visual sobre a altura da construção e as três pessoas ao fundo indicam a apreciação das ondas que se desfaziam em espumas e cobriam as pedras antigas dos arrecifes.³¹⁵

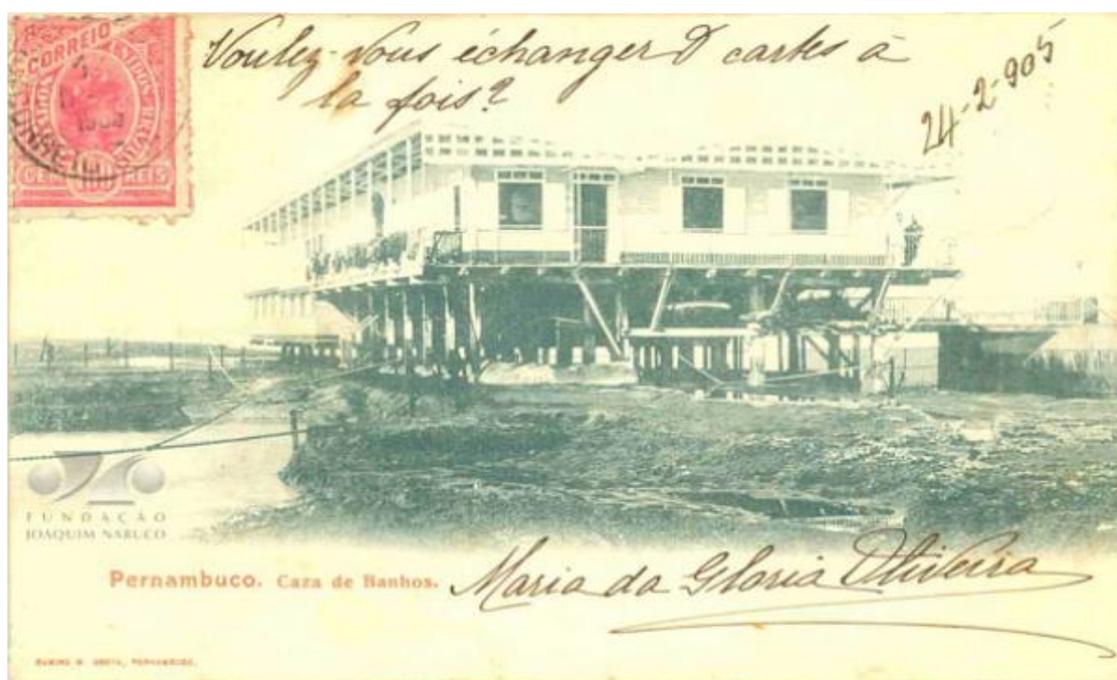
³¹³SANTOS, 2007, p.28.

³¹⁴ Cartão Postal encontrado no arquivo JB- Josebias Bandeira. Código: JB_000874. Local: FUNDAJ, Recife, Pernambuco. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4681-jb-000874-casa-de-banhos-nos-arrecifes>. Acessado em :15 Abril de 2017.

³¹⁵ Cartão Postal encontrado no arquivo JB- Josebias Bandeira. Código: JB_000874. Local: FUNDAJ, Recife, Pernambuco. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4681-jb-000874-casa-de-banhos-nos-arrecifes>. Acessado em: 15 de Abril de 2017.

Nesse panorama, o cartão-postal tem a função de reproduzir imagens da cidade pela representação estática da paisagem, como também divulgar, além das fronteiras geográficas, as paisagens destacadas, impressionando quem o recebe, pois o material observado sempre tende a provocar uma impressão positiva do que está sendo representado. Essas informações são exemplificadas pelo seguinte cartão-postal³¹⁶:

Figura 8- Cartão-postal Casa dos Banhos.



Fonte: FUNDAJ, Recife, Pernambuco. Vila Digital, código:00148. Local: FUNDAJ, Recife, Pernambuco. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4965-jb-001148-casa-dos-banhos>. Acessado em: 15 de Abril de 2017.

Nota-se que esse cartão apresenta algumas diferenças com relação aqueles foram discutidos anteriormente, o primeiro aspecto se refere ao selo carimbado, a data de envio e a assinatura do remetente, a senhora Maria da Gloria Oliveira. Além desses dados, o que também chama atenção é o recado em francês, que diz: “voulez vous échanges o cartes á fois?”, traduzindo: “quer trocar cartões de uma só vez?”, a partir dessas informações podemos concluir que o cartão pertence ao receptor e que a remetente possivelmente pode ter visitado a Casa de Banhos, se não houve a visita, a imagem criou um impacto visual positivo na remetente, o que corrobora as informações dos jornais sobre o prazer oferecido beira-mar, pela hospedaria

³¹⁶ Cartão-Postal encontrado no arquivo JB- Josebias Bandeira. Código: JB_001148. Local: FUNDAJ, Recife, Pernambuco. Disponível em: <http://villadigital.fundaj.gov.br/index.php/cartoes-postais/item/4965-jb-001148-casa-dos-banhos>. Acessado em: 15 de Abril de 2017.

refinada e confortável e por oferecer serviços apreciados pela elite e pelos estrangeiros que chegavam a capital.

Anderson Alves dos Santos, na sua dissertação, *Frente, verso e reverso de um cartão-postal: leituras de paisagens da Praça Nossa Senhora da Boa Viagem – Recife – PE*, afirma que o cartão-postal passou a ser usado para enaltecer a imagem dos locais considerados símbolo do progresso e da modernização nas cidades:

Esse levantamento dos símbolos mais característicos de um período de quando o país estava em vias do processo de modernização, foi bem difundido pelos cartões-postais, que possibilitaram na época aos brasileiros e aos estrangeiros, mostrarem o progresso do Brasil e a assimilação da civilização nos moldes das nações mais em voga.³¹⁷

As obras arquitetônicas construídas durante a modernidade transformou a forma de enxergar a cidade, nesse contexto, a concepção de paisagem inserida no cartão-postal estendeu-se à própria cidade, especificamente aos seletos recantos reformados, higiênicos e embelezados. A cidade poderia ser vista e revisitada, a sensibilidade de quem recebia o cartão se misturava as experiência dos sujeitos na imagem, foram criadas novas formas de percepção, além de serem ilustradas no cartão, também poderiam ser contempladas pessoalmente.³¹⁸

Segundo a historiadora Sylvia Couceiro, inseridas no conjunto das “diversões modernas” estavam às festas nos clubes, as danças, os concertos musicais, ir ao cinema e teatros, competições a remo, conferências e recitais de poesia, frequentar confeitarias, excursões e passeios ao ar livre, temporadas nas praias e banhos de mar.³¹⁹

A Casa de Banhos, além de oferecer os banhos de mar, era apreciada por aqueles que desejavam realizar importantes eventos na cidade, especialmente almoços que contavam com a presença de personalidades políticas. No Jornal do Recife consta uma matéria sobre o almoço oferecido pela viúva Rita de Medeiros ao governador do Estado, Dantas Barreto.

Realizou-se hontem, em a Casa de Banhos, um almoço intimo oferecido pela proprietária do referido estabelecimento á digna família do exm. Sr. General Dantas Barreto, governador do Estado.
Ao *dessert* usou da palavra d. Rita de Medeiros, que saudou a família do sr. General.
Em seguida falou o sr, Roderico Dantas Barreto, agradecendo a saudação feita.

³¹⁷ SANTOS, 2007, p.29.

³¹⁸ Ibid., p. 36.

³¹⁹ COUCEIRO, 2003, p.87.

Depois do almoço, os presentes fizeram um passeio pelos arrecifes até a ilha do Pina, voltando para o palácio em uma lancha da Casa de Banho.³²⁰

Essa matéria demonstra a relação entre os proprietários da Casa de Banhos e as figuras públicas do Recife, além desses dirigentes políticos, o balneário recebia importantes nomes da sociedade médica recifense, no *Jornal do Recife* encontra-se a matéria, *Dr. Amaury de Medeiros*, que destaca a recepção solene para o doutor após a sua viagem à capital do país.

O dr. Amaury de Medeiros será recebido com grandes e imponentes festa, promovidas por seus amigos, e pela atacada classe medica, da qual é um dos seus membros mais em evidencia.

Continua a receber o mais franco acolhimento a homenagem que a classe medica de Pernambucana prestará ao dr. Amaury de Medeiros, a quem será offerecido um almoço intimo, provavelmente, no dia 14 do corrente, na Casa de Banhos.³²¹

A solenidade dos almoços oferecidos na Casa de Banhos também é destacada por Vanildo Cavalcanti no seguinte fragmento:

A Casa de Banhos, estava, então, no auge. Seu prestígio era tal que a sociedade pernambucana procurava o seu restaurante, ricamente montado, com louças inglesas, gravadas com monogramas seus, bebidas estrangeiras e finas iguarias, além do magnífico ambiente para lautos almoços, sobretudo para homenagear altas personalidades.³²²

A realização dessas festividades na Casa de Banhos era facilitada pelo transporte de lanchas a vapor, o estabelecimento balneário contava com a empresa, *Serviço Rápido de Lanchas a Gazolina*, o contrato foi realizado pelo próprio Carlos de Medeiros.

Attendendo ao convite que, ante-hontem, gentilmente, nos enviou ao sr. Carlos de Medeiros bem como aos nossos outros colegas diários desta capital, para assistirmos a inauguração da lancha *Lamarão*, adquirida pelo < Serviço Rapido de Lanchas a Gazolina >, hontem, ás 9 horas da manhã, tomamos aquelle excelente barco, em excursão marítima e fluvial.

Deixando os cães Martins de Barros, seguimos em direção a Casa de Banhos, onde, chegados após minuciosa visita ao conceituado estabelecimento balneário, fomos servidos de saboroso café e bolinhos seccos.

³²⁰Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 30 de março de 1912, nº 88, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%201911&pesq=palacio%20em%20uma%20lancha%20da%20Casa%20de%20banho>. Acessado em: 26 de julho de 2016.

³²¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 7 de outubro de 1923, nº 234, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&PagFis=89042&Pesq=o%20illustre%20dr.%20Amaury%20de%20Medeiros>. Acessado em: 30 de julho de 2017.

³²²CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. **Recife do Corpo Santo**. Recife: Secretaria de Cultura do Recife, 1977, p.290.

Melhor não podia ser a nossa impressão a bordo da *Lamarão* que oferece comodidade, facilmente, para 100 pessoas com os seus 6 metros e 30 de comprimento e 2 metros e 60 de largura. A sua equipagem é de 6 homens, dispondo de 2 grandes hélices.

De regresso do mar fomos até a ilha do Pina, onde nos demorámos em agradável passeio, sendo 12 horas da tarde, mais ou menos, quando, novamente, dávamos acesso ás escadarias da Casa de Banhos, onde nos proporcionou esplendido *ágape*, trocando-se, *au dessert*, amistosos brindes.³²³

O deslocamento da cidade para os arrecifes foi favorecido por reformas urbanas, uso dos bondes eléctricos e, especialmente, o uso das lanchas a vapor, esses transportes eram frutos do progresso técnico-científico vivenciado pela Segunda Revolução Industrial. Segundo Eric Hobsbawm, o desenvolvimento de novos potenciais energéticos, como a eletricidade e os derivados deram origem a novas áreas de exploração química e industrial.³²⁴ As modificações urbanas realizadas no Recife seguiam os rastros das grandes cidades europeias, que privilegiavam os aspectos ligados a higiene pessoal e coletiva, a beleza e a circulação de novos tipos de transporte.³²⁵

A Casa de Banhos acompanhava todas essas transformações sociais, os seus clientes não contavam apenas com empresas contratadas para os serviços de lancha, o estabelecimento possuía sua própria lancha. No Diário de Pernambuco, a matéria intitulada: *Casa de Banhos*, descreve a inauguração da lancha com uma festividade ofertada a seus clientes.

Estreará hoje a lancha *Arrecifes*, de propriedade da Casa de banhos, o pitoresco estabelecimento situado entre a serenidade do Capibaribe e as agitações do mar, cujas ondas gemedoras, vêm, desfazendo-se em espumas, cobrir de branco as pedras antigas que servem de base ao gracioso estabelecimento balneário.

O acto será festivo.

As famílias e cavalheiros presentes prepara uma surpresa a proprietária da casa, madame Medeiros, senhora bastante relacionada na sociedade pernambucana.³²⁶

³²³Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 5 de janeiro de 1914, nº 3, p. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&PagFis=16897&Pesq=carlos%20medeiros>. Acessado em: 13 de maio de 2018.

³²⁴HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2009 apud COUCEIRO, 2003, p.60.

³²⁵COUCEIRO, 2003, p.60.

³²⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 27 de novembro de 1910, nº 86, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_09&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20191. Acessado em: 30 de março de 2018.

Nota-se que a viúva Maria Rita de Medeiros e seus filhos não mediam esforços para melhorar as instalações e os serviços de transportes ofertados aos seus clientes, também desejavam perpetuar o sucesso alcançado pelo estabelecimento vivenciado durante a direção de Carlos José de Medeiros. A proprietária sempre buscou manter seu público informado sobre os eventos e reformas que aconteciam no estabelecimento, através de anúncios e matérias nos jornais da época. No *Jornal Pequeno* encontra-se um anúncio sobre o horário de partida das lanchas e horário dos banhos.

Maria Rita de Medeiros faz sciente aos interessados que na próxima estação balneária o seu Estabelecimento abrir-se-á no dia 15 de Setembro vindouro. As lanchas para a condução dos srs. Banhistas partirão do Caes da Avenida Martins de Barros, obedecendo o seguinte horário:
De 15 a 30 de Setembro, a primeira lancha partirá às 6 horas e de 1º de Outubro em diante, às 5 horas com intervalo de 15 a 15 minutos.³²⁷

Maria Rita de Medeiros tornou-se uma figura importante para o estabelecimento balneário, mas em 1922, Maria Rita de Medeiros anuncia seu afastamento da direção e permite a exploração da empresa pelo inglês: Sidney de Albuquerque Galvão Rhodes, essa informação pode ser constatada no jornal *A Província*, através de duas matérias complementares: *Casa de Banhos e Casa de Banhos: Escriptorio Cialet Medeiros Caes Martins de Barros*. Na primeira matéria, a proprietária escreve:

Declaro que não permitindo o meu estado de saúde dirigir a Casa de Banhos de minha propriedade, durante a presente estação balneária, da presente data a 28 de fevereiro próximo vindouro, encarreguei ao sr. Sydney Albuquerque Galvão Rhodes de superintender os serviços d'aqule estabelecimento, com que se deverão entender os interessados.
Recife, 8 de setembro de 1922.
Maria Rita de Medeiros³²⁸

Na segunda matéria, Sidney Rhodes diz:

Autorizado pela sra. Maria Rita de Medeiros, declaro que da presente data a 28 de Fevereiro do anno próximo vindouro, encarreguei-me de dirigir os serviços na Casa de Banhos de propriedade da mesma senhora, devendo os interessados se entenderem commigo.

³²⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 25 de agosto de 1918, nº 309, p.3 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=Maria%20Rita%20de%20Medeiros>. Acessado em: 14 de fevereiro de 2018

³²⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Província**, 14 de setembro de 1922, nº 215, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_02&pasta=ano%20192&pesq=de%20saude%20dirigir%20a%20Casa%20de%20Banhos. Acessado em: 13 de maio de 2018.

Recife, 8 de setembro de 1922.
S. A. G. Rhodes³²⁹

Esse anúncio esclarece aos clientes e as empresas contratadas pelo estabelecimento, que a partir daquele momento, os assuntos referentes aos serviços prestados deveriam ser tratados com Sidney Gerald Rhodes, natural de Weymouth, Dorsetshire, quando assumiu a direção da Casa de Banhos, já estava há 20 anos na direção sucursal Wilson, Sons & Co. Ltd. fundada em 1879 no Recife.³³⁰ Veremos que o novo gerente, experiente na área dos negócios administrativos consolidou uma nova fase na Casa de Banhos, mediante a realização de reformas nas instalações, oferecimento de atividades festivas e novos serviços de lazer.

3.4 A NOVA FASE DA CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES SOB A DIREÇÃO DE SIDNEY RHODES

A mudança na direção da empresa provocou alterações na estrutura do estabelecimento mediante a instalação de reformas. Em 1923, Sidney Rhodes enviou um ofício a Inspectoria Federal de Portos, Rios e Canaes (Fiscalização do Porto do Recife) elencando os reparos realizados no estabelecimento:

- a) Reparos da antiga “Casa de Banhos”, existente sobre os recifes emergentes;
- b) Construção mesmos recifes, de uma outra casa de madeiras, sobre colunas, também de madeira, destinada a banhistas;
- c) Modificações dos banheiros de maré máxima e maré mínima;
- d) Construção de dois muros de alvenaria de tijolos, um trecho cais e um trapiche, interessando o canal do porto.³³¹

As construções foram aprovadas, com exceção do trapiche, pois a Fiscalização do Porto acreditava que sua construção poderia obstruir o tráfego na região dos arrecifes e do Porto de Recife. A Fiscalização do Porto buscou analisar com mais atenção as plantas para aprovação do trapiche. As imagens do ofício e das plantas enviadas pelo proprietário podem ser vistos em anexo nesta dissertação.

³²⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Província**, 14 de setembro de 1922, nº 215, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_02&pasta=ano%20192&pesq=de%20saude%20di%20rigir%20a%20Casa%20de%20Banhos. Acessado em: 13 de maio de 2018.

³³⁰A empresa tornou-se a maior importadora de carvão no Brasil, “recebia só no porto de Pernambuco, cerca de 40.000 toneladas, anualmente, para o suprimento do comércio e indústrias locais.” Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g45c.htm>. Acessado em: 17 de Junho de 2018.

³³¹ Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.51.

Um mês após o pedido de Sidney Rhodes, a Fiscalização do Porto decide indeferir a sua proposta devido, pois a dragagem do porto poderia atingir o local de construção do trapiche. O proprietário resolve enviou o projeto do trapiche à Delegacia Fiscal de Pernambuco, destacando a objetivo da construção era o embarque e desembarque dos banhistas. No dia 17 de Setembro de 1923, a Delegacia Fiscal explicou os motivos para a aprovação do trapiche:

Tendo verificado que, apesar da dragagem effectuada no estuário, é, de facto, difficil o acesso á casa de banhos, em todo baixo mar, por ter ficado o limite da dragagem muito affastado do lugar de desembarque, e succendo, por outro lado, que serão diminutos ou si nullos os efeitos da mudança de regimento do estuário que a obra solicitada pode trazer nesse local, desde que sejam tomadas certas precauções, garantidas pela condição de ser o mesmo trapiche demolido, desde que, á juízo desta Fiscalização, alguma modificação prejudicial venha, apesar de tudo, a se produzir, sou de opinião que é permitido ao proprietário das aludidas casa de banhos a construção do trapiche [...]³³²

Sidney Rhodes buscou melhorar as instalações do estabelecimento visando a comodidade dos banhistas. Assim, os melhoramentos foram recebidos com uma cerimônia promovida pelo proprietário, os detalhes da festividade foram publicadas pelo jornal Pequeno:

Terá logar amanhã a inauguração dos novos melhoramentos dessa casa
O estimável sr. Sidney Rhodes, actual proprietário da Casa de Banhos, acaba de introduzir nesse velho e conhecido estabelecimento balneário vários e importantes melhoramentos, cuja inauguração realisa amanhã.
A velha Casa de Banhos é hoje hospedaria e pensão. Dispõe para isso de todo o conforto e possível e tem ainda a facilidade do transporte por meio das lanchas da Companhia de lanchas a gasolina, do mersmo sr. Rhodes.
Amanhã, esse estimável cavalheiro realisa a inauguração dos novos melhoramentos da Casa. Offerecerá um almoço a um grupo de amigos, inclusive a Imprensa da capital.³³³

Um desses melhoramentos foi a construção do trapiche, como pode ser visto pelo ângulo fotográfico da imagem abaixo:

³³² Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.71.

³³³Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 12 de Setembro de 1922, nº 201, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&PagFis=33187&Pesq=casa%20de%20banhos>. Acessado em: 31 de março de 2018.

Figura 9- Foto da Casa de Banhos.



Fonte: Museu da Cidade do Recife. Disponível em: <http://papodebem.com/2015/04/antiga-casa-banhos-recife/>. Acessado em: 20 de Novembro de 2018.

O Jornal do Recife apresenta um artigo que também retrata os melhoramentos realizados na Casa de Banhos:

Vem de passar por uma importante reforma a Casa de Banhos, situada nos arrecifes e de propriedade de Sidney Rhodes.

Accedendo a gentileza que para esta folha teve o sr. Sidney Rhodes, que nos veio convidar para assistirmos à inauguração dos melhoramentos daquele conhecido estabelecimento balneário, lá estivemos no domingo, sendo recebidos pelo referido cavalheiro, com distincção e apreço.

As 12 horas, teve logar a inauguração, sendo oferecido aos presentes um excellente "menu".

A Casa de Banhos, com os melhoramentos, ante-hotem, inaugurados, está aparelhada para bem servir ao publico, oferecendo todo o conforto aos seus hospedes.

Melhorada, como era de prever, a Casa de Banhos estendeu a reforma até aos meios de transporte, mantendo um serviço regular de barcas, que trafegam de meia em meia hora, a começar das 8 horas até ás 23.

Somos gratos a atenção do convite e a gentileza da recepção, desejando ao referido estabelecimento prosperidades.³³⁴

As reformas realizadas atendiam as exigências dos seus clientes e tornava o estabelecimento muito mais notável entre os pontos de sociabilidade no Recife. No Diário de Pernambuco, o anúncio: *Pensão Casa de Banhos*, informa:

Installada no antigo prédio da CASA DE BANHOS, hoje totalmente reformado quartos higienicos, iluminados á luz electrica. Neste acreditado estabelecimento encontrará o respeitável publico além de uma boa e farta alimentação, variada todos os dias, confortáveis possíveis, vista para o mar, banhos de mar e de chuveiro. Conducção por meio de lanchas a gasolina obedecendo a um horário com partidas do caes Alfredo Lisboa, somente para as pessoas que desejarem obter commodos ou fazerem as suas refeições.³³⁵

Essas publicações mantinham o funcionamento do estabelecimento mais transparente ao conhecimento do seu público, como exemplo temos as publicações referentes ao aumento dos preços dos banhos salgados. Em 1922, o Diário de Pernambuco faz alusão ao primeiro aumento dos preços dos banhos, solicitado por Maria Rita de Medeiros ao governador do Estado.

O sr. governador do Estado assignou hontem os actos seguintes: [...] permitindo que d. Maria Rita Medeiros, proprietária da Casa de Banhos, situada nos arrecifes do porto desta capital aumente os preços estabelecidos na tabela constante ao acto do governo de 31 de agosto de 1915, visto o excessivo aumento de salários e de material empregado no serviço de banhos.³³⁶

Em 1923, ocorreu outras alterações nos preços, Sidney Rhodes solicitou ao governo do Estado um aumento de 35% sobre os banhos de mar estabelecidos, anteriormente, pelo ato de 2 setembro de 1922.³³⁷ Esse aumento não foi bem recebido pelos clientes, a matéria

³³⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 10 de Abril de 1922, nº 81, p.2 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20192&pesq=reforma%20a%20Casa%20de%20Banhos>. Acessado em: 5 de julho de 2017.

³³⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 19 de Abril de 1923, nº 99, p.7. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_10&pasta=ano%20192&pesq=no%20antigo%20p%20da%20casa%20de%20banhos. Acessado em: 8 de Dezembro de 2016.

³³⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 5 de Setembro de 1922, nº 207, p. 8. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_10&pasta=ano%20192&pesq=proprietaria%20da%20Casa%20de%20Banhos. Acessado em: 8 de Dezembro de 2016.

³³⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 5 de Abril de 1923, nº 77, p.3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_10&pasta=ano%20192&pesq=peti%C3%A7%C3%A3o%20de%20sidney. Acessado em: 8 de Dezembro de 2016.

denominada: *Projeto Curioso*, publicada no jornal A Província, descreve os rumores e debates sobre a aumento dos preços dos banhos de mar:

Acaba de ser apresentado na Camara dos srs. deputados um projeto, que gostaríamos de saber como foi justificado.

Esse projecto **manda aumentar os preços dos banhos salgados** na Casa de Banhos.

Deve haver engano na publicação. Certamente o projecto é mandando baratear, isto é, diminuir os preços.

O lucro das concessões dessa natureza está na própria concessão e na dispensa de todos os impostos que gosa o concessionário para o seu privilegio.

Seria então mais conveniente que o privilegio fosse cassado. Porque então na concorrência do negocio os preços barateariam.

O facto de se ter feito ali obras de conservação não justifica o aumento desses preços. Essas obras são no interesse do concessionário, que sem ellas não teria fregueses.

Assim não vemos um só motivo para semelhante projecto pessoal. E acreditamos que se elle passar nas duas casas do Congresso, o sr. Governado do Estado lhe negará a sancção.³³⁸

O aumento dos preços foi aprovado pelo governo do Estado, mesmo com a resistência do seu público, pois tal medida visava subsidiar as acomodações, a higiene e os investimentos nas festas. Observando a ocorrência dos eventos realizados, o Diarrio de Pernambuco apresenta uma matéria sobre a inauguração de um evento dominical que oferecia cardápio requintado e divertimento aos seus hóspedes.

Bath House Hotel- Esse estabelecimento, ou seja, a conhecida Casa de Banhos do Recife, iniciou brilhantemente ante-hontem os chás-dansantes que realizará aos domingos.

Começaram as anunciadas dansas as 14 horas, tendo uma assistência numerosa e que muito se divertiu, com posta de famílias, representantes da imprensa e outras pessoas gradas.

Optimo, o serviço de *buffet*.

A impressão deixada pelo chá-dansante inicial do “Bath House Hotel” foi sobremodo agradável.³³⁹

A empresa de banhos salgados entrou no circuito das atividades de lazer, suas louças decoradas e boa iluminação proporcionou a seus frequentadores vivenciar o estilo de vida moderno.³⁴⁰ Segundo Couceiro, “alguns órgãos e instituições públicas, como os Correios e

³³⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Província**, 25 de abril de 1923, nº 04, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_02&pasta=ano%20192&pesq=banhos%20salgado%20na%20casa%20de%20banhos. Acessado em: 8 de Dezembro de 2016.

³³⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 14 de Agosto de 1923, nº 187, p.2. Disponível: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=029033_10&pasta=ano%20192&pesq=Bath%20House%20Hotel. Acessado em: 27 de Julho de 2017.

³⁴⁰ COUCEIRO, 2003, p. 191.

Telégrafo, a Estação da linha Férrea de Limoeiro, tinham sua sede no bairro. A Igreja Madre Deus e a Casa de Banhos, está localizada nos arrecifes, importantes pontos de sociabilidade da cidade, também ficavam no bairro.”³⁴¹

No rol das práticas de lazer, um dos pontos atrativos eram os estabelecimentos de chá, cercado por cerimônia e regras, o hábito de tomar chá torna-se um símbolo de distinção social, pois indicava o grau de educação e conhecimento de etiqueta à mesa. Esse novo hábito não ficou reservado às casas de chá, a Casa de Banhos dos Arrecifes também oferecia o serviço com o mais completo refinamento e conforto. No Jornal do Recife encontra-se um anúncio esclarecendo os horários de cada serviço ofertado pela empresa:

Pensão e Restaurant- De primeira ordem, com diárias de a 120 15\$ 000 conforme o aposento, luz electrica - Orchestra – Assignatura para almoço ou jantar a 120\$000 mensaes.

Four Oclok Tea- Servido todos os dias, exceção dos domingos, a 3\$000 cada pessoa inclusive o transporte em lanchas.

Chá Dansante – Puramente familiar. Aos domingos de 14 ás 17 horas da tarde. Entradas grátis para as senhoras. Cavalheiros, 5\$000.

Estação Balneária – Acha-se em construção uma dependência da Casa de Banhos com 70 quartos para os banhos que se destinam ás famílias, e um banheiro de natação com a extensão de 40 metros de comprimento, bem como outros melhoramentos se estão procedendo nos três banheiros já existentes. A estação balnearia começará a 15 de setembro próximo, com assignaturas para 15, 30 dias ou 1 anno. Lanchas especiaes para conducção dos srs. Banhistas.³⁴²

A Casa de Banhos era dotada por uma variedade de serviços e profissionais especializados, o anúncio de emprego publicado no Jornal do Recife, revela o grau de educação requisitado pela empresa: “Precisa-de um rapaz, com urgência, como interprete. Informações pessoalmente, n. 12, Casa de Banhos.”³⁴³ O refinamento também era usado no cardápio do estabelecimento, “o cardápio do seu restaurante era elogiado, no qual não faltava a famosa peixada à base de cavala- perna-de moça, regada certamente com vinhos, cervejas ou frisantes importados.”³⁴⁴ Napoleão Barroso Braga comenta que o sucesso alcançado pelo estabelecimento estimulou a sua entrada em um “rush” publicitário, os anúncios descreviam com detalhes as festividades, os seus frequentadores e como o proprietário se relacionava com

³⁴¹ Ibid., p.32.

³⁴²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 15 de agosto de 1923, nº 189, p. 5. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%201923>. Acessado em: 11 de janeiro de 2018.

³⁴³Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 13 de março de 1912, nº 70, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%201912&pesq=inglez%20e%20portuguez>. Acessado em: 26 de julho de 2016.

³⁴⁴BRAGA, 1985, p.54

sua clientela. No jornal *A Província* constatou-se uma publicação referente a um momento festivo na Casa de Banhos:

Teve um cunho de raro encanto a festa promovida pelo sr. Rhodes proprietário desse conceituado estabelecimento, em comemoração ao aniversário da nossa emancipação política, a qual constou de um chá dansante, dedicado por aquelle distincto cavalheiro á briosa officialidade do “Benjamin Constant”. O attrahente festival teve selecto comparecimento em que avultavam exmas. Famílias da nossa alta sociedade cavalheiros e representantes da imprensa. Também esteve presente a officialidade e guarda-marinhas daquela elegante unidade da nossa marinha de guerra, decorrendo a brilhante reunião sob um mixto de cordialidade e distincção dignas de registro. Fizeram-se ouvir a excelente orchestra do “Benjamin Constant” e uma outra de cordas composta de selectos elementos. Aos presentes foi servida uma mesa de bolos, doces, cervejas e licores, terminando a festa, que deixou a melhor impressão ás 19 horas.³⁴⁵

A Casa de Banhos enquadrava-se no conjunto de estabelecimentos que ofereciam descanso e entretenimento, como restaurantes, cafés, sorveterias e casas de chá, frequentados pelas famílias que estavam adotando os novos hábitos, como fazer refeições fora de casa, sair à noite, atividades de lazer durante os finais de semana, adotar uma alimentação mais refinada, procurar novos locais de sociabilidade marcar encontros e comemorar datas festivas.³⁴⁶ O estabelecimento balneário oferecia diversos tipos de serviços durante um chá dançante. O *Jornal do Recife* apresenta a seguinte descrição:

Teve lugar domingo ultimo, por iniciativa dos srs. Rhodes. proprietário, e Arthur H. de Albuquerque, gerente da “Casa de Banhos”, o “Chá dansante” oferecido por aquelles estimáveis senhores, aos numerosos hospedes e fregueses daquele conhecido estabelecimento balneário, edificado nos arrecifes do nosso porto. Ás 14 horas e meia, partiu do caes Rio Branco, uma lancha conduzindo convidados e exmas famílias seguindo-se-lhe outras lanchas, de meia em meia hora, para condução de grande numero de senhorits e cavalheiros. A “Casa de Banhos” bem instalada como se sera oferecia um bello aspecto festivo, iniciando se as dansas ás 15 horas. Tocou uma orchestra de professores, sendo executadas sugestivas peças. Aos presentes, foram servidas fartas mezas de bolos e doces, agradando sobremodo o serviço de “buffet”, entregue a profissionaes competentes.³⁴⁷

³⁴⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *A Província*, 9 de setembro de 1923, nº 210, p.3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&pesq=officialidade%20do%20Benjamin%20Constant&pasta=ano%20192. Acessado em: 8 de dezembro de 2016.

³⁴⁶ COUCEIRO, 2003, p. 204.

³⁴⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. *Jornal do Recife*, 14 de Agosto de 1923, nº 188, p.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%20192&pesq=o%20ch%C3%A1%20dansante%20offerecido>. Acessado em: 7 de dezembro de 2016.

Setores políticos e intelectuais desfrutavam do refinamento oferecido pela Casa de Banhos:

Às 12 horas, realizou-se um almoço, no restaurant da Casa de Banhos, oferecido ao respeitável político pela comissão encarregada das homenagens a s. tomando parte no mesmo além do homenageado as seguintes pessoas:

Dr. Alberto Magalhães de Almeida, secretario geral do Estado do Maranhão, capitão da Força Publica Severino Cardim, Porto da Silveira, diretor da Pilheria, e representante d' A Patria do Rio, dr. Athur Moura, coronel José Rezende academico Manoel Lucena, acadêmico Dustan Miranda, coronel Aprigio Mindello, conferente de nossas aduana, capitão dr. Claudinho Cavalcanti, dr. Geminiano Jurema Filho, Arnaldo Constantino, coronel Hemeterio Cysneiros, acadêmico Lins do Rego, dr. Mario Mello Antonio Miranda Neves Filho, Manoel Didier, Albino Moreira de Sousa, dr. Duarte Dantas, dr. Jonathas Costa, dr. Leoviglido Junior.

O agape correu debaixo da maior cordialidade tendo servido um variado cardápio, regado por finas bebidas.

Ao “champagne” usou a palavra oferecendo o repasto, o dr. Duarte Dantas, representante do P. R. C. Parahybano, em nome da comissão das homenagens. Agradecendo, proferiu o desembargador Heraclito Cavalcanti entusiastica allocução. S. exc. Terminou o seu discurso levantando a sua taça, pela prosperidade de Pernambuco e da Parahyba.³⁴⁸

O estabelecimento também recebia das mais simples atividades de lazer, como as rodas de conversa, até bailes de Carnaval, como pode ser visto na matéria, *Carnaval do “Club Nautico”*, do Jornal do Recife:

Promette revestir-se de muito brilhantismo a festinha que o Club Nautico offerecerá aos seus destemidos sócios no sábado de Carnaval.

Constará o programma de um festival literato-recreativo, o qual, embora não esteja todo confeccionado, constará mais ou menos do seguinte:

Pela manhã haverá na Casa de Banhos, a representação da comedia “O valentão” (escripta especialmente para a occasião pelo conhecido homem de letras Jair Meireles.)³⁴⁹

Além das festividades carnavalescas, veremos que a Casa de Banhos oferecia seu espaço para a realização de esportes aquáticos e contava com professores capacitados para o ensino de outras práticas esportivas.

³⁴⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 28 de agosto de 1923, nº 200, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%201923&pesq=no%20restaurant%20da%20Casa%20de%20Banhos>. Acessado em: 17 de dezembro de 2016.

³⁴⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 21 de janeiro de 1923, nº 25, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=705110&pasta=ano%201923&pesq=o%20club%20nautico%20offerecera>. Acessado em: 7 de dezembro de 2016.

3.4.1 A prática de esportes na Casa de Banhos

A Casa de Banhos também promovia encontros de clubes e ligas de esportistas como consta na publicação abaixo:

A “Liga Pernambucana dos Desportos Terrestres”, ofereceu hontem, na Casa de Banhos, situada nos arrecifes da barra do nosso porto, um almoço intimo aos membros da embaixada paraense
 Esse gesto da “Liga Pernambucana”, decerto muito sensibilizará os distintos desportistas do glorioso Estado do Pará, vencedor da primeira prova para a disputa do Campeonato Brasileiro, mormente após a derrota do nosso quadro. Às 12 horas, em lancha postada no caes “Alfredo Lisboa”, seguiram os diretores da Liga, membros da embaixada paraense, delegado e juiz da C.R.D e representantes dos clubs filiados.
 Chegados a Casa de Banhos, teve lugar o almoço ás 13:30, terminando o mesmo ás 14 horas.
 Durante o ágape reinou a maior cordialidade possível entre os desportistas paraenses e pernambucanos [...].³⁵⁰

A matéria, supramencionada, apresenta a *Liga Pernambucana dos Desportos Terrestres*, criada em 1918, responsável por promover campeonatos, estabelecer regras e acordos entre os principais times e esportistas da cidade.³⁵¹ Segundo Couceiro, as palavras: competição, disputa e vitória, assumiram um novo significado com a prática dos esportes nessa “sociedade moderna”.³⁵² A autora ainda diz: “eram várias as modalidades que se praticavam no Recife: algumas em espaços ao ar livre, outras em locais fechados, uma mais, outras menos populares e acessíveis ao público.”³⁵³ Vale ressaltar que a prática desses esportes foi influenciada pelos médicos higienistas, que viam na atividade física uma forma de lazer que proporcionava o revigoramento do organismo, além pregar a disciplina de uma vida regrada para os jovens. As referências nos jornais sobre as práticas esportivas apontam desde o hipismo, remo, box, tênis, ciclismo, futebol até o waterpolo.

Os jornais de maior circulação no Recife continham colunas direcionadas para as notícias esportivas, anúncio dos jogos, das disputas e do placar permitiam conhecer os jogadores convocados e os times envolvidos nas competições. A coluna, *Sport*, do Jornal Pequeno, cita a Casa de Banhos na rota do Rowing:

³⁵⁰Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Província**, 27 de agosto de 1923, nº 225, p. 3. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&pesq=os%20paraenses%20entre%20nos&pa sta=ano%20192](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&pesq=os%20paraenses%20entre%20nos&pa sta=ano%20192.). Acessado em: 19 de julho de 2017.

³⁵¹ COUCEIRO, 2003, p. 109.

³⁵² Ibid., p.108.

³⁵³ COUCEIRO, Op.cit., 108.

No próximo dia 11, domingo, o sympathizado Club Nautico Capibaribe realiza uma grande festa fluvial.

Da sua sede largarão muito cedo todas as embarcações em demanda ao caes Martins de Barros, onde estarão postados vários escaleres para as famílias dos socios.

Depois sahirão em passeio pela Lingueta, Casa de Banhos, Ilha do Pina, regressando d'ahi a Villa Nautica onde será servido lauto almoço.

Descançada a refeição, terá logar animada partida de dansa no salão principal da sede.

Reina grande enthusiasmo para a festa que deverá ser agradabilíssima.³⁵⁴

O estabelecimento balneário também recebia os eventos de polo aquático, sua estrutura contava com as piscinas para os banhos de mar e piscinas usadas para natação e prática dos esportes aquáticos. Para os que desejassem aprender as normas do *waterpolo*, a Casa de Banhos promovia cursos com um professor de origem holandesa, de acordo com o anúncio publicado no Diario de Pernambuco: “achando-se entre nós um atacado “sportman” holandês, campeão de waterpolo, a Casa de Banhos requisitou os seus conhecimentos do referido jogo para educar os nossos moços na sua confortável piscina. O referido sportman holandês achar-se-á à disposição dos interessados, todos os domingos, de 15 horas em diante, naquele aprazível estabelecimento balneário.”³⁵⁵ A Casa de Banhos também estimulava a prática de outros esportes, essa informação é corroborada por um anúncio de emprego emitido por Sidney Rhodes no Jornal do Recife:

O proprietário deste estabelecimento deste estabelecimento avisa a quem interessar possa que acaba de contractar um profissional competente para ensinar o jogo de box, natação e gymnastica em geral, convida, portanto aos Club Sportivos para cooperarem na formação de matchs de waterpolo, box, etc.

Os interessados poderão se entender o sr. Victor Field, na Casa de Banhos das 16 ás 20 horas, ou no escirptorio do sr. Harries, na rua do Livramento n.98.

Outro sim, avisa que se acha aberta uma secção para massagem e aprendizagem de natação para senhoras e creanças.³⁵⁶

³⁵⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 6 de Abril de 1924, nº 82, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 1 Março de 2018.

³⁵⁵ Diario de Pernambuco, 04/12/1923 p.7 apud COUCEIRO, 2003, p. 114.

³⁵⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 6 de abril de 1924, nº 82, p. 8. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 10 de Maio de 2017.

A matéria também aponta para o Recife na virada do século, quando alguns esportes foram introduzidos na rotina dos grupos sociais abastados, como o remo, o futebol, a esgrima e o ciclismo, tais atividades físicas eram resultantes de uma ideologia moderna vivenciada após I Guerra, o culto ao corpo higiênico, forte e disciplinado tornaram-se requisitados a serem conquistados.³⁵⁷

Em 1908, Sidney Rhodes contou com o apoio de um caixa e engenheiro de confiança para dá continuidade as atividades esportivas e as festividades no estabelecimento, com o apoio de um caixa e o engenheiro de confiança, como consta no aviso:

Wilson, Sons & Co. Ltd. Avisam ao commercio desta praça que os únicos autorizados a receberem as suas contas e dar quitação, são os srs. Arthur Hermillo de Albuquerque, caixa, e F. W. Abbett, engenheiro de sua casa comercial.

Outrossim, previnem que os recibos serão assignados por aquelles srs. e rubricados pelo sr. S. G. Rhodes, gerenre da mesma firma.³⁵⁸

Por volta de 1924, Arthur Hermillo torna-se o gerente do estabelecimento, a coluna: *Diversos*, no Diário de Pernambuco apresenta detalhadamente a informação:

Tendo reassumido a gerencia d'esses estabelecimento o sr. Arthur Hermillo de Albuquerque, se encontra elle em condições de satisfazer ao mais exigente freguez, dispondo para este fim de pessoal habilitado e conforto necessário ás exmas. Famílias que o distinguirem com a sua preferencia, cosinha de primeira ordem, á vista de frequez, quartos hygienicos, banhos de chuveiro e de mar, banheiros para natação, etc.

Acceita assignantes para almoço e jantar.

Chá á tarde todos os dias, chá-dansante aos domingos.

Conducção por meio de lanchas á gasolina.

Preços os maus rasoaveis possíveis.

Não deixe v. exc. De fazer uma visita á CASA DE BANHOS para certificar-se da verdade.³⁵⁹

Sidney Rhodes continuou no comando da propriedade, mesmo com a nova gerência, assegurando as festividades, os banhos de mar e a prática de esportes. Mas o esplendor do estabelecimento estava com seus dias contados, em um fim de tarde, no dia 2 de julho de 1924,

³⁵⁷ Ibid., p.195.

³⁵⁸ Diário de Pernambuco, Domingo, 4 de Outubro de 1908, nº 226, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_08&pesq=arthur%20hermillo%20de%20albuquerque. Acessado em: 6 de Abril de 2018.

³⁵⁹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 19 de Janeiro de 1924, nº 16, p.6. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_10&PagFis=10966&Pesq=Casa%20de%20Banhos. Acessado em: 6 de Fevereiro de 2018.

os recifenses foram surpreendidos pelo toque dos sinos das igrejas que anunciavam um incêndio no estabelecimento balneário. O lastimável acontecimento gerou repercussões, Cavalcanti relata a experiência vivenciada na época:

[...] O Grande Estabelecimento Balneário Marítimo, de outrora, que ardia, embora cercada d'água por todos os lados. Era mais uma ironia do destino, transformando-a numa "Fenix" aquática, infelizmente ainda não ressurgida de suas cinzas. Dizem à "boca miúda", que o incêndio foi proposital; que o Rhodes, se encarnaridono seu homônimo mitológico, tenha destruído aquela intrusa dos seus domínios e assim gozado um polpudo prêmio de seguro. Isto, porém, disseram as más línguas, pois nada provaram. O que é fato, que com o incêndio ficou o Recife privado de um estabelecimento "sui-generis" e também de um excelente ponto de atração turística.³⁶⁰

É preciso ressaltar que o estabelecimento não foi completamente arruinado após o incêndio, tentou-se a reconstruir as instalações, com o passar dos anos, o local vai assumir novas funções o grande estabelecimento balneário atingiu sua completa ruína. A trajetória da empresa carregou consigo vivências e sensibilidades, os rumores sobre a tragédia tiveram papel significativo na construção das narrativas e são analisados de maneira crítica, a fim de averiguar a causa e os envolvidos no incêndio. Assim, as recordações encontram-se esmiuçadas em diversas fontes, desde jornais, crônicas, biografias, relatos de memorialistas e fotografias permitindo construir uma história mais completa da inesquecível Casa de Banhos dos Arrecifes.

³⁶⁰CAVALCANTI, 1977, p. 277.

4 A SAUDOSA CASA DE BANHOS: DO ESPLENDOR A DECADÊNCIA

As informações sobre as consequências deixadas pelo incêndio, tanto na estrutura física, como no funcionamento do balneário, os rumores populares sobre a causa da tragédia e as medidas tomadas pelo proprietário e pelo Estado são escassas, as fontes analisadas nesse capítulo é fruto de uma árdua pesquisa que visa preencher uma lacuna historiográfica e propor um estudo inédito sobre a trajetória da Casa de Banhos dos Arrecifes. Vale ressaltar que o nosso recorte temporal se concentra entre 1880 e 1924, mas percebemos a necessidade de averiguar os relatos de trabalhadores e memorialistas pertencentes a temporalidades posteriores para compor uma compreensão mais completa do assunto.

4.1 O INCÊNDIO DA CASA DE BANHOS DOS ARRECIFES

Em 1924, o badalar dos sinos da Igreja indicavam incêndio, era a famosa Casa de Banhos dos Arrecifes em chamas. Esse aviso seguia as normas publicadas pelo Regulamento da Companhia de Bombeiros de Pernambuco que escreveu:

Para que haja a maior regularidade possível no serviço de socorro em casos de incêndio, convirá observar-se provisoriamente o seguinte, enquanto outras medidas não forem mais cumpridamente estabelecidas.

Logo que se manifestar incêndio em qualquer parte dessa cidade, a igreja que mais próxima lhe ficar, dará imediatamente sinal por meio do sino maior que tiver, e o repetirá enquanto durar o incêndio.³⁶¹

A notícia do incêndio circulava na cidade de boca a boca, outros rumores foram divulgados como a presença de vítimas no incidente e o interesse do próprio proprietário colocar fogo no seu estabelecimento para adquirir o seguro. Tais rumores serão analisados de maneira crítica visando entender os agentes sociais envolvidos nesse fatídico acontecimento que marcou a década de 20 no Recife. A matéria do Jornal do Recife, de 1924, relatou o barulho do incêndio poderia ser ouvido nos arredores da cidade, como se lê no seguinte trecho:

[...] Essas versões, embora não sendo de fonte segura, não deixavam entretanto de ser aceitáveis, numa vez que eram repetidos os estampidos no local indicado, os quaes eram ouvidos do caes do Rio Branco e Avenida Martins de Barros e pontos adjacentes. [...] Dizia-se na rua, de boca em boca, que á hora

³⁶¹ **Regulamento da Companhia de Bombeiros de Pernambuco.** Tipografia de M.Figueiroa de Faria & Filhos, Recife, 1857, p. 13.

da irupção do incêndio, no estabelecimento referido se encontravam diversas pessoas, fazendo refeições, os quaes devido á violência do fogo, acelerado pelo vento sul, não tiveram tempo de se por a salvo.³⁶²

A matéria do Diário de Pernambuco, na seção: *Factos Diversos*, também complementa essa informação narrando, com detalhes, a reação do público sobre o incêndio: “Foi avultada a affluencia de curisos ao caes de Santa Rita, donde melhor se poderia observar o fogo que já então com o vento que soprava forte no momento, lavrava com grande intensidade.”³⁶³

A ocorrência de vítimas no local é desmentida pela própria matéria do Jornal do Recife já mencionada, afirmando que no estabelecimento encontravam-se apenas três pessoas que saíram ilesas do incêndio. A matéria ainda declara que horas antes do incêndio um empregado da empresa Wilson Sons & Cia estava realizando uma experiência no motor que fornecia luz ao estabelecimento, após essa intervenção houve a explosão, como pode ser visto neste trecho: “Esse aparelho, que já havia sido examinado pela manhã, dando bom resultado, foi de prompto tomado pelas chamas, as quaes com rapazes se foram comunicar a uma lata de gasolina que se encontrava perto, determinando a sua explosão e consequente propagação do incêndio.”³⁶⁴

A publicação do Diário de Pernambuco também comenta que no momento do incêndio o proprietário estava presente, percebe-se que os dois relatos são condizentes, no que diz respeito ao motivo da tragédia, como pode ser observado:

[...] Aquella hora quando mr. Rhodes, gerente da Casa de Banhos, juntamente com um seu empregado, imprimia velocidade no motor que fornece energia para o citado estabelecimento, deu-se uma explosão produzindo chamas que se communicaram a algumas latas de gasolinas, depositadas ali próximas.³⁶⁵

As chamas se espalharam rapidamente por todo estabelecimento, segundo os relatos da época, estampidos eram ouvidos, o que indicava a presença de material inflamável. A cena comoveu quem estava próximo da ocorrência, as primeiras medidas cabíveis foi o comunicado enviado ao diretor da Polícia marítima, Renato Medeiros, que foi acompanhado dos oficiais

³⁶² Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150 , p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192> . Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁶³ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 2 de Julho de 1924, nº 150, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&PagFis=11436&Pesq=casa%20de%20banho s. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁶⁴ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150 , p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁶⁵ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 2 de Julho de 1924, nº 150, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&PagFis=11436&Pesq=casa%20de%20banho s. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

Edgar Medeiros, José Alencar, José Lourenço e um grupo de 15 marinheiros que foram até o local do incêndio, por meio das lanchas, Beberibe e Boa Vista, chegaram até o local.³⁶⁶

A Companhia de Bombeiros também foi avisada, enviando a primeira turma de prontidão, sob o comando do capitão Manoel Alfredo, acompanhado pelos 2º tenente Oswaldo Prado e 2º sargento Olympio de Oliveira. Chegando ao local, os oficiais iniciaram o processo de contenção do incêndio, “foram estendidas quatro linhas de mangueiras, divididas em 24 seções.”³⁶⁷ O rebocador da Cory 1º, que transportou os oficiais, também levou uma relativa quantidade de água, mas seu emprego era insuficiente, a matéria descreve as dificuldades encontradas para conter as chamas:

“Nessa emergência, devida exclusivamente a pouca pressão dos bombas, o capitão Manoel Alfredo, de acordo com o sr. Renato Medeiros, da polícia marítima, resolveu atacar o fogo, por todos os lados e por todos os meios. Os bombeiros, os marinheiros da Polícia Marítima e uma turma de 30 homens da praticagem e Obras do Porto, munidos de baldes e outros vasilhames, tirando água do mar, arremessavam-no as chammas.”³⁶⁸

O incêndio provocou grandes ruídos advindo dos caibros, barrotes e traves que ruíam com as chamas transformando tudo em cinzas. Mas, o comandante da Companhia de Bombeiros não desistiu de encontrar a origem do fogo, requisitou a turma da 2º prontidão como reforço.³⁶⁹ A turma continha 20 homens liderados pelo tenente Visternundo Ferreira, auxiliado pelo 2º sargento Floriano. Os bombeiros não mediram esforços para acabar com o incêndio, mas “às 16 horas, pouco restava da Casa de Banhos. O vento soprava, madeirame da casa ressequido, muito concorriam para maior propagação das chamas.”³⁷⁰ A Casa de Banhos foi reduzida a um braseiro, por volta das 18 horas só restavam cinzas.³⁷¹

³⁶⁶ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150, p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁶⁷ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150, p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁶⁸ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150, p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁶⁹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150, p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁷⁰ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150, p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁷¹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150, p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

As causas do incêndio passou a ser investigado pelo dr. Affonso Baptista, delegado do primeiro distrito da capital que compareceu ao local, tomando a mesma providência o major Oscar de Almeida, autoridade do Recife, Telemaco de Mello, subdelegado do Pombal, sr. Antônio Vieira, chefe dos agentes investigadores e agente Silva Reis.³⁷²

Sidney Rhodes foi indagado pelas autoridades que procuravam averiguar os danos do incêndio, o proprietário afirmou que poucos bens foram salvos, restando alguns móveis, utensílios caseiros e objetos de cozinha que foram retirados pelos bombeiros e pessoas que foram até o local.³⁷³ O interrogatório ao proprietário era uma medida oficial estabelecida no parágrafo § 11º do Art. 64, da Companhia de Bombeiros de Pernambuco: “mandar intimar o dono do prédio incendiado, ou quem suas vezes fizer, [...] para que, no prazo marcado pelo comandante de bombeiros, faça proceder ao desentulho das ruínas e demolição das paredes ameaçarem de desabar.”³⁷⁴ Seguindo as normas oficiais, o inquérito sobre o incêndio foi liderado pelo dr. Affonso Baptista que chegou a ouvir várias pessoas, as informações apuradas pelas diligências constam:

-[...] encontrava-se além da lata de gasolina já falada, um tanque cheio daquele inflamável.- Corriam acerca da causa determinante do incêndio versões desconstruídas, não havendo nesse sentido uma afirmativa.-[...] Diversas companhias de seguros enviaram ao local do sinistro, representantes.³⁷⁵

Nos meses posteriores a ocorrência, as matérias dos jornais divulgavam notícias sobre as investigações policiais sobre o incêndio, a situação do local, dos trabalhadores e dos relatos apurados por aqueles que frequentavam a Casa de Banhos. A publicação: *Reportagem policial e outros factos*, no Jornal A Província, registra que a Polícia Marítima, com apoio dos marinheiros, salvaguardou alguns pertences que restaram da tragédia para entregar a Sidney Rhodes.³⁷⁶

³⁷²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**. 2 de Julho de 1924, nº150 , p.6. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁷³ **Relatório da Polícia Marítima de Pernambuco**, 2 de Julho de 1924, encontrado no Acervo permanente - Documentos escritos I, do APEJE, nos fundos do PORTO DO RECIFE (PR).

³⁷⁴**Regulamento da Companhia de Bombeiros de Pernambuco**. Tipografia de M.Figueiroa de Faria & Filhos, Recife, 1857, p. 14.

³⁷⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 2 de Julho de 1924, nº332, p.4 . Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 6 de outubro de 2018.

³⁷⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Província**, 15 de Julho de 1924, nº162, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_02&pasta=ano%20192&pesq=o%20incendio%20da%20casa%20de%20banhos. Acessado em: 2 de Julho 2018.

Por sua vez, o proprietário entregou os pertences aos representantes das companhias de seguros *Yorkshire* e *The Globe Fire Company*, sob a responsabilidade dos agentes Wallace Ingham e Cory Brothers & Cia³⁷⁷. Tais companhias ficaram responsáveis por colocar vigias de confiança no estabelecimento.³⁷⁸

A seção: *Notas e Factos*, do Jornal do Recife, descreve a movimentação das diligências até o local do incêndio, promovidas pelo delegado:

Aquella autoridade, hontem mesmo, nomeou peritos afim de procederem a vistoria nos escombros, os engenheiros, drs. Manoel Caetano de Albuquerque Filho, Arlindo Figueiredo e Francisco Caminha da Fonseca Lima. Por esses dias será feita a vistoria, não estando ainda formulados os quesitos, o que será feito talvez hoje. Nas diligências já foram ouvidas oito testemunhas, devendo o processado ser remetido a juízo logo que os peritos apresentem o seu laudo.³⁷⁹

Observa-se que a matéria mencionada esclarece a trajetória das investigações, mas com o passar dos meses os jornais não relataram a conclusão do inquérito, mas a documentação, da Inspeção Federal de Portos, Rios e Canaes - Fiscalização do Porto do Recife-, datada em Novembro de 1924, constatou o pedido de concessão de Sidney Rhodes a Delegacia Fiscal do Recife para iniciar a construção da área de banhos do estabelecimento: “[...]o Sr. S. G. A. Rhodes, proprietário da “Casa de Banhos”, situada nos recifes emergentes deste porto, pede a essa Delegacia o necessário consentimento para iniciar a construção da alludida “Casa de Banhos” ultimamente destruída por um incêndio [...]”³⁸⁰ Em resposta ao requerimento, a Fiscalização do Porto autorizou a reconstrução em conformidade com as plantas apresentadas no processo em questão.

A pretensão do Sidney Rhodes era retornar com o oferecimento de banhos salgados verificado também na matéria: *Casa de Banhos*, descrita no Diário de Pernambuco:

³⁷⁷ A. J. Watts, na sua obra: *A colônia inglesa em Pernambuco*, registrou a presença de investidores e empresas inglesas no processo de modernização em Recife na década de 20: “[...] Os serviços do porto do Recife (alvarengas e rebocadores) têm sido confiados, do mesmo modo, a firmas inglesas (“Cory Brothers”, “Wilson, Sons & Co.”, etc). Mas foi, sobretudo quanto à indústria dos transportes que mais avultou a contribuição dos ingleses no Nordeste.” In: ARAÚJO, Édson Augusto Leôncio de. **Ritmos e ritos da cidade**: modernidade e modernização em Limoeiro-PE, 1880-1950. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014, p.45.

³⁷⁸Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Província**, 15 de Julho de 1924, nº162, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=128066_02&pasta=ano%20192&pesq=o%20incendio%20da%20casa%20de%20banhos. Acessado em: 2 de Julho 2018.

³⁷⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 4 de Julho de 1924, nº150, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=inc%C3%AAndio%20da%20casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192>. Acessado em: 2 de Julho de 2018.

³⁸⁰Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p. 91.

O proprietário desse estabelecimento avisa a quem interessar possa, que, tendo dado início aos serviços de reconstrução da secção de banhos, ultimamente avariada pelo pavoroso incêndio, que destruiu totalmente a parte destinada á hospedaria e restaurant, pretentende inaugurar a estação balneária no dia 15 do próximo mez de Setembro.

A CASA DE BANHOS continuará dotada das mesmas vantagens que a tornaram distinguida pelas exmas. famílias nos anos anteriores.³⁸¹

Esse informe foi publicado em diversos jornais da época, demonstrando a tentativa de Sidney Rhodes em reativar as atividades de banhos salgados e colocar seu estabelecimento novamente no rol dos espaços de sociabilidade mais visitados do Recife. Entretanto, por meio de uma refinada pesquisa em jornais e documentos oficiais da época, as únicas informações sobre os serviços prestados pelo estabelecimento, um após o incêndio, referem-se ao uso das piscinas, encontradas no Jornal Pequeno e na Revista de Pernambuco. No periódico consta o seguinte aviso: “Chamamos a atenção do público, para o povo e bem montado aparelho de que dispomos, especialmente destinado ao ensino de natação. As lições podem ser dadas a qualquer hora do dia (previamente marcada). Preço 6 lições por rs 20:000 Extra.”³⁸² Nota-se que as atividades destinadas aos banhos e usos das piscinas foram mantidas, na publicidade da Revista de Pernambuco, em 1925, destaca-se: “[...] servida por três vastas piscinas, duas apropriadas aos banhos de ressaca e, a última, exercícios de natação, a Casa de Banhos oferece a maior segurança, sendo, por isso, o ponto de predileção dos nossos banhistas.”³⁸³ Esses relatos são considerados os últimos acerca das atividades realizadas na Casa de Banhos. A Revista de Pernambuco, correspondente ao número 8, também publicou a matéria intitulada: *Aspectos da nossa vida desportiva*, onde se apresenta a fotografia de um banhista saltando do trapiche do estabelecimento, como pode ser visto abaixo:

³⁸¹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **A Província**, 21 de Agosto de 1924, nº 194, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=128066_02&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20192. Acessado em: 18 de Julho 2018.

³⁸² Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 26 de Novembro de 1924, nº 309, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&PagFis=36041&Pesq=casa%20de%20banhos>. Acessado em: 22 de Julho de 2018

³⁸³ Ribeiro & Martins. **Revista de Pernambuco** (Recife, ano 2, n.7). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41537. Acessado em: 18 de Setembro de 2018.

Figura 10- Legenda da imagem: “Um salto na Casa de Banhos, sobre o leito do Capibaribe”.



Fonte: **Revista de Pernambuco**, Dezembro de 1925, ano 2, nº 8. Página inicial. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select_action=&co_obra=41539. Acessado em: 18 de Setembro de 2018.

Em Setembro de 1925, o processo da Casa de Banhos, pertence ao Ministério da Marinha, arquivados no APEJE, apresentou o interesse de Sidney Rhodes pela aprovação da petição, relacionada a venda do estabelecimento, pela Repartição do Porto:

S.G.A Rhodes proprietário do estabelecimento balneário denominado “Casa de Banhos”, situado nos arrecifes emergentes deste porto, em referencia a sua petição de 5 de Agosto do corrente anno, protocolada nessa Repartição sob numero 9, 472, vem declarar , em cumprimento a exigência de V.Sa., que precisa da informação solicitada em dita petição por desejar vender a aludida propriedade aos snrs. Cory Brothers & Co., Ltd., desta praça, os quaes pretendem transformal-a deposito de carvão de pedra.

Nestes termos, pede deferimento

Recife, 23 de Setembro de 1925

p.p Renato Paes Barbosa³⁸⁴

Um mês após a essa petição, Sidney Rhodes emitiu um requerimento de foreio sobre um trecho da Casa de Banhos para empresa Cory Brothers, mediante a aprovação da Delegacia

³⁸⁴ Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.92

Fiscal: “[...] sendo o primeiro foreiro de um trecho dos recifes emergentes, do porto desta cidade, com a área de 5.346, 00 metros quadrados, formando uma figura de lineamentos irregulares, onde era o estabelecimento denominado CASA DE BANHOS [...]”³⁸⁵ Na documentação também consta o valor total cobrado por cada compartimento da Casa de Banhos: “[...] o mesmo primeiro requerente contractado vender esta propriedade (haja estando parte do estabelecimento incendiário), pela quantia global de Rs 150:000\$000, prédios restantes e domínio útil [...]”³⁸⁶ Posteriormente ao foreio, a escritura de compra e venda da Casa de Banhos foi emitida e os principais envolvidos no processo foram:

[...] Perante mim, Tabelião, compareceram partes entre si justas e contractadas, a saber: de um lado como outorgantes vendedores Sidney Gerald Albuquerque Rhodes, empregado da fabrica Rio Tinto, em Maranguape, Estado da Parahyba do Norte, e sua mulher Dona Edith Marian Rhodes, residentes na referida fabrica, [...] e da outra parte, como outorgada compradora a firma comercial Cory Brothers & Company Limited, da Cidade de Cardiff, Inglaterra, representada neste acto pelo seu bastante procurador Charles Barnard Hutchison Collins, cidadão inglez, casado, gerente da filial da compradora neste Estado e residente nesta cidade, em virtude dos poderes de procuração em inglez exhibido, passada na cidade de Cardiff, Inglaterra, em dois (2) de Dezembro de mil, novecentos, vinte e cinco (1925).³⁸⁷

A escritura também mencionou o trecho no qual se situava a Casa de Banhos e as áreas preservadas após o incêndio: “[...] qual mede de frente cento e dez metros, com a área de cinco mil trezentos e quarenta e seis metros quadrados [...] se limita ao Norte e ao Sul com os referidos recifes e emergentes, a Leste, com o Oceano Atlantico e a Oeste com o Rio Capibaribe, não atingida pelo incêndio ocorrido no anno de mil, novecentos, vinte e quatro (1924) [...]”³⁸⁸. O trecho ainda contava “com compartimentos para banhos, tanques de cimento para natação, uma ponte de madeira de residência e deposito d agua [...]”. Ao fim da escritura encontra-se o valor total pago pela Cory Brothers: “[...] cento e cinquenta contos de reis (150:000\$000), em moeda

³⁸⁵ Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.92

³⁸⁶ Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.92

³⁸⁷ Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.107-108.

³⁸⁸ Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.108.

legal, pagável neste acto.”³⁸⁹ A análise da escritura ainda deixa claro que a família Medeiros já havia vendido os bens e utensílios presentes na Casa de Banhos para Sidney Rhodes: “[...] dizendo ainda que eles outorgantes houveram os bens, ora vendidos por esta escritura, de Dona Maria Rita de Medeiros, seus filhos e genro por escritura lavrada nas notas do Tabelião Público desta Comarca doutro Manoel Turiano dos Reis Campello, em vinte (20) de Novembro de mil novecentos vinte e dois (1922)”³⁹⁰. Essa informação também foi descrita no segmento: *Serviço Público*, do Jornal do Recife:

Resolvendo rescindir o contracto firmado com o Estado aos 5 de Fevereiro de 1923, pelos antecessores de Sydney Gerald de Albuquerque Rhodes, d. Maria Rita de Medeiros e seus filhos, a findar em novembro do corrente anno, cujos direitos e obrigações lhe foram transferidos pelo acto sob n.917, de 9 de Outubro de 1922, restituindo-se-lhe a caução que para garantia do mesmo contracto foi depositada nos cofres do tesouro.³⁹¹

Em 1926, a transferência da propriedade para a empresa Cory Brothers também pode ser comprovada em um registro do Jornal do Pequeno: “S.G.Rhodes- A bordo do Arianza, segue, amanhã para a Europa, o estimável cavalheiro ser. S.G. Rhodes, ex-proprietário da Casa de Banhos e, actualmente, funcionário de categoria da Fabrica de Tecidos Paulista.”³⁹² A intenção da Cory Brothers era transformar a Casa de Banhos em depósito de carvão, mas as piscinas naturais continuaram a ser exploradas, mas sem o glamour e a clientela que o estabelecimento estava acostumado a receber.

A análise das reportagens jornalísticas tornou-se importante para compreender o processo de decadência do estabelecimento, o apanhado dessas informações nos mostram que, além dos transportes dos bonds marítimos e lanchas a vapor, havia o transporte por botes efetuados pelos catraeiros³⁹³, a matéria: *Ressurgirá a Casa de Banhos? Respostas aos*

³⁸⁹Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.108.

³⁹⁰Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE, p.109.

³⁹¹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal do Recife**, 6 de Fevereiro de 1926, nº 31, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=705110&pesq=rhodes&pasta=ano%201925\edicao%2000106>. Acessado em: 15 de Setembro de 2018.

³⁹²Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 8 de Junho de 1924, nº 309, p.3 Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%201924\edicao%2000012>. Acessado em: 15 de Setembro de 2018.

³⁹³ Os catraeiros exerciam atividades de carga e descargas de navios, também realizam o transporte de pessoas. No século XIX, os catraeiros eram formados por homens libertos e pobres. *In*: MILFONT, Lícia Barros. **Caminhos das águas: o transporte fluvial no Recife, 1835-1860**. 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003, p.85.

saudosistas, cinquentões, que há 25 anos esperam o milagre, do *Jornal Pequeno* descreve o deslocamento dos banhistas por botes durante a fase decadente do estabelecimento: “Mesmo depois do incêndio da Casa de Banhos, continuou a existir por muitos anos o hábito de tomar banhos de mar nas piscinas meio desprestigiadas que lá ficaram sobre o quebramar. Os botes saiam lotados aos domingos, das cabeceiras da ponte giratória.”³⁹⁴ Complementando essa reportagem, temos a matéria do *Diário de Pernambuco*, lembrando os momentos áureos do balneário e o preço cobrado por uma empresa de botes para o transporte dos banhistas: “havia uma empresa de botes para transporte dos banhistas e cada passageiro pagava 200 rs. de ida e volta.[...] Os botesinhos de transporte faziam 13 viagens diárias, começando às 4 e 40 da madrugada e terminando às 10 da noite.”³⁹⁵ Os relatos dos catraeiros ganharam força nas reportagens dos jornais que retratavam a decadência da Casa de Banhos dos Arrecifes, vale ressaltar que esses discursos não constam em documentos oficiais, sobretudo no processo referente ao estabelecimento, arquivado pelo Ministério da Marinha, encontrado na SPU/PE (Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco) utilizado nesta dissertação. Entretanto, esse fato não anula a importância desses atores sociais para a construção histórica do balneário. Veremos que o incêndio gerou impacto não só na paisagem dos arrecifes, a subsistência dos catraeiros foi atingida, a crescente desvalorização das piscinas acarretou também a produção de relatos saudosistas.

4.2 AS CONSEQUÊNCIAS DO INCÊNDIO

Nota-se que o cenário e o funcionamento da Casa de Banhos mudaram drasticamente, “[...] o desprestígio das piscinas foi aumentado. Mal cuidadas, ou melhor abandonadas, aos poucos pedaços de rochas e concreto foram se deslocando, obstruindo as piscinas.”³⁹⁶ Nessa nova fase, as piscinas passam a ser visitadas por “banhistas saudosistas, rapazes menos

³⁹⁴ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 16 de Janeiro de 1951, nº 12, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800643&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20194>. Acessado em: 10 de Outubro de 2018.

³⁹⁵ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 30 de Agosto de 1934, nº 203, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_12&PagFis=3796&Pesq=casa%20de%20banhos Acessado em: 15 de Setembro de 2018.

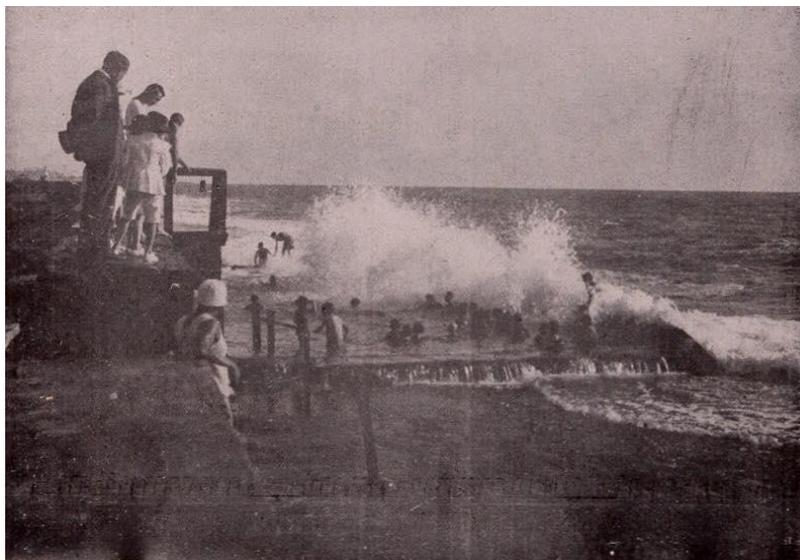
³⁹⁶ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 16 de Janeiro de 1951, nº 12, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%20193&pesq=ressurgir%C3%A1%20a%20casa%20de%20banhos>. Acessado em: 10 de Outubro de 2018.

rotineiros [...].”³⁹⁷ O redator Edson Fonseca, em uma reportagem para o *Jornal Pequeno*, comenta sobre a mudança de perfil dos frequentadores das piscinas que ainda restavam no local: “são pessoas humildes -marinheiros, estivadores, soldados, moradores dos bairros de Recife e São José- e vão aos arrecifes com uma intenção antes esportiva do que científica: a de gozar o melhor banho de mar do Recife”³⁹⁸ Além desses banhistas, o local era movimentado por remadores e um vendedor, como é descrito na reportagem supramencionada:

[...] A travessia não oferece perigos e custa apenas um cruzeiro. Os remadores são homens afeitos às lutas com o mar. Alguns são conhecidos por apelidos: Pai da Mata, Alemão, Nilo Branco. Outros, porém não se deixam apelidar: Ramiro, Cosmo, Camilo. Ao chegar no outro lado encontramos uma figura muito curiosa, o vendedor de laranjas, ou “laranjeiro”, como é conhecido. Todos os domingos, chova ou faça sol lá está ele vendendo suas laranjas, debaixo de um guarda-chuva que não tem mais cor.³⁹⁹

As piscinas naturais, mesmo sem prestígio, haviam se tornado um ponto atrativo para as classes populares se divertirem com os banhos de mar, como é retratado na fotografia publicada pela *Revista da Cidade*, em 1926:

Figura 11- Banhos de mar nas piscinas naturais da Casa de Banhos.



Fonte: **Revista da Cidade**, Agosto de 1926, ano 1, n. 11, página inicial.

³⁹⁷ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 16 de Janeiro de 1951, nº 12, p. 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%201913&pesq=resurgir%C3%A1%20a%20casa%20de%20banhos>. Acessado em: 10 de Outubro de 2018.

³⁹⁸ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 22 de Fevereiro de 1949, nº42, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%201914&pesq=recanto%20paradis%C3%ADaco>. Acessado em : 12 de Outubro de 2018.

³⁹⁹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Jornal Pequeno**, 22 de Fevereiro de 1949, nº42, p.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800643&pasta=ano%201914&pesq=recanto%20paradis%C3%ADaco>. Acessado em: 12 de Outubro de 2018.

A fiscalização dos banhistas foi efetuada por vigias indicados pela Cory Brothers. Os relatos dos vigiais foram fundamentais para compreender o funcionamento das piscinas naturais. O primeiro nome mais conhecido dessa fase é do “Seu Geraldo”, como pode ser visto na matéria: *A Casa de Banhos e a sua História*:

Seu Geraldo era vigia que tomava conta da Casa de Banhos. Vivia lá mesmo, mettido num quarto miserável e quase nunca ia a terra. Passava o dia atendendo aos banhistas, de quem recebia pequenas gorjetas. Isso nas horas de maré cheia, quando as piscinas eram mais procuradas. Quando a maré baixava e os tanques ficavam seccos, elle se ocupava da limpeza dos mesmos. Arrancava pacientemente os ouriços que se encravavam no fundo das piscinas, removida a lama das pedras, varria os bagaços de laranja abacaxi e outras fructas que as pessoas accudiam pelo chão.⁴⁰⁰

Observa-se que toda subsistência de Seu Geraldo era alcançada pelas gorjetas dos banhistas que ainda frequentavam o estabelecimento, as condições desse trabalhador eram precárias, seu almoço era cozinhado nas próprias madeiras dos quartos e das pranchas que haviam sido carbonizadas pelo incêndio. Seu Geraldo era parte da história da Casa de Banhos, mas a sua trajetória teve fim com sua demissão, “[...] O pessoal das redondezas do porto comentou a sahida do velho[...] Mas Seu Geraldo sahiu somente porque era bom demais e não tinha jeito para desacatar a ninguém. Accusaram-no de permitir “sururús” e desisturbios diários na hora do banho.”⁴⁰¹ O relato não forneceu mais informações sobre a situação de Seu Geraldo após a demissão, sabe-se que mediante a sua saída, ele foi substituído por seu Antônio, que já estava ciente das perturbações que havia no local, então decidiu moralizar a convivência tomando algumas medidas, como pode ser visto no seguinte trecho: “começou proibindo as mulheres de tomarem banho sem serem acompanhadas. Chegou mesmo a cortar o acesso às piscinas a muitas pessoas e não permitiu outros abusos.”⁴⁰² A atuação de Seu Antônio não se resumia a moralização dos costumes dos banhistas, exercia a função de vigia e tirava o seu sustento das gorjetas dos banhos. Mas, o trabalho de Seu Antônio chegaria ao fim quando a

⁴⁰⁰ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 18 de Janeiro de 1935, nº 15, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 13 de janeiro de 2018.

⁴⁰¹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 18 de Janeiro de 1935, nº 15, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 13 de janeiro de 2018.

⁴⁰² Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diario de Pernambuco**, 18 de Janeiro de 1935, nº 15, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 13 de janeiro de 2018.

Cory Brothers decide acabar com o trabalho dos vigias no local.⁴⁰³ Vale ressaltar que, diante das pesquisas realizadas, essa é a única matéria que aborda o papel e o discurso dos vigias, sob o comando da Cory Brothers, dessa maneira construímos um trabalho que permite analisar as diferentes visões sobre o processo de decadência da Casa de Banhos dos Arrecifes

A matéria intitulada: *Acabou-se a antiga Casa de Banhos, um dos pontos mais pitorescos da cidade*, do Diário de Pernambuco, publicou o depoimento de alguns trabalhadores que ficaram desamparados após o incêndio: “há cerca de 16 anos houve ali um grande incêndio, sendo depois remodelada.[...] A antiga casa balneária da cidade ultimamente de propriedade da firma Cory Brothers, dispunha de uma rouparia e de uma piscina interna.”⁴⁰⁴ A matéria também apresentou os rumores sobre o fechamento da empresa: “[...] a Recebedoria do Estado achou de coleta-la em 6 contos anuais e num abrir e fechar de olhos tudo foi desmanchado. A firma Cory Brothers imediatamente providenciou para que a Casa de Banhos fosse desfeita.”⁴⁰⁵ O relato nos leva a cogitar que após o incêndio, a Cory Brothers decidiu por fim ao que ainda restava do estabelecimento devido ao valor cobrado pelo Estado, mas no dia seguinte a publicação, a Recebedoria do Estado emitiu a seguinte informação:

O diretor da Recebedoria declara não ter fundamento a noticia inserta no Diario de Pernambuco de ontem, a respeito de uma suposta coleta de 6:000\$000 atribuída, no corrente exercício, a antiga casa de banhos, localizada em frente ao cais de Santa Maria Rita, desta cidade.⁴⁰⁶

Na publicação ainda consta o valor cobrado pelo Estado: “[...] nos termos da Tabela 6ª anexa ao decreto orçamentário em vigor, sobe apenas a 78\$500 a importância da coleta anual sobre o pequeno negócio que ultimamente vinha sendo explorado naquele local.”⁴⁰⁷ A

⁴⁰³Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 18 de Janeiro de 1935, nº 15, p. 5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 13 de janeiro de 2018.

⁴⁰⁴Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 8 de Novembro de 1934, nº 245, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 7 de outubro de 2018.

⁴⁰⁵Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 8 de Novembro de 1934, nº 245, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 7 de outubro de 2018.

⁴⁰⁶Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 9 de Novembro de 1934, nº 246, p.5. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&PagFis=2969&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 8 de Outubro de 2018.

⁴⁰⁷Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 9 de Novembro de 1934, nº 246, p.5. Disponível em:

Recebedoria do Estado desmentiu o valor cobrado, mas não esclarece a real motivação pela Cory Brothers ter fechado a Casa de Banhos.

A matéria do Diário de Pernambuco também destacou as consequências no sustento dos catraeiros após a decisão da empresa: “além do público que deixou de ter um ponto agradável de reunião e divertimento ficaram os pobres catraeiros numa situação bem difícil. Agora, não têm eles mais a sua diária de 8 a 10\$000 com o transporte de passageiros.”⁴⁰⁸ A situação tornou-se mais dura para esses trabalhadores devido a falta de vínculo empregatício com a empresa para garantir seus direitos, como poder ser visto nessa fala:

-Foi uma surra de cacete que nos deram, essa historia de acabarem com a Casa de Banhos. Não avalia a falta que nos vai fazer. Acostumados a pegar diariamente quatro ou cinco fregueses, cada um dando 2\$ a 3\$000 e às vezes até mais do que isso, agora estamos sem nada. Sem telhado, ninguém mais quer tomar banho naquele sol.⁴⁰⁹

Segundo o levantamento de informações, o funcionamento das piscinas não acabou definitivamente após a decisão da empresa, a destruição das paredes e telhado que cobriam o local contribuíram para a diminuição da clientela:

[...] O número de pessoas que iam tomar banho diminuiu sensivelmente, os prejudicados não foram apenas o vigia e os banhistas. Os catraeiros também perderam muito. Agora quase não fazem negocio. Raramente aparece um passageiro. Já não há mais o pequeno conforto de antigamente. Os banhistas, ou mudam as roupas nos próprios botes [...]⁴¹⁰

As ruínas da Casa de Banhos, bem como a exposição das piscinas ao sol ganharam destaque em uma fotografia registrada no livro de memórias de Valdemar de Oliveira:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&PagFis=2969&Pesq=casa%20de%20banhos
Acessado em: 8 de Outubro de 2018.

⁴⁰⁸ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 8 de Novembro de 1934, nº 245, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 8 de outubro de 2018.

⁴⁰⁹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 8 de Novembro de 1934, nº 245, p.2. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 8 de outubro de 2018.

⁴¹⁰ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**, 8 de Novembro de 1934, nº 245, p.2.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_11&pesq=casa%20de%20banhos&pasta=ano%20193. Acessado em: 8 de outubro de 2018.

Figura 12- Ruínas da Casa de Banhos depois do incêndio.



Fonte: OLIVEIRA, Valdemar. **Mundo Submerso**: memórias. 3ª edição. Recife. FCCR, 1985, p.260.

O processo de desvalorização das piscinas da antiga Casa de Banhos tornou-se um fator fundamental para a decadência do estabelecimento. O uso terapêutico e higiênico dos banhos, assim como as formas de sociabilidade que lhes eram correspondentes, perdiam força para as novas apreciações da praia, segundo a historiadora Rita de Cássia:

O primado da talassoterapia cedia lugar para a supremacia daquilo que, finalmente, recebeu o nome de lazer, mas que, à época, ainda não era comumente designado como tal. As praias, os modos de estar, de vestir-se e de se comportar à beira mar constituíram-se em práticas, atitudes e expressão de um viver moderno.⁴¹¹

A transição do século XIX para o século XX despertou o nascimento da cultura naturista, isto é, recomendava-se um contato maior do corpo com a natureza, esse fenômeno ganhou um grande impulso nos países da Europa. Dessa maneira, o contato da pele com o sol passa a ser encarado não só como um elemento importante para tratar certos tipos de enfermidades, os dias ensolarados, o caminhar na areia e bem estar proporcionado pelos banhos de mar tornaram a praia um espaço voltado para o lazer.⁴¹²

⁴¹¹ARAÚJO, R. C. B. A cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840- 1940. **Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales de Chile.** p.1-8. 2013. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT23/GT23_deCassiaBarbosa.pdf.

⁴¹² MARTINS, 2011, p.87.

4.3 DAS RECOMENDAÇÕES MÉDICAS AO LAZER: OS NOVOS USOS DOS BANHOS DE MAR

Em meados do século XX, o olhar dos banhistas destinou-se para as praias do Pina e de Boa Viagem que foram modernizadas e contornadas pela Avenida Beira-Mar, tornando-se um espaço de sociabilidade agradável e acessível a um público mais vasto. A construção descortinava uma paisagem até então desconhecida da maioria dos habitantes e visitantes do Recife. A Revista de Pernambuco, em 1916, registrou uma matéria sobre a viabilidade econômica e turística da Avenida Beira-Mar:

Um dos motivos que levaram o governo do Estado a dirigir solícitamente as suas vistas para a construção de uma extensa avenida ligando o Recife a pitoresca praia de Boa Viagem, foi a indiscutível preferência que as nossas classes em geral vinham de há longo tempo manifestando por aquelas praias com especialidade durante a época de estação balneária.⁴¹³

A publicação ainda informa que a extensão da avenida iria permitir a ligação de importantes áreas da cidade: “a sua construção consistiu em ligeiros serviços de terraplanagem numa extensão de 5.000 metros além de alguns aterros nos trechos de ligação entre a ponte de saneamento e a Ilha do Pina e Cabanga [...]”⁴¹⁴. A construção da Avenida Beira-Mar fez parte de um grande plano de intervenção urbana que visava dotar a área litorânea, especialmente o sul do Recife, com equipamentos modernos, como luz e bondes elétricos.

A matéria, *A Avenida Beira-Mar e professor Sergio Lorêto*, presente na Revista de Pernambuco, destacou a liderança de Sergio Loreto para a consolidação da Avenida: “Sergio Loreto veio traçar uma nova directriz ao plano do desenvolvimento da cidade arborizando praças e ruas e procurando tirar proveito da sua privilegiada situação á beira mar.”⁴¹⁵ A publicação também relata a consolidação das estações de veraneio em Boa Viagem: “Bôa Viagem a praia magnifica que viveu sequestrada para goso apenas de meia dúzia de ricos, começa a oferecer os encantos de sua paisagem magnifica e o conforto de seus banhos quantos

⁴¹³Ribeiro & Martins. **Revista de Pernambuco** (Recife, ano 3, n.25, Jul. 1926). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41670. Acessado em: 17 de Novembro de 2018.

⁴¹⁴Ribeiro & Martins. **Revista de Pernambuco** (Recife, ano 3, n.25, Jul. 1926). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41670. Acessado em: 17 de Novembro de 2018.

⁴¹⁵Ribeiro & Martins. **Revista de Pernambuco** (Recife, ano 2, n.1 7 Nov. 1925). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41559. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

queiram desfructar os seus proventos.”⁴¹⁶ A popularização dos banhos de mar caiu no gosto de todas as classes sociais, como atesta a descrição: “O rico, aos coxins do seu automóvel de luxo, [...] ou o pobre, aboletado no modesto carro da Tramways, todos tem hoje o direito e o poder de usufruir aquelles magníficos dotes com que a natureza dotou Pernambuco.”⁴¹⁷ Nota-se que as intervenções urbanas proporcionadas pelo Estado contribuíram para esse fenômeno, as praias do Pina e Boa Viagem tornaram-se mais acessíveis à população que se adensava, especialmente, nos bairros do Recife, Santo Antônio e Boa Vista, parte central da cidade.⁴¹⁸

Na sua obra, *Antes que o tempo apague*⁴¹⁹, Rostand Paraíso, primeiramente comenta como era feito o trajeto até as praias, especialmente para Boa Viagem:

Aos domingos pela manhã, tínhamos o hábito de “pegar” uma praia. Em geral, íamos a Olinda, nas proximidades do Carmo, ou Boa Viagem, naquele trecho compreendido entre o Pina e o circular. Para irmos a Boa Viagem, tomávamos o bonde que, após atravessar a Ponte do Pina antiga, nos deixava em plena Avenida, à beira mar.⁴²⁰

O autor menciona os laços emocionais criados durante essa época: “fazendo poso na casa do meu tio Arnaldo, [...] dali eu tomava o caminho da praia e me juntava aos amigos para os habituais jogos de Vôlei e de Futebol. Essas eram também grandes oportunidades para os namoros, na maioria pouco duradouros, namorico de veraneio.” Rostand também registra as temporadas nas praias durante as estações quentes: “Suas casas simples ou suntuosas, eram ocupadas apenas nos fins de ano, para a temporada de verão, que se iniciava em Dezembro ou Novembro e ia até o fim das férias escolares.”⁴²¹ A visão sobre a praia banhos de mar, em meados do século XX, havia se desprendido do receituário médico, a praia tornou-se um espaço de convivência entre a burguesia, que desejava se expressar culturalmente através de comportamentos e costumes ligados a padrões modernos, e as camadas populares que também buscavam criar suas novas formas de sociabilidade a beira mar. Esses novos usos da praia foram frequentemente fotografados e publicados em revistas do Recife, como pode ser visto abaixo:

⁴¹⁶ Ribeiro & Martins. **Revista de Pernambuco** (Recife, ano 2, n.1 7 Nov. 1925) . Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41559. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

⁴¹⁷Ribeiro & Martins. **Revista de Pernambuco** (Recife, ano 2, n.1 7 Nov. 1925) . Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41559. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

⁴¹⁸PARAÍSO, 1996 apud SANTOS, Anderson Alves dos. **Frente, verso e reverso de um cartão-postal: leituras de paisagens da Praça Nossa Senhora da Boa Viagem – Recife – PE**. João Pessoa, 2007, p. 75.

⁴¹⁹PARAÍSO, Rostand. **Antes que o tempo apague**. 2ª- ed. Recife: Editora Comunicarte, 1996.

⁴²⁰PARAÍSO, 1996 apud SANTOS, 2007, p. 122.

⁴²¹SANTOS, 2007, p. 112.

Figura 13- Banhistas na Praia do Pina.



Fonte: **Revista da Cidade**, Julho de 1926, ano 1, nº 9, p.21.

Figura 14- Praia de Pernambuco (Boa Viagem) – 1927.



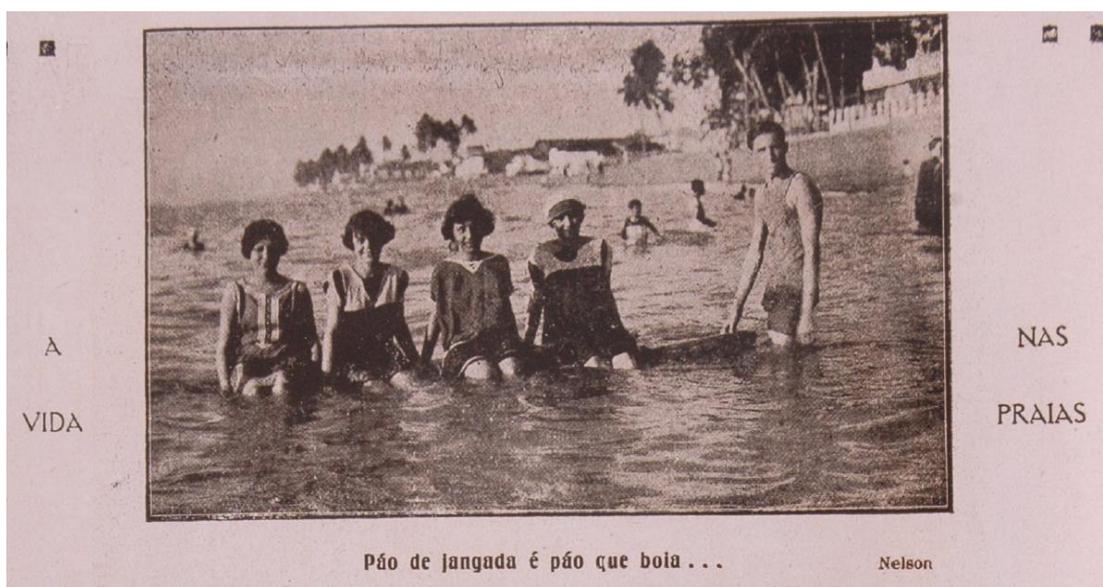
Fonte: <http://www.ibamendes.com/2012/01/as-praias-de-pernambuco-na-decada-de-20.html>. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

O hábito de ir à praia em busca de lazer foi responsável pela evolução dos trajes de banhos salgados, esse fenômeno foi registrado na matéria: *Bellesa das praias e as vestimentas*, na Revista de Pernambuco:

A indumentária praieira, principalmente, depois de suprimido o critério antigo dos pesados roupões, é um prodígio de variedade no talho e no colorido. Figurinhas encantadoras, essas que se agitam em face a onda, sob o céu claro, livres e ágeis, sem as formalidades sociais da rua e do salão, momentaneamente postas ao sabor de seus caprichos e entregues ao próprio instinto movimento!⁴²²

Os novos desenhos para trajes de banhos buscavam tornar o movimento dos banhistas mais livres para sentir o choque das ondas e proporcionar um bem-estar longe das vestimentas formais do dia a dia. Essa descrição foi representada pelas fotografias publicada na Revista da Cidade:

Figura 15- A vida nas praias.



Fonte: **Revista da Cidade**, Janeiro de 1927, ano 2, nº 33, p.7.

A matéria supramencionada também revelou os prazeres produzidos pelos banhos salgados no Recife era parte de um fenômeno visto também na Europa:

⁴²²Ribeiro e Martins. **Revista da Cidade** (Recife, ano 2, n.38, 1925). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41815. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

Os benefícios físicos e espirituais das praias de banho evidenciam-se de modo tão impressionante, que esses refúgios graciosos cada vez mais vêm acrescida a sua frequência. As praias europeias vivem cheias de forasteiros de todo o mundo e se fazem, mesmo, centros transitórios da elegância internacional.

Mesmo entre nós, as estações de repouso multiplicam-se, progredindo ao mesmo tempo pela organização industrial. A praia constituída assim em retiro de saúde, representa não só um retiro de saúde, representa não só um esplendido regimen therapeutica, como também excitante de elegancia e de alegria.⁴²³

A transferência do olhar terapêutico para o lazer criaram novas formas de apreciação sobre os corpos, as estações de veraneio permitiam a oportunidade de encontros, exposição ao sol, toque com a areia e banhos divertidos. Sobre esses novos vínculos emocionais e estéticos com as praias, Machado comenta:

A desejada ruptura com o quotidiano no espaço da praia, pode efectuar-se de duas maneiras: por um lado, através das emoções provocadas pela apreciação estética da natureza marítima. Por outro lado, ao nível das práticas sociais, nomeadamente pela construção de rituais de interacção com o espaço da praia, pelos quais os actores sociais desejam realizar comportamentos muito diferentes dos concretizados no espaço de residência habitual.⁴²⁴

O calor do sol e contato com a areia ganharam destaque na apreciação da natureza marítima, as praias passaram a ser frequentadas em horários mais quentes e, gradualmente, os corpos ficavam mais amostra. As fotografias na Revista da Cidade veicularam essas novas apreciações sobre o mar:

⁴²³ Ribeiro e Martins. **Revista da Cidade** (Recife, ano 2, n.38, 1925). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41815. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

⁴²⁴ MACHADO, 2000, p. 216.

Figura 16- Momentos a beira-mar.



Fonte: **Revista da Cidade**, Janeiro de 1927, ano 2, nº 35, p.9

Figura 17- Exposição dos corpos ao sol na praia



Fonte: **Revista da Cidade**, Janeiro de 1927, ano 2, nº 35, p.8.

Nota-se que as próprias fotografias apresentam legendas explicativas sobre a exposição dos corpos ao sol e aos banhos de mar. Na sua dissertação, *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*⁴²⁵, Pedro Martins revela que maior exposição da pele ao sol e as caminhadas nas praias está relacionado a fatores variados, como as descobertas científicas, o novo papel social da mulher, a liberalização dos comportamentos e as novas tendências da moda.

A Revista da Cidade, em 1926, publicou na primeira página uma matéria sobre as temporadas de veraneio em Dezembro e o apreço dos recifenses pelos banhos de mar: “[...]Dezembro é o mez mais representativo da estação quente. Por isso, a cidade foge para as praias, a buscar na sua vida livre e simples o desafogo para a tortura canicular que há por essas ruas asfaltadas, congestionadas por automóveis e bondes [...]”⁴²⁶. A matéria também relatou a percepção sobre a praia: “As praias são o delicioso refugio onde se esquece um pouco o tumulto dos longos mezes em que a alma da gente se satura de ruído e de emoções invariáveis.”⁴²⁷ A consolidação dos banhos salgados como uma atividade de lazer permitiu o contato maior das pessoas com o ambiente praieiro, construindo novas experiências sensoriais e emocionais: “O mar é o gigantesco e bello fundo de quadro vivo em que nossos olhos se extasiam [...]. Além disso, á beira do mar as criaturas se tornam mais comunicativas, mais lindas, mais deliciosas.”⁴²⁸ A Revista da Cidade tornou-se um dos veículos de informativos mais reconhecidos do Recife por comunicar a realização de eventos, indicar os requisitados espaços de sociabilidade e lazer, bem como rememorar as vivências que construíram a história do Recife. Percebe-se que um tema recorrente na revista eram as matérias e fotografias que descreviam as estações de veraneio.

As fotografias a seguir permitem uma análise para além da produção do texto, pois revela as expressões do instante vivido no momento fotográfico, como também abordam as transformações nas formas de viver e os vínculos emocionais construídos durante na década de 20 no Recife.

⁴²⁵MARTINS, Pedro Alexandre Guerreiro. **Contributos para uma história do ir à praia em Portugal**. 2011. Dissertação de Mestrado, Lisboa, FCSH-UNL.

⁴²⁶ Ribeiro e Martins. **Revista da Cidade** (Recife, ano 1, n. 38, 1926). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41815. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

⁴²⁷ Ribeiro e Martins. **Revista da Cidade** (Recife, ano 1, n. 38, 1926). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41815. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

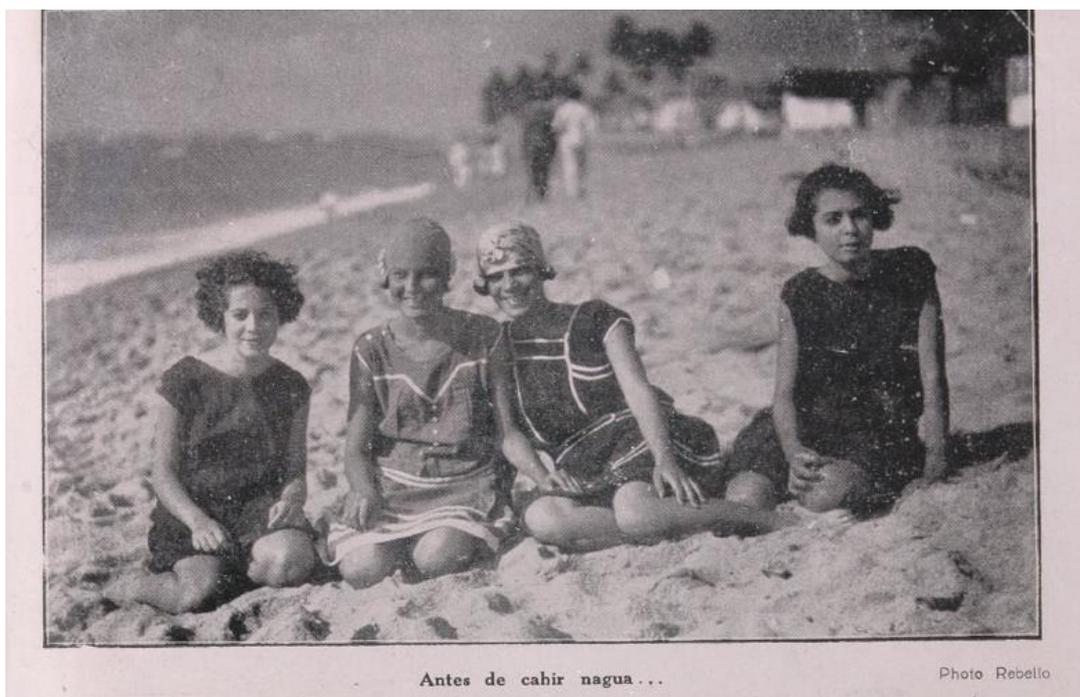
⁴²⁸ Ribeiro e Martins. **Revista da Cidade** (Recife, ano 1, n. 38, 1926). Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=41815. Acessado em: 18 de Novembro de 2018.

Figura 18- O banho de sol na praia.



Fonte: **Revista da Cidade**, Novembro de 1927, ano 2, nº 78, p.2.

Figura 19- Momentos antes do banho de mar.



Fonte: **Revista da Cidade**, Novembro de 1927, ano 2, nº 78, p.7.

A busca pelo descanso nas praias também evocava a recordação da Casa de Banhos durante as estações balneárias. O legado do estabelecimento foi construído por um conjunto de relatos provenientes de memorialistas, antigos clientes e trabalhadores, como pode ser visto na matéria, *Cruz do Patrão- uma relíquia Casa de Banhos- uma saudade*, de Valdete Agra para o Diário de Pernambuco:

Era procurada para repouso de banhos salgados nas piscinas naturais do lado do oceano, umas mais rasas, outras mais rijamente golpeadas pela vagas.

[...] Em 1920 um incêndio a destruiu tirando-a da paisagem portuária.

O Pyrilampo

“Seu” Francisco proprietário do barco pyrilampo fazia de oito a dez viagens por dia, conduzindo passageiros para a Casa de Banhos.

Hoje, ele conduz o mesmo pyrilampo, com batidas ritimicas dos remos n’água, com olhar distante, com saudade, levando apenas os que querem olhar o movimento, pescar ou simplesmente tomar banhos de mar.⁴²⁹

A publicação demonstra a importância de manter a salvo a lembrança da Casa de Banhos: “[...] Estranho é como algumas obras desaparecem da paisagem cotidiana deixando vestígios imperceptíveis, ocupando pequeno espaço no relicário da saudade. [...] Há muito tempo, a Casa de Banhos [...]”⁴³⁰ Seu Francisco também descreve com detalhes os trajes da época para os banhos de mar: “[...] somente dizer um pouco dos “tempos das roupas de baeta e dos calções pelos joelhos, quando não se faziam exposições ao sol, de corpos apenas velados por um arremedo de tanga”.⁴³¹ Os novos trajes eram temas recorrentes nas revistas de moda, eram descritos também nas narrativas dos memorialistas recifenses.

Os costumes da época também foram descritos por Valdemar de Oliveira: “[...] vim da roupa de baeta azul, debruada de branco ou vermelho, nas praias, ao biquíni [...], tudo pela preocupação inocente da mulher em oferecer ao sol e água a maior extensão possível de pele [...]”⁴³² Valdemar era um grande apreciador dos banhos de mar e foi importante frequentador da

⁴²⁹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 1 de Setembro de 1968, nº 204, Terceiro Caderno. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 9 de outubro de 2018.

⁴³⁰⁴³⁰Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 1 de Setembro de 1968, nº 204, Terceiro Caderno. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 9 de Outubro de 2018.

⁴³¹Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 1 de Setembro de 1968, nº 204, Terceiro Caderno. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 9 de Outubro de 2018.

⁴³² OLIVEIRA, Valdemar. **Mundo Submerso**: memórias. 3ª edição. Recife. FCCR, 1985, p. 258.

Casa de Banhos: “durante toda a minha vida, procurei satisfazer, com o prazer do banho salgado [...] Parti da pequena praia côncava que havia por trás da Fortaleza do Brum, subi à Casa de Banhos, limitado, quando o mar estava “brabo”, à água de coco da varanda [...]”⁴³³ Relatos como esse permitiram que a Casa de Banhos não caísse no esquecimento, os jornais também mencionavam a importância de se conhecer a história do estabelecimento. A matéria: *Em tempos de férias, é preciso o Recife aos recifenses*, do Diário de Pernambuco publicou:

Apesar de um pouco descaracterizado, o velho bairro ainda de constitui numa atração permanente para recifenses ou não. Era ali que ficava a famosa “Casa de Banhos”- espécie de piscina onde o pessoal da freguesia de São José costumava frequentar nos tempos de verão e, também ali, resistem a ação do tempo e dos homens.⁴³⁴

As estações de veraneio no Recife eram momentos que faziam recordar os banhos nas piscinas naturais da Casa de Banhos, como pode ser visto na narrativa: *Poluição das praias*, Napoleão Barroso Braga traz recordações em sua narrativa publicada no Diário de Pernambuco

O balneário, em forma de “chalet”, construído sobre o “recife natural”, numa altura de 3 metros sobre esteios de madeira e colunetas de ferro, fazendo referências às “bacias”, isto é. As piscinas escavadas no arenito, circundadas por balaustradas de ferro, onde se podia tomar os “banhos de ação mecânica, que lhe é própria pelo choque”, resultante do efeito das ondas que galgavam as pedras com fragor, na preamar... Havia também outra, do lado interno, chamada “bacia de natação”, protegida por alto gradil de ferro [...].⁴³⁵

As piscinas onde se tomavam os banhos de ação mecânica podem ser identificadas na fotografia abaixo:

⁴³³ OLIVEIRA, Valdemar. **Mundo Submerso**: memórias. 3ª edição. Recife. FCCR, 1985, p. 259.

⁴³⁴ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 9 de Janeiro de 1980, nº8, Seção C, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&PagFis=447&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 10 de Outubro de 2018.

⁴³⁵ Disponível em: Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 9 de Dezembro de 1980, nº 335, Caderno Opinião, p.8. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_16&Pasta=&Pesq=casa%20de%20banhos. Acessado em: 20 de Novembro de 2018.

Figura 20- Piscinas naturais com banhos de mar por choque mecânico



Fonte: Pernambuco Arcaico. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BimV2FKnMdK/>. Acessado em: 10 de Outubro de 2018.

O balneário era uma obra tão singular na paisagem recifense que as novas gerações não conseguiam mensurar a sua estrutura, “difícil explicar às gerações novas essa metamorfose da cidade. [...] Jamais consegui fazer os jovens compreenderem a imagem de um Recife com bondes de burro, com as maxombas, como a Casa de Banhos em cima dos arrecifes, e coisas tais.”⁴³⁶ Olimpo Bonald Neto relembra a arquitetura do estabelecimento:

[...] a famosíssima Casa de Banhos, verdadeiro hotel, com quartos e refeitório, sobre os arrecifes, uma construção singular e pitoresca, lembrando um navio sem mastros, com suas janelinhas de camarotes, com seus terraços de convés, uma para o rio, outro para o Atlântico.⁴³⁷

Mario Sette, um dos memorialistas mais reconhecidos da história do Recife, na sua matéria para o Boletim do Porto do Recife, também narrou com detalhes a fascinante construção sob os arrecifes:

Um aspecto do nosso velho porto, que desapareceu e quase não lembrado ao estirmos os nossos olhos pelos arrecifes, quando receber alguém nas Docas,

⁴³⁶ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 12 de Novembro de 1975, nº 386, Primeiro Caderno, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_15&Pasta=ano%20197&Pesq=casa%20de%20b anos. Acessado em: 10 de Outubro de 2018.

⁴³⁷ PARAISO, p. 106.

é o da Casa de Banhos. A geração mais nova nem sabe se ela existiu, quanto mais onde ela se situava!

[...] A Casa de Banhos trepava-se nos arrecifes quase defronte o cais de desembarque, lavada pelas vagas quando a ventania açoitava, com as suas janelinhas brancas, com os suas grades a proteger convidativos terraços, uns voltados para o Capibaribe, outros para o mar alto, próprio para a contemplação dos rutilantes amanheceres e para as cambiantes maravilhosas dos acasos.⁴³⁸

Segundo o autor, a memória do estabelecimento foi se perdendo ao longo dos anos, devido as transformações urbanas e pelo ritmo de vida acelerado da cidade. As matérias dos jornais que remontavam a Casa de Banhos, geralmente, eram escritas por contemporâneos ao seu funcionamento ou por intelectuais que se baseavam em relatos da época. A matéria: *Roteiro das Praias*, do Diário de Pernambuco, essas modificações urbanas:

Com as transformações do Recife, nas primeiras décadas deste século, as suas praias refugiaram-se no quadrante sul da cidade, estendendo-se por cerca de uma légua, desde o Pina até Boa Viagem.

[...] As gerações mais velhas ainda conheceram a praia do Brum, que as obras do porto transformaram em cais; ou frequentaram a casa de banhos dos arrecifes, defronte da foz do braço norte do Capibaribe. [...] ⁴³⁹

Os relatos sobre a antiga paisagem do Recife demonstravam que muitas construções haviam sido demolidas e sobrepostas por outras edificações, e alguns estabelecimentos entraram em decadência. Segundo Milton Santos, o processo de mudança de uma paisagem se manifesta de diferentes maneiras, algumas são mais duráveis e outras menos, no entanto todas são resultantes da união entre objetos naturais e fabricados.⁴⁴⁰

Paul Claval, na sua obra: *Geografia Cultural*, explica que a modificação da paisagem está relacionada a aspectos sociais, tornando-se uma demonstração física e visual do espaço urbano. O autor ainda afirma que “a paisagem encontra-se, algumas vezes, valorizada por si mesma: deixa de ser somente uma expressão da vida social, toma uma dimensão estética ou funda a identidade do grupo. Serve para exprimir os sonhos.”⁴⁴¹ Desse modo os valores e as

⁴³⁸ SETTE, Mario. Casa de Banhos. **Boletim do Porto do Recife**, Agosto de 1940, nº 2.

⁴³⁹ Hemeroteca da Biblioteca Nacional. **Diário de Pernambuco**. 14 de abril de 1962, nº 85, p.14. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=029033_14&PagFis=15928&Pesq=casa%20de%20banho s. Acessado em: 10 de Outubro de 2018.

⁴⁴⁰ SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1986 apud MÜLLER, Gláucia Regina Ramos. **A influência do urbanismo sanitário na transformação do espaço urbano em Florianópolis**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa da Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002, p.47.

⁴⁴¹ CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999 apud MÜLLER, 2002, p. 48.

aspirações compartilhados por um grupo passaram a ser representadas em dimensões espaciais, vale ressaltar que, durante o processo de modernização, esses novos interesses faziam parte de uma parcela da sociedade brasileira, como médicos, higienistas, intelectuais, arquitetos, engenheiros e poderes do Estado que desejavam construir um cenário urbano marcado por princípios estéticos e higiênicos que identificassem a noção de “progresso” e “civilização”.⁴⁴²

Assim, a estrutura e a paisagem onde estava localizado estabelecimento foram marcas desse processo de modernização e aspirações dessa classe dominante. A fotografia da Casa de Banhos dos Arrecifes, que segue abaixo, aproxima o nosso olhar para os seus aspectos arquitetônicos:

Figura21- Aspectos da estrutura da Casa de Banhos. Fotografia da Casa de Banhos do séc. XIX e XX , contendo 120 docs. com fotografias e negativos.)



Fonte: Guia de Fundos/Arquivos Particulares do APEJE (Arquivo Público Jordão Emerenciano)

O uso dessa fotografia, como das outras imagens trabalhadas nessa dissertação, nos permite afirmar que recorte espacial fotografado fornecem caminhos que possibilitam observar as intervenções humanas além das fronteiras urbanas. O seu uso no cartão-postal é capaz de

⁴⁴² MÜLLER, 2002, p. 78.

convencer o seu observador, além de instigar sentimentos e provocar a curiosidade. É dentro de sensações que se constroem as duas abordagens: uma aparência que se impõe como dominante e o pano de fundo que abarca cada elemento da imagem. A relação entre as transformações da paisagem e o cartão-postal, Santos afirma: “na medida em que a paisagem é dinâmica e o postal é estático, a paisagem pode ajudar a reinterpretar o contexto em que está inserido o cartão. E ao alcance em que o postal é colecionado e a paisagem esquecida, o cartão pode ajudar a reencontrar paisagens.”⁴⁴³ Assim, a paisagem presente no cartão-postal pode assumir várias faces, tornando-se mais compreensível quando os fenômenos sociais do período são narrados em conjunto com outras fontes, como matérias dos jornais, fotografias, documentos oficiais e livros que tratam da temática.

O nosso recorte temporal, de 1880 a 1924, tem como cenário social o processo de modernização vivenciado no Brasil, o Recife não ficou alheio a essas transformações, em meados do século XIX a cidade passa a contar com intervenções do Estado nas áreas de saúde, transporte e iluminação. O ideal de modernidade despertou a busca pela cidade higiênica e civilizada, com edificações que simbolizavam os avanços das ciências e os anseios da burguesia em ascensão. As recordações visuais nas fotografias e nos cartões postais, bem como os relatos publicados nos jornais e revistas mostram que a trajetória da Casa de Banhos dos Arrecifes é uma parte da história do Recife que não deve ser esquecida, o oferecimento dos seus serviços terapêuticos revelavam a adoção de novos costumes e descobertas científicas instaurados na relação de poder existente em uma sociedade que convivia com rupturas e permanências.

Na virada do século XIX para o XX, o processo de modernização do Recife vai acarretar transformações urbanísticas e econômicas, construção de novos espaços de sociabilidade e a difusão de um pensamento higienista-sanitário. As publicações nos jornais e obras que narram o período em questão revelam que o alvorecer da modernidade no Recife foi vivenciado com resistência e dualidade, conceitos como “tradicional” e “novo”, “atraso” e “progresso” estavam presentes nos discursos produzidos pelas classes dominantes.

No início do século XX, o oferecimento dos banhos de mar se desprenderam das prescrições médicas, tornam-se uma prática de descanso e lazer, o estabelecimento passa a atuar como um dos espaços de sociabilidade mais apreciados pelas classes dominantes da época. A sua decadência não colocou fim a sua história, pois evocar e questionar o passado da Casa de Banhos dos Arrecifes é buscar por respostas que nos fazem compreender hábitos, experiências e transformações na paisagem do Recife presentes até os dias atuais.

⁴⁴³ SANTOS, 2002, p. 23.

A antiga Casa de Banhos dos Arrecifes já não se encontra na paisagem da cidade, mas percebemos que sua memória foi preservada por diferentes fontes do saber, desde os jornais, com o discurso emitido por seus proprietários e frequentadores, relatos dos trabalhadores presentes nas reportagens, até os registros eternizados pelas fotografias e cartões postais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo analisar a trajetória história da Casa de Banhos dos Arrecifes, desde a sua fundação ao processo de decadência. Durante o processo de pesquisa das fontes observou-se que as obras historiográficas regionais não contemplavam a história completa da Casa de Banhos, as informações estavam fracionadas em diferentes obras, no entanto percebemos que muitos jornais e revistas do Recife tornaram-se os veículos de comunicação fundamentais para aqueles que desejavam conhecer ou que ainda desejam conhecer a estrutura arquitetônica, quem eram seus frequentadores e suas relações de convivência, quais eram os serviços oferecidos e quais foram os motivos de sua decadência. Esta investigação não se esgotou na leitura dos discursos emitidos nos jornais, adotamos uma perspectiva crítica para analisar as fotografias, cartões postais e charges, pois reconhecemos nestas fontes o valor simbólico dos valores, anseios, expressões dos personagens sociais que o produziram, além de estarem imersas em paisagens que transmitiam as mudanças suscitadas pelo processo de modernização no Recife.

Nos documentos oficiais encontramos, com riqueza de detalhes, informações sobre a relação do primeiro proprietário com o órgão oficial da Marinha, responsável pela liberação dos arrecifes para a construção das piscinas, e a relação com o Estado, através da cobrança de impostos e interesses higienistas no fornecimento de banhos salgados. A observação das fontes nos permitiu traçar a estrutura da dissertação assentada em três capítulos, para o primeiro capítulo percebemos a importância de situar temporalmente e historicamente o leitor sobre os usos da praia nas sociedades europeias e como o pensamento higienista possibilitou a divulgação dos banhos de mar. Para embasar teoricamente essa explanação utilizamos obras que registram os estudos médicos que orientaram as primeiras percepções sobre a praia.

A imprensa e a instituição da medicalização urbana pelo Estado, nos casos de epidemias que assolavam a cidade e outros tipos de doença, vai prescrever a orla costeira como o ambiente favorável para o restabelecimento da saúde. Seguindo essa linha de pensamento, averiguamos que as classes dominantes se apropriaram do discurso médico para legitimar a praia como um local “civilizado”, sua frequência se tornava uma “forma de distinção social”. As publicações nas revistas de moda passaram a divulgar trajes próprios para serem usados durante as estações de veraneio e as poesias demonstravam vínculos emocionais entre o homem e a natureza marítima.

Esse caminho de narrativas e estudo das fontes nos levou a construir o embasamento teórico para o segundo capítulo, que tem como mote a história da Casa de Banhos dos Arrecifes,

desde a sua criação até as reformas e as transformações dos serviços oferecidos pela empresa após a nova direção de Sidney Rhodes.

A análise dos jornais permitiu concluir que a Casa de Banhos dos Arrecifes tornou-se um espaço de sociabilidade bastante apreciado entre as classes dominantes, dotada de boas acomodações, instalada sob os arrecifes e com uma bela vista para o mar, a empresa passou a oferecer festividades solenes, bailes de Carnaval e chás dançantes. A mudança de perfil dos serviços oferecidos estava relacionado as novas percepções sobre a praia e os banhos salgados, que deixaram de seguir as prescrições médicas e tornam-se uma prática de lazer e descanso.

Traçar a trajetória do estabelecimento, segundo as temporalidades de cada reportagem e revistas permitiram concluir que funcionamento da Casa de Banhos refletia a relação de poder existente entre as classes sociais. O estabelecimento destinava-se a classe dominante do Recife e outras regiões, enquanto as classes populares olhavam para o mar como espaço de subsistência onde exerciam suas tarefas diárias como os catraeiros. De acordo com as informações encontradas nas publicações dos jornais, esses trabalhadores do mar atuaram no transporte dos passageiros, sobretudo na fase de decadência do balneário.

A nossa dissertação não se limitou a descrever o período de apogeu do estabelecimento, durante a sua fase como espaço terapêutico e de sociabilidade, no terceiro capítulo procuramos descrever o trágico acontecimento que levou ao seu processo de decadência, o inesperado incêndio que destruiu toda hospedaria, restando só algumas madeiras incineradas e as piscinas naturais para banhos. Esse acontecimento foi marcante para a história do Recife, gerando curiosidade e rumores sobre a causa do incêndio, acreditava-se que o próprio Sidney Rhodes havia colocado fogo no motor para receber o seguro, notamos que esse comentário foi tomado como a verdadeira motivação para o fim da empresa e reproduzido em algumas obras, mas a nossa pesquisa visou ir além dos modelos historiográficos dominantes, procuramos esclarecer de fato a origem do incêndio, quem estava presente no momento e quais foram as principais medidas tomadas pelo corpo de bombeiros e pelas investigações policiais da época. Um estudo comparativo entre as fontes oficiais da Polícia Marítima e do processo da Casa de Banhos arquivado no Ministério da Marinha e os relatos encontrados desembocaram em uma única versão, o proprietário não foi o responsável e a causa foi a explosão no motor.

Vale salientar que o incêndio não foi o único motivo para o fim da Casa de Banhos dos Arrecifes, utilizamos o conceito “decadência” para mostrar o processo gradual do desaparecimento da empresa da paisagem recifense, além do trágico acontecimento, a popularização dos banhos de mar era o prenúncio que seu perfil já não atendia aos anseios da sociedade, o século XX consolidou um novo olhar sobre a orla costeira, reforçou a valorização

das praias do Litoral Sul e os novos vínculos emocionais criados pela Avenida Beira-Mar até a praia de Boa Viagem. Inferimos que a mudança do olhar para o litoral Sul suscitou fenômenos sociais presentes até hoje no Recife, como o processo de popularização dos banhos de mar, atividade voltada para o lazer e a nova relação do corpo com a exposição ao sol. A articulação entre o passado e o presente foi o caminho trilhado nessa dissertação, as respostas encontradas para os questionamentos mencionados na introdução não se esgotam, mas geram luz a novos saberes e revela que a Casa de Banhos dos Arrecifes deve ser notada como um espaço importante para a compreensão histórica do Recife.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Barreto de; OLIVEIRA, Ana Maria Braga de; ARAÚJO, Emanuelle Torquato de Bezerra; GUEDES, Tâmara Albuquerque Leite; CÁRDIA, Maria Cláudia Gatto. **Talassoterapia**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Saude/Saude187.pdf>.

ANNAES DA MEDICINA PERNAMBUCANA (1842-1844), 1977. Estudo introdutório do Prof. Leduar de Assis Rocha. Recife: Secretaria de Educação e Cultura.

ARAÚJO, Édson Augusto Leôncio de. **Ritmos e ritos da cidade**: modernidade e modernização em Limoeiro-PE, 1880-1950. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **A vida ao ar livre**: os banhos de rio, de mar e de sol. CLIO. Série História do Nordeste (UFPE), v. 2, p. 155-184, 2007.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa. Cultura da praia: urbanização, sociabilidade e lazer no Brasil, 1840- 1940. **Acta Científica XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales de Chile**. p.1-8. 2013. Disponível em: http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT23/GT23_deCassiaBarbosa.pdf.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **As praias e os dias**: história social das praias do Recife e de Olinda. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.

ARAÚJO, Silvera Vieira De. **Entre o poder e a ciência**: história das instituições de saúde e de higiene da Paraíba na Primeira República (1889-1930). 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife, 2016.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. **Recife, Culturas e Confrontos**: as camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911. Natal: Editora URN, 1998.

ARRAIS, Raimundo. **O pântano e o riacho**: a formação do espaço público no Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/ USP, 2004.

BARROS, Natália; REZENDE, Antonio Paulo; SILVA, Jaílson Pereira (Org.). **Os anos 1920**: histórias de tempo. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 143-180.

BRAGA, Napoleão Barroso. **Cartas Recifenses**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

CAPI, André Henrique Chabaribery. **Lazer e esporte nos clubes social-recreativos de Araraquara**. 2006. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, São Paulo, 2006.

CAVALCANTI, Vanildo Bezerra. **Recife do Corpo Santo**. Recife: Secretaria de Cultura do Recife, 1977.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial, 1996.

CHARLIER, Roger H.; CHAINEUX, Marie-Claire. The Healing Sea: a Sustainable Coastal Ocean Source: Thalassotherapy. **Journal of Coastal Research**, 25(4), 838-856. Flórida, 2009.

CHERNOVIZ, P. L. N. **Dicionário de Medicina Popular**. Paris: Roger & F. Chernoviz. 1890.

CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CORBIN, Alain. **Território do Vazio: A praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Luiz Pereira da. **Banhos de Mar: Elementos da Hydrotherapia Maritima**. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1882. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/26515>.

COSTA, Maria Clelia Lustosa. **O discurso higienista definindo a cidade**. Mercator, Fortaleza, v. 12, n. 29, p. 51-67, set./dez. 2013.

COUCEIRO, Sylvia. **Artes de viver a cidade: conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer no Recife nos anos 1920**. Recife. 2003. Tese (Doutorado em História). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

DUMAZEDIER, J. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

FABRINI, Vera Maria. **A Talassoterapia: Alternativa para o turismo de saúde e lazer no mar**. III Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, Universidade de Caxias do Sul, 2005. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt11-a-talassoterapia.pdf>.

FARIAS, Gomes Rosilene. Epidemia e poder no Recife Imperial. **CLIO: Revista de Pesquisa Histórica**, n.º. 34.1. UFPE, Recife: Editora Universitária, 2016.

_____. Gomes Rosilene. **Epidemia e sociedade no Recife Imperial**. Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

FREITAS, Joana Gaspar de. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. **Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management**, vol. 7, núm. 2, 2007, pp. 105-115.

FREYRE, Gilberto (Org.) **Livro do Nordeste**. Recife: Arquivo Público Estadual de Pernambuco, 1979.

GAMEIRO, Fernanda Isabel Jorge. **A oferta de Talassoterapia em Portugal**. Dissertação de Mestrado em Turismo de Saúde e Bem-Estar, Escola Superior de Hotelaria do Estoril, 2011. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/18465>.

HAMEAU, M. Impr. de Lavigne jeune (Bordeaux), 1835. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5850930j>.

HAMMERL, Priscyla Christine; OLIVEIRA, Eduardo Romero de. **Destinos de saúde e lazer: história do turismo em Campos do Jordão**. Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006.

HOBBSAWM, Eric. **A era do capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

JÚNIOR, A.F. da Silva. **Estudo sobre os efeitos physiologicos e therapeuticos dos banhos do mar frios**. Porto: Typographia de Manoel José Pereira, 1874. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17221>.

KNEIPP, Mons. Sebastião. **A minha cura d'água ou meu systema hydrotherapico comprovado por uma experiência de mais de 35 annos para o tratamento das doenças e conservação da saúde**. Porto Alegre, 1895.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficção na trama fotográfica**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LEITÃO, António Martins de Elvas. **Climas sob o ponto de vista hygienico e therapeutico**. Porto: Typographia Occidental, 1877, prólogo. Disponível em: <https://repositorioaberto.up.pt/handle/10216/17087>.

LOPES, Gustavo Acioli. **A cruzada modernizante e os infieis no Recife**, 1922-1926. UFPE, 2003.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. **Bairro do Recife: entre o Corpo Santo e o Marco Zero**. Recife-PE. CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

MACEDO, C. C. **Algumas observações sobre a questão da cultura do povo**. In: VALLE, E. QUEIROZ, J. J. (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: EDUC, 1979.

MACHADO, Gisele Cardoso de Almeida. **A difusão do pensamento higienista na cidade do Rio de Janeiro e suas consequências espaciais**. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.

MACHADO, Helena Cristina Ferreira. A Construção Social da Praia. **Sociedade e Cultura 1**, Cadernos do Noroeste, Série Sociologia Vol. 13 (1), 2000, p. 201-218.

MACHADO, Maria Rita Ivo de Melo; ANDRADE, Manoel Correia de. **As transformações espaciais e territoriais do bairro de Apipucos na cidade do Recife – PE: uma contribuição geográfica aos conceitos de espaço e território**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/24.pdf>.

MACHADO, Roberto. **Danação da Norma: a medicina social e a constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MALTA, Albertina Otávia Lacerda. **Memória em sais de prata: fotografias do Recife em instituições memoriais**. 2013. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2013.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2000.

_____. Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. Campinas: Papirus, 1990.

MARIEN, Silvia Trindade. **Trajes de banho no Brasil: modos de olhar e de educar o corpo (1920-1930)**. Campinas, SP: 2008.

MARTINS, Pedro Alexandre Guerreiro. **Contributos para uma história do ir à praia em Portugal**. Dissertação de Mestrado, Lisboa, FCSH-UNL, 2011.

MASCARENHAS, Nelson Lage. **Um Jornalista do Império (Firmino Rodrigues Silva)**. Companhia Nacional. São Paulo. 1961. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/um-jornalista-do-imperio>. Acessado em: 29 de Outubro de 2017.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco: Economia e Sociedade no 2º Reinado**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

MENOIA, Thelma Regina Marialva. **LAZER: história, conceitos e definições**. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Bacharelado em Recreação e Lazer). UNICAMP. Universidade estadual de campinas. Campinas. SP, 2000.

MELO, Victor Andrade de. **O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX**. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n. 23, p. 41-60, 1999.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. de. **Da polícia médica à cidade higiênica**, *In*: Cadernos de Extensão, Recife: UFPE, ano 1, nº I, dez. 1998.

_____. Carlos Alberto Cunha. Os curandeiros e a ofensiva médica em Pernambuco na primeira metade do século XIX. **CLIO**. Revista de Pesquisa Histórica do Programa de Pós-Graduação em História, n.19, p.95-110. UFPE. Recife: Editora Universitária, 2001.

MILFONT, Lícia Barros. **Caminhos das águas: o transporte fluvial no Recife, 1835-1860**. 2003. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MÜLLER, Glaucia Regina Ramos. **A influência do urbanismo sanitário na transformação do espaço urbano em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa da Pós-graduação em Geografia, da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002.

NASCIMENTO, Bruno Nery do. **Entre a “Mendigópolis” e o “Recife Novo”**: reforma urbana, higiene e políticas de saúde para as mulheres no governo de Sérgio Loreto (Pernambuco, 1922 - 1926). 2016. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

NORTON, Luiz. **A corte de Portugal no Brasil; (notas, alguns documentos diplomáticos e cartas da imperatriz Leopoldina)** / Luiz Norton 1ª ed. Ilus.— São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. – (Coleção Brasileira). Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/a-corte-de-portugal-no-brasil-notas-algunsdocumentos-diplomaticos-e-cartas-da-imperatriz-leopoldina>.

O ESPELHO: Revista de literatura, modas, indústria e artes – Ed. Fac-similar – Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, nº19, 2008.

PARAHYM, Orlando. **Traços do Recife: ontem e hoje**. Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

PEREIRA, B. da Costa. **Povoa de Varzim como estação Balnear Marítima (Apontamentos subsidiários)**. Livraria Povoense Editora, 1906. Disponível: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17261>.

PINTO, José Joaquim. **Algumas palavras sobre medicação marítima**. Porto: Imprensa Moderna, 1887. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/16407>.

RIAL, Carmen Silvia. **O Mar de Dentro: a transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição**. 1988. Dissertação de Mestrado. PPGAS/ UFRGS. 1988.

ROCHA, Artur G. G. de L. **Discursos de uma Modernidade: as transformações urbanas na freguesia de São José (1860-1880)**. 2003. Dissertação (Mestrado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Recife. UFPE, 2003.

SANTOS, Anderson Alves dos. **Frente, verso e reverso de um cartão-postal: leituras de paisagens da Praça Nossa Senhora da Boa Viagem – Recife – PE**. 2007. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

SETTE, Mário. **Arruar: História Pitoresca do Recife Antigo**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 1950.

SILVA, Alberto César Rodrigues da. **O Recife nas páginas dos jornais: planejamento urbano e discursos sobre a cidade (1927-1933)**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em História, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/11609>.

SOUSA, José Mendes Moreira Seabra e. **Considerações sobre banhos de mar e hydrotherapia marinha especialmente em moléstias cirúrgica**. Porto: Typographia Lusitana, 1867. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/61768>.

SOUZA Maria Ângela de Almeida. **Posturas do Recife Imperial**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em História, 2002.

STAROBINSKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios; tradução de Maria Lúcia Machado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. **Civilizar, embelezar: a construção de uma cidade moderna. Recife de princípios do século XX**, 2012.

TRÉGUER, Yves. **La Thalassothérapie**. Paris: Éditions Le Cavalier Bleu, 2003.

VALLE, E. QUEIROZ, J. J. (Org.). **A cultura do povo**. São Paulo: EDUC, 1979.

VIEIRA, Ismael. **Combater a tuberculose à beira mar – talassoterapia e sanatórios marítimos entre os séculos XIX e XX**. CITCEM/FLUP, 2001. Disponível em: <https://www.citcem.org/encontro/pdf/new.../TEXT0%20-%20Ismael%20Vieira.pdf>.

ZANCHETTI, Sílvio Mendes. **O Estado e a cidade do Recife (1836- 1889)**. 1989. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo I USP, São Paulo, 1989.

ZUCCONI, Guido. **A cidade do século XIX**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

APÊNDICE A – FONTES UTILIZADAS

Periódicos:

Diario de Pernambuco
Jornal do Recife
Jornal A Provincia
Jornal Pequeno
Diário Novo
O Liberal Pernambucano: Jornal Politico e Social
A Lanterna Mágica
Revista de Pernambuco
Revista da Cidade
União Médica
Sciencia Para o Povo

Documentos oficiais:

Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE.

REGULAMENTO para os banhos salgados sobre os Arrecifes a disposição do publico. O empresário cobrará preço das assinaturas por mês para os banhos como consta nesta tabela, determinada em 16 de setembro de 1886. Arquivo Público.

Relatório da Polícia Marítima de Pernambuco, 2 de Julho de 1924, encontrado no Acervo permanente - Documentos escritos I, do APEJE, nos fundos do PORTO DO RECIFE (PR).

Regulamento da Companhia de Bombeiros de Pernambuco. Tipografia de M.Figueiroa de Faria & Filhos, Recife, 1857

**ANEXO A- FOTOGRAFIAS DA CASA DE BANHOS DO SÉC. XIX E XX,
CONTENDO 120 DOCS. COM FOTOGRAFIAS E NEGATIVOS**



Viúva Maria Rita de Medeiros. Fotografias da Casa de Banhos do séc. XIX e XX , contendo 120 docs. com fotografias e negativos. Guia de Fundos/Arquivos Particulares do APEJE (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).



Festa de Carnaval na Casa de Banhos. Fotografias da Casa de Banhos do séc. XIX e XX, contendo 120 docs. com fotografias e negativos. Guia de Fundos/Arquivos Particulares do APEJE (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

**ANEXO B- FOTOGRAFIAS DA CASA DE BANHOS DO SÉC. XIX E XX,
CONTENDO 120 DOCS. COM FOTOGRAFIAS E NEGATIVOS.**

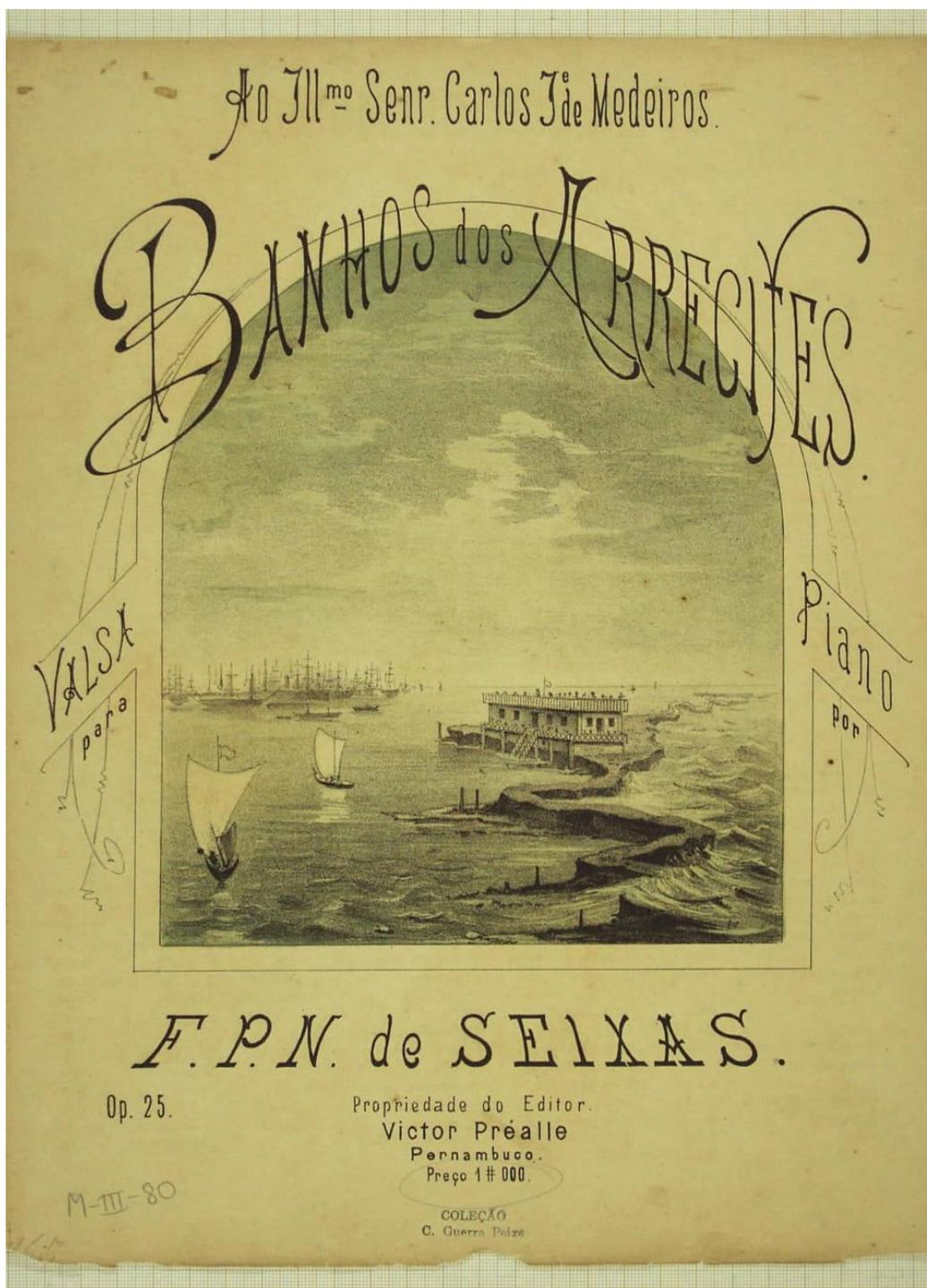


Grupo de pessoas na varanda da Casa de Banhos dos Arrecifes. Fotografias da Casa de Banhos do séc. XIX e XX, contendo 120 docs. com fotografias e negativos. Guia de Fundos/Arquivos Particulares do APEJE (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).



Rapaz fazendo ginástica (RMS). Fotografias da Casa de Banhos do séc. XIX e XX, contendo 120 docs. com fotografias e negativos. Guia de Fundos/Arquivos Particulares do APEJE (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano)

ANEXO C- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.



Autor: Seixas, Francisco de Paula Neves e, sec.XIX. Título: Banhos dos arrecifes: valsa
 para piano: Op. 25. Disponível em:
<http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/16426> Acessado em 12 de
 Novembro de 2017.

ANEXO D- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.

3

BANHOS DOS ARRECIFES .

Introducao. F. P. N. de Seixas, Op. 25.
Tempo de Valsa.

Valsa.

- 223 -

BIBLIOTECA NACIONAL
767.511/12.1.1990 D

Autor: Seixas, Francisco de Paula Neves e, sec.XIX. Título: Banhos dos arrecifes: valsa para piano: Op. 25. Disponível em: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/16426> Acessado em 12 de Novembro de 2017.

ANEXO E- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.

5

- 228 -

Autor: Seixas, Francisco de Paula Neves e, sec.XIX. Título: Banhos dos arrecifes: valsa para piano: Op. 25. Disponível em: <http://bdib.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/16426> Acessado em 12 de Novembro de 2017.

ANEXO F- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.

4

ff *onda*

mf

ff *onda*

mf

1. *f*

2. *onda*

f

pp

- 223 -

Autor: Seixas, Francisco de Paula Neves e, sec.XIX. Título: Banhos dos arrecifes: valsa para piano: Op. 25. Disponível em: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/16426> Acessado em 12 de Novembro de 2017.

ANEXO G- BANHOS DOS ARRECIFES: VALSA PARA PIANO: OP. 25.

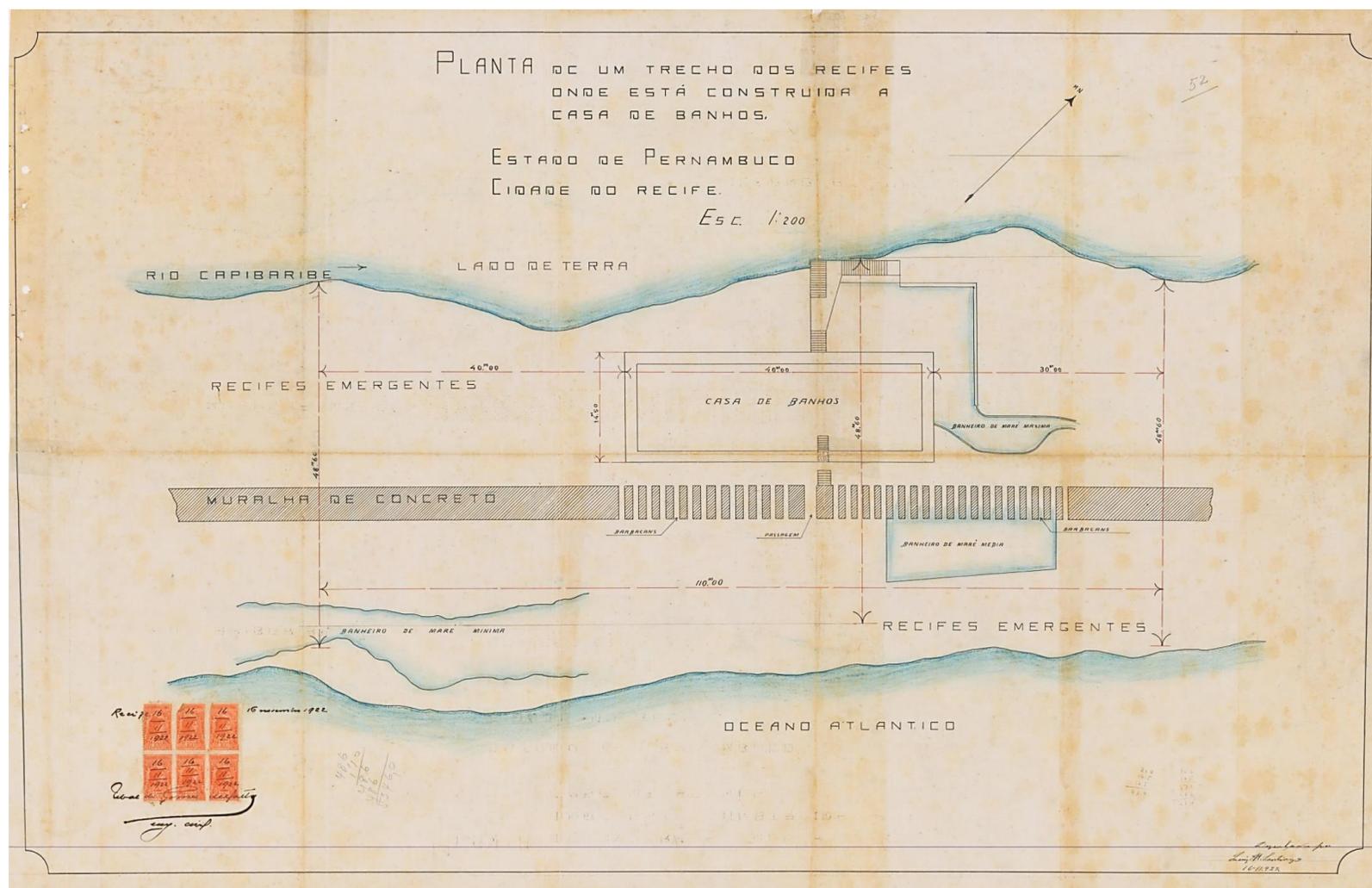
CATALOGO DE MUSICAS							
edictadas pela casa de VICTOR PRÉALLE							
Rua do Imperador Nº 55							
PERNAMBUCO.							
Alfredo	Schottisk	J. V. Torres Bandeira	1:000	Marcha Tryumphal	Marcha	E. Fonceca	2:500
Andorinhas "As"	Polka	H. Albertazzi	1:500	Marche Nationale Brazilienne	"	A. Gambaró	2:500
Ange adorée	R ^o p ^o canto	F. L. Ribeiro Guim ^o	1:000	Maria Tudor	Serenade	E. Fonceca op. 18	1:500
Anjo no Baile "O"	Quadrilha	J. C. da S ^a Araujo	1:000	Maripoza	Mazurka	H. Albertazzi	1:500
Ao Luar	Nocturno	E. Fonceca	1:500	Mimosa	Polka	Enclides Fonceca	1:000
Borboleta "A"	Schottisk	J. V. Torres Bandeira	1:000	Morena	"	J. V. Torres Bandeira	1:000
" "	Valsa	J. C. da S ^a Araujo	1:000	Naninha	Quadrilha	J. C. S ^a Araujo	1:000
Belle "La" Montagnarde	Mazurka	A. Baer	1:500	Noites de S. João	Polka	J. V. Torres Bandeira	1:000
Calouros em folia	Schottisk	Brandão		Ocarina	Quadr ^a	F. P. Neves e Seixas	1:000
Camilla	Mazurka	J. D. C.	1:000	Olhos Travessos	"	E. Fonceca op. 8	1:000
Canto dos Passarinhos	Capricho	H. Albertazzi	2:000	Outeiro Democratico	Polka	D ^o J. S. M.	500
Carnaval Brasileiro	Polka	A. Gambaro op. 24	1:500	O-Xentes Sinhá	"	E. Mosquita J ^o	1:000
Carnaval dos Artistas	Fantazia	H. Albertazzi	2:000	Palmera "La"	Habanera	" " "	1:000
Charmes "Les" de Toulouse	Schottisk	J. C. Barboza	1:000	Perle "La" de l'occeanie	Grande Valsa	A. Gambaró op 27	2:500
Cinco Primos	Quadrilha	A. Gambaró op. 20	1:000	Predilecta	Valsa	Demotrico brandão	500
Cloches "Les" de Courneville	Valsa	Genett	1:000	Presentiments "O"	Recitativo	P ^o Candido F. Cunha	1:000
Club do Juneco	Tango	Collás	1:000	Prompts allivio	Schottisk	J. Coelho Barboza	1:000
Coquette	Schottisk	J. C. Barboza	1:000	Quadrilha dos Arrebalges	Quadrilha	F. P. Neves e Seixas	1:000
Coor Gentil	Rom ^o p ^o cants	Comte de Loredan	1:000	" dos Noivos	"	H. Albertazzi	1:000
Cupidos Grisalhos	Quadrilha	F. L. Collás	1:000	Que Duvida	Valsa	Candido Lyra	1:000
Dans le Ball	Polka Concerts	E. Fonceca	2:000	Recordações do Passado	"	E. M. S. S.	1:000
Dar se-ha acaso?!	Polka	E. Fonceca	1:000	Reflets de mon âme	Mazurka	E. Fonceca	1:000
Dondon	Valsa	J. C. S ^a Araujo	1:000	Reis "Os" na lapinha	Polka	F. L. Collás	1:000
Entre Flôres	Polka	E. Fonceca op 12	1:000	Romper d'aurora	Valsa	Pedro Cezar	1:000
Escuta	Valsa p ^a C ^a	" "	2:000	Rosalia	Polka	H. Albertazzi	1:500
Esperance "L" et l'amour	R ^o p ^a Cants	F. L. Ribeiro Guim ^o	1:500	Ruy Blas	Fantazia	F. Bucellati	2:000
Estrella d'Alva	Valsa	J. C. S ^a Araujo	1:000	Soirée Napolitaine	Siciliana	H. Albertazzi	1:000
" do Norte	"	H. Albertazzi	2:000	Salvator Rosa	Fantazia	E. Fonceca op. 20	2:000
Fantazia Brillh ^o Andaluze	Fantazia	A. Gambaró	2:500	" "	"	" " op. 22	2:000
Fis Electrico	Galope	H. Albertazzi	1:000	Santa Maria das Flôres	Mazurka	A. Gambaró	2:000
Foguettes "os"	Fantazia	A. Gambaró	2:000	Sertanejos "Os"	Schottisk	D. J ^o Marques	800
Folias do Natal	Quadrilha	J. V. Torres Bandeira	1:000	Sem ou Não?	Polka	M ^o P. M. di Oliveira	500
Forget me not	Mazurka	A. Gambaró	2:000	Sinhá	Valsa	V. C. da S ^a Araujo	1:000
Fosca	Fantazia	E. Fonceca op. 21	1:500	Sonneur "Le"	Marche	A. Baer	2:000
Galope Infernal	Galope	C. Lyra	2:000	Sons Festivos	Quadrilha	E. Fonceca op. 10	1:000
Gereba	Tango	F. P. Neves e Seixas	500	Souvenir do Porto	Valsa	H. Albertazzi	1:500
Guarany Ballata	Fantazia Eleg ^o	E. Fonceca op. 19	2:500	Suspiro	Schottisk	J. V. Torres Bandeira	1:000
Guarany	2 ^a Fantazia	" " op. 24	2:000	Tarantella	Tarantella	E. Fonceca	2:000
"	Polka	E. Mesquita J ^o	1:000	Thug	Quadrilha	S. L. Tenorio	2:000
"	Quadrilha	J. C. S ^a Araujo	1:000	Torre em Concurso	Valsa	F. L. Collás	1:500
Hymus a 1 ^o Sald ^o Marinho	Hymno	E. Fonceca op. 14	1:000	Tres dias Antes	Polka	D. J ^o Marques	800
Jaraguense (A)	Valsa	J. Coelho Barboza	1:000	Uma lagrima d'amore	Bacarolla	F. Fazio	2:000
Joven "a" Amelia	Galope	J. C. S ^a Araujo	1:000	Veneziana "La"	"	Comte Loredan	1:000
Laments "o" das Flôres	Reverie	H. Albertazzi	2:000	Vesper	Valsa	D. J ^o Marques	1:000
Lansquenett	Quadrilha	S. L. Tenorio	1:000	Aventuras	Mazurka	Bernardino Garrido	1:000
Laura	Polka	J. C. S ^a Araujo	1:000	Nã me desprezis	"	Leocadio Bello	1:000
Lisongeira "A"	Mazurka	J. Coelho Barboza	1:000				

Autor: Seixas, Francisco de Paula Neves e, sec.XIX. Título: Banhos dos arrecifes: valsa para piano: Op. 25. Disponível em: <http://bdib.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/16426> Acessado em 12 de Novembro de 2017.

ANEXO H- PLANTA DA CIDADE DO RECIFE (1906)

Planta da Cidade do Recife (1906). Disponível em: <https://www.labtopope.com.br/cartografia-historica/>. Acessado em: 22 de Novembro de 2018.

ANEXO I- PLANTA DE UM TRECHO DOS ARRECIFES ONDE ESTÁ CONSTRUÍDA A CASA DE BANHOS.



Fonte: Processo do Ministério da Marinha, referido assunto: Compra e venda, área c/ 5. 436,00- Casa de Banhos Arrecifes Área do Porto de Recife, localizado na Superintendência do Patrimônio da União em Pernambuco/ NUP ou Número de Protocolo Antecedente: 00040.780088/28-09. Arquivo SPU-PE.

